

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 30 DE OUTUBRO DE 1969

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 16 833 ANO 49.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS



Tito, presidente da Jugoslávia, visitou, acompanhado de sua mulher, a cidade de Banja Luka, na Bósnia, semi-destruída por um terramoto. De acordo com as últimas informações, o abalo teria provocado nove mortos

PROJECTO DE GARRASTAZU MEDICI

FAZER DO BRASIL GRANDE POTÊNCIA

BRASILIA 30 — (R.) — Espera-se que o presidente Emilio Garrastazu Medici anuncie um plano a longo prazo para transformar o Brasil numa grande potência quando pronunciar hoje o seu discurso de investidura.

O militar, de 63 anos, que substitui na presidência o marechal Arthur Costa e Silva, que se encontra doente, tem estado a trabalhar no plano, conhecido entre os seus conselheiros como «projecto Brasil — grande potência», segundo fontes desta capital.

As perspectivas do Brasil — o quinto maior país do Mundo — se transformar numa grande potência são baseadas não apenas no seu tamanho, mas também nos seus vastos recursos naturais, incluindo a enorme capacidade hidroelétrica dos seus rios e os grandes depósitos de minério de ferro para fabricar aço.

O brasileiro médio auferia actualmente um rendimento

relativamente baixo e o mercado de consumo é ainda modesto a despeito do tamanho do país. Contudo, se o poder de compra dos 90 milhões de habitantes do país for aumentado, terá um dos maiores mercados internos do Mundo.

Aguarda-se ainda que Garrastazu Medici revele a política externa que o país seguirá no discurso que proferirá no Palácio Presidencial nesta capital ultramoderna.

Um dos pontos principais do seu discurso será a de-

(Continua na 11.ª página)

BOBBY SEALE algemado e amordaçado em tribunal

CHICAGO, 30 — (F. P.) — Bobby Seale, um dos principais «leaders» da organização extremista dos «Panteras Negras», cujo processo decorre actualmente em Chicago, por incitamento ao tumulto quando da convenção do Partido De-

mocrático, no ano passado, foi amordaçado e algemado ontem, por ter insultado várias vezes o juiz Julius Hoffman, de 74 anos, presidente do tribunal.

Hoffman avisou várias vezes Seale, que o tratava por «racista sujo».

O HOMEM OU O «ROBOT»

— DILEMA SOVIÉTICO

NA EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO

MOSCOVO, 30 — (Por Serge Berg, da F. P.) — As Soyuz deviam operar uma junção durante a última experiência espacial soviética? Se deviam, por que não a fizeram? A estas perguntas, que persistem, os sete cosmonautas soviéticos do voo das Soyuz deverão dar respostas na conferência de imprensa que em 4 de Novembro vão dar sob a presidência do prof. Keldych, presidente da Academia das Ciências soviéticas.

Mas é interessante notar que actualmente há uma discussão entre os especialistas soviéticos, incluindo os cosmonautas, quanto ao dilema: preferir no espaço o Homem ou o «robot». O cosmonauta Guerman Berégovoi, duas vezes herói da União Soviética e que foi o primeiro a pilotar uma Soyuz (Novembro de 1968) depois da catástrofe que custou a vida a Vladimir Komarov, a bordo deste novo tipo de nave, reconhece que não há unanimidade entre os cosmonautas soviéticos. Por exemplo, Shatalov (o piloto da Soyuz-8, na última experiência) tem mais confiança nas possibilidades do Homem, ao passo que Elyseev (que estava com Shatalov na Soyuz-8) inclina-se para os sistemas automáticos.

O prof. Blagonravov, eminente especialista da investigação espacial, é da opinião de Elyseev. O prof. Boris Petrov é menos categórico. Embora as possibilidades dos sistemas automáticos aumentem de dia para dia, diz, a preferência deve ir para os voos tripulados, quando se trata de missões à volta da Terra, vista a sua importância ser não só científica mas também económica.

Quanto à importância que é dada aos voos tripulados relativamente aos voos automáticos nos programas espaciais soviéticos, o professor disse que na U.R.S.S. os dois programas se conjugavam e não estavam em oposição.

O Prémio Nobel da Física para o americano Gell-Mann

ESTOCOLMO, 30. — (R.) — O Prémio Nobel da Física, de 1969, foi hoje atribuído ao professor norte-americano Murray Gell-Mann.

O dr. Gell-Mann que trabalha no Instituto de Tecnologia de Pasadena, na Califórnia, foi contemplado pela Academia Sueca das Ciências, devido à sua contribuição e descobertas relativas à classificação de partículas elementares e sua interacção.

O prémio totaliza 350 000 coroas.



MURRAY GELL-MANN, cientista norte-americano a quem foi atribuído o Prémio Nobel da Física, de 1969

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Estas são algumas das 350 alunas da Universidade flutuante norte-americana que hoje voltou a Lisboa. Com elas viajam 150 colegas masculinos e 50 professores e assistentes. Cada aluno paga 90 contos para esta viagem de estudo através do Mundo (Ler na central)



Edição da noite

NORMALIZAÇÃO DA VIDA SINDICAL DOS PROFISSIONAIS DE PROPAGANDA MÉDICA

Na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Propaganda Médica, realizada, amanhã, às 21 e 30, a eleição dos novos corpos gerentes daquele organismo, onde se processa uma normalização da vida sindical.

Este acto eleitoral foi comunicado à classe dos delegados de propaganda médica por uma circular, assinada pelo presidente interino da C. A., sr. Henrique José Parente, que indica o seguinte:

«Para não dar origem a interpretações duvidosas, diferentes daquelas que se pretendem com o presente documento, é bom que, antes de mais, fique esclarecido que a presente circular tem, exclusivamente, três objectivos que só por razões de ordem económica ficaram reunidos num mesmo exemplar.

Assim: 1. Dar-lhe conhecimento que o colega sr. Fernando de Andrade e Silva Guimarães foi e é onerado (pela entidade competente) das funções de membro da Comissão Administrativa deste Sindicato.

Dado que, à data, (26-9-69) desempenhava o cargo de presidente, este lugar passou a ser preenchido, provisoriamente, pelo secretário, sr. Henrique José Parente, conforme o estipulado no art. 4.º, n.º 1, dos nossos estatutos.

O lugar de tesoureiro não sofreu alteração.

2. Dar-lhe conhecimento que em dado momento das minhas funções dentro do Organismo, tive ocasião de constatar certas irregularidades — a mais grave das quais, desvio de dinheiro da tesouraria — pelo que imediatamente os factos foram comunicados superiormente à entidade competente e, ao mesmo tempo, dada a gravidade dos mesmos, à Polícia Judiciária.

Como consequência desta última participação, no dia 20 do mês transacto este último Organismo premiou o presidente desta Comissão, sr. Fernando de Andrade e Silva Guimarães, e ainda um outro funcionário dos serviços internos deste Sindicato.

Simultaneamente, dois inspectores da I. O. C. estão a proceder a averiguações com vista ao apuramento da matéria que, especificamente, lhes diz respeito.

3. Relembra-lhe o disposto nos nossos estatutos no capítulo VI, dado que estamos a poucos dias da eleição dos novos corpos directivos deste Sindicato.

E, após a transcrição dos artigos estatutários que regulam o acto eleitoral na aquele sindicato, a circular acrescenta:

«Outras questões urge esclarecer, ainda e para os fins que o colega entender por convenientes:

a) Chegou há pouco ao meu conhecimento que tinham sido enviadas diversas circulares à massa associativa algumas delas até de carácter agressivo.

Tais questões tinham sido assinadas com a rubrica «Pela Comissão Administrativa», e, segundo parece, outras com as assinaturas individuais dos três elementos constitutivos da referida Comissão.

b) O desconto mensal de 2 por cento sobre os vencimentos.

c) O desconto actual (e a

partir de Junho do corrente ano) de 0,75 por cento.

d) Disposições gerais da C. A.

e) Os actuais desvios de dinheiros.

Posso responder, embora não esquecendo as minhas obrigações respeitantes ao cargo, que:

a) Nunca assina qualquer circular ou sequer documento informativo, nem deleguei nos restantes elementos da C. A. autoridade para o fazerem por mim.

Também nunca fui consultado previamente sobre o conteúdo e envio dos referidos documentos, só vindo a ter conhecimento deles posteriormente e em situação já de não os poder criticar ou submetê-los a discussão.

b) No que diz respeito às alíneas «b», «c», e «d», tudo se passou e foi determinado, sem meu conhecimento ou prévia auscultação.

c) Quanto a este facto, além das minhas funções (secretário) em nada estarei ligadas aos serviços de

tesouraria, na prática também nunca contactei com quaisquer valores deste sindicato, estando a Polícia Judiciária a proceder a averiguações com vista a apurar quais os responsáveis por estes desvios.

Por razões especiais, estou impedido de relatar outros pormenores referentes a estes «desvios», mas posso informar que os principais responsáveis já foram identificados.

Se o resultado de todos estes inquéritos chegar ao meu conhecimento ainda no exercício das minhas actuais funções, ficarei o colega informado também do desenrolar dos acontecimentos.

Todavia, não deve ser provável, dada a dificuldade e complexidade dos referidos inquéritos. Assim essa informação ficará ao critério da Direcção que ocupar o cargo na data conveniente.

Assim a classe dos Profissionais de Propaganda Médica vai regularizar a sua situação sindical, em eleições que, depois de terem estado marcadas para 18 de Julho, foram, com o patrocínio do ministério das Corporações e através de uma interpretação dos Estatutos marcada pelo antigo presidente do S. N. P. M. para o dia 31 de Outubro.

A R.T.P. FOI ELEITA PARA O SUBGRUPO DE PLANEAMENTO DA U.E.R.

A R.T.P. acaba de ser eleita para o subgrupo de Planeamento do Grupo de Estudos de Programas de Actualidade da U.E.R. (União Europeia de Radiodifusão).

Para o mesmo subgrupo foram eleitos os organismos: ARD e ZDF (Alemanha), BBC e ITA/ITCA (Grã-Bretanha), ORTF (França), RAI (Itália), RTB/BRT (Bélgica), SRG (Suíça), ORF (Áustria), SR (Suécia) e DR (Dinamarca).

O novo subgrupo da U.

E.R. foi criado recentemente em Londres, numa reunião que decorreu de 16 a 18 deste mês. Incumbe-lhe especialmente estudar as perspectivas de desenvolvimento de notícias nos próximos anos, preparar propostas sobre a forma, frequência, extensão geográfica e horários futuros das transmissões de notícias e examinar a aplicação de sistemas de repartição de despesas. Estas propostas devem basear-se nas necessidades futuras dos jornais dos vários organismos de TV membros da U.E.R.

Ford Tractor — 1,5 por cento das exportações da Bélgica

Um novo programa de expansão da Ford Tractor (Belgium) Ltd., foi anunciado pelo director-gerente da empresa, sr. Pierre Lagasse, durante uma reunião.

A primeira parte do novo programa (que visa o alargamento das instalações existentes, perto do «plant» original) implica um investimento de mais de 10 milhões

de dólares. O edifício, construído no outro lado da nova estrada, cobrirá uma área de 10 mil metros quadrados, e abrigará as operações mecânicas suplementares, proporcionando emprego a várias centenas de pessoas, a partir de 1971. A Ford Tractor (Belgium) Ltd., contribui com cerca de 1,5 por cento da exportação total da Bélgica, e com 66 por cento da exportação do País em maquinaria agrícola, o que a coloca na vanguarda em relação aos outros produtores.

ora diga-nos...

— Quantas vezes, por mês, vai ao cinema?

Nem só de pão vive o homem. Também vive de «fitas» — e que fitas!



● Jorge Manuel Jesus Martins, de 17 anos, começa por nos dizer que vai aí umas 10 vezes.

— Ih! Não tem mais que fazer?

— Claro que tenho.

— Então gosta muito de cinema?

— Nem por isso. Prefiro a bola.

— Não percebo. Por que é que vai tantas vezes ao cinema, se não gosta?

— É para levar a pequena...

● — Vou aí umas duas vezes — responde D. Maria de Jesus Leal Correia, doméstica — o cinema é o meu divertimento preferido. Vou sempre acompanhada do meu marido e da minha filha. Não vou mais vezes porque a televisão também me entretém a gente.

— Só por isso.

— Bem, os preços dos bilhetes pesam na economia de uma casa...



● — Não sou de Lisboa, só cá estou há uma semana — declara o sr. Manuel Antunes dos Santos, ajudante de camioneta — Sou do Funchal. Desde que cá estou ainda não fui ao cinema.

— E no Funchal?

— Era raríssimo. A gente acaba o trabalho tarde, o que quer é ir para a cama.

— Qual é o seu divertimento preferido?

— É o Max.

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
PORTUGUÊS

CURSOS:

INTENSIVOS
SEMI-INTENSIVOS
NORMAIS

Todos os graus

INFORMAÇÕES
E INSCRIÇÕES:



RUA MARQUÊS DA BANDEIRA, 16
(Junto à estação do Metro de S. Sebastião)

Telefs.: 51496 - 534054 - 534052

ACABA DE SAIR

A RUÍNA

por HENRI TROYAT

MAIS UM ROMANCE DA SÉRIE «OS EYGLETIÈRE»

1 vol. c. 460 págs. 60\$00

Clássica Editora — Restauradores, 17 — Lisboa

LICEU

CICLO PREPARATÓRIO—CURSO COMERCIAL
ADMISSÃO INSTITUTOS — LÍNGUAS

Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.

● ESCOLA SÃO VICENTE:

Rua do Paraiso, 28 — Telef. 865904

● EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL:

Rua Edith Cavell, 8 (ao Chié) — Telef. 820221

● EXTERNATO ALVARES CABRAL:

Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfca) — T. 706974

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

AO COMÉRCIO DA BAIXA

Grande organização de malhas de novidade pretende montar boa secção deste ramo, em condições a combinar. Resposta a este Jornal ao n.º 123.

EDUARDO PIMENTA SERRAS

O sr. Eduardo Pimenta Serras, vendedor de automóveis e sócio da «Tabacaria Luzinha, Lda», na Avenida Gago Coutinho, 101-A, que reside na rua Reinado Ferreira, 5, 1.º, dit., procurou-nos a propósito de uma notícia incluída na nossa edição do dia 27 e na qual se dá o seu nome como «procurado pela Polícia».

Na verdade, a notícia surge muito fora de tempo, pois o sr. Eduardo Pimenta Serras, tanto quanto nos foi informado, ontem, pelo agente Ruivo da P. J., apresentou-se naquela Polícia no passado dia 15, a regularizar a sua situação com a Justiça.

Perante este caso, pedimos desculpa ao visado pela notícia que terá, porventura, afectado a sua situação em esclarecimento judicial.

**PROFESSOR
CARLOS LARROUDÉ**
OUVIDOS — NARIZ
— GARGANTA

Retoma a clínica no dia
3 de Novembro

Av. da Liberdade, 129-1.º
Telefone 320431

O DESAFIO DOS MILITARES (Conclusão)

A EVOLUÇÃO DO PERU
SERÁ IRREVERSÍVEL?

Depois de nacionalizar os bens da sociedade americano-canadense I. P. C., o governo militar peruano promulgou, a 24 de Junho passado, uma lei de reforma agrária, que representa um duro golpe para a oligarquia fundiária e para os monopólios estrangeiros, mas que poderá permitir que as massas indígenas e os camponeses proletários se libertem do subdesenvolvimento.

LIMA — A Junta peruana terá enveredado por um processo irreversível? Ainda não é seguro. Ainda não se disse a última palavra na querela desencadeada pela expropriação do I. P. C. e os triunfos conjugados da oligarquia local e das grandes sociedades estrangeiras continuam a ser poderosos. Não basta apreender os bens de uma companhia petroléira e tirar uns milhares de hectares a sociedades estrangeiras para abolir relações de dependência tão complexas como as que ligam o Peru aos E. U. A.

Para darmos so um exemplo: os investimentos privados americanos, na indústria do cobre peruano, elevam-se a cerca de 700 milhões de dólares (cerca de 21 milhões de contos), o que representa uma soma equivalente à que os novos dirigentes de Lima reclamam da I. P. C. pela sua exploração «ilegal» do subsolo peruano, desde 1924. Os «conselheiros» do Departamento de Estado fizeram ver ao presidente Velasco Alvarado que a retirada de investimentos tão importantes «seria mais prejudicial para a economia peruana que a suspensão do auxílio público, no caso de a emenda Hickenlooper vir a ser aplicada».

O apoio financeiro da indústria e do comércio peruanos pelos bancos particulares norte-americanos representa mais de 150 milhões de dólares (cerca de 4500 000 contos). Basta que os bancos, «congelem» os créditos, para que o modesto aparelho industrial peruano cesse de funcionar. As indústrias mineiras, as redes de caminho-de-ferro, a indústria da pesca e da farinha de peixe, as plantações agrícolas da costa e da sierra, o comércio de export-import, as fábricas de montagem de veículos automóveis, etc., estão sob o «controle» directo ou indirecto do capital estrangeiro, bem como a produção da energia eléctrica e as telecomunicações.

A questão dos direitos de pesca

A indústria da pesca e da farinha de peixe, na qual os interesses americanos figuram com 40 %, é um sector muito mais «sensível» que o do petróleo. A campanha da imprensa, desencadeada pela *Standard Oil*, após a expropriação da sua filial canadiana, instalada no Peru, não conseguiu alterar a atitude do Governo dos E. U. A. Em compensação, o lobby dos armadores americanos da costa do Pacífico inter-

veio com êxito depois do caso *San-Juan*: o atunheiro americano que foi atacado à metralhadora por uma unidade da Marinha peruana, aquém do limite das águas territoriais, reivindicado pelo Peru. O senador republicano da Califórnia, Robert Murphy, pediu ao Congresso de Washington o reexame do tratado interamericano de assistência mútua, de 1957. O representante do Estado de Washington, Thomas Pelly, sugeriu que os barcos de pesca norte-americanos passassem então a ser escoltados por *destroyers*. O agravamento da crise entre Lima e Washington, entre

vestimentos efectuados na indústria. Sob este ponto de vista, a banca é o sector-chave da economia peruana. Estreitamente ligados aos bancos americanos, os bancos peruanos controlam todos os sectores da actividade económica da nação. As mesmas pessoas pertencem aos conselhos de administração das grandes plantações, das empresas industriais, das companhias de seguros e de import-export.

A lei de reforma agrária prevê que o Banco de Fomento do Estado possa aceitar os «bonus» entregues a título de indemnização devida pelas expropriações «se servirem para o financiamento até 50 % do valor de uma nova empresa industrial». Podemos, pois, supor que a importância dos investimentos necessários permitirá que os

da progressiva diminuição dos investimentos estrangeiros e da supressão definitiva do «auxílio» norte-americano.

Os militares manifestam agora a vontade de ir em frente. «A nossa revolução não é marxista», declarou o general Velasco Alvarado, em princípios de Agosto, «é nacional e continuará». A nacionalização de todos os recursos em água (rios, lagos, etc.) seguiu-se a esta proclamação. Esta medida, importante e esperada, deve permitir um plano de irrigação nacional, e quebra o monopólio dos grandes proprietários sobre as reservas de água. A nacionalização de cinco companhias de telefones e telégrafo é um primeiro passo para o «controle» das comunicações pelo Estado.

O general Velasco Alvarado anunciou, igualmente, uma reforma da Constituição (os analfabetos obteriam o direito de voto, o que poderia revolucionar totalmente os dados políticos tradicionais) e uma reforma da empresa («um processo que não implique o desaparecimento da propriedade privada», segundo um dirigente da Junta). Mas em Lima não se porá já a questão de uma reforma urbana que tenha qualquer analogia com a que se desenvolve em Cuba. Vários conselheiros do Governo militar procuraram, ultimamente, tranquilizar Washington, insistindo na eventualidade de «próximas eleições gerais» e no «carácter estritamente nacionalista da revolução».

Evocando as relações entre Washington e a América Latina, o escritor guatemalteco Juan José Arévalo falava do «tubarão e da sardinha». A contradição entre Lima e Washington faz pensar mais no jogo cruel do gato e do rato.

Por MARCEL NIEDERGANG

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Março e Julho — Ilustrado pela supressão do auxílio militar e pelas pressões directas exercidas em Lima pelo enviado especial do presidente Nixon — explica-se mais pelos incidentes com os barcos de pesca americanos do que pelos contratempos da I. P. C.

O Governo de Washington mostrou disposições mais conciliatórias a partir do momento em que os dirigentes peruanos deixaram entrever que poderia encontrar-se uma solução para o problema dos «direitos de pesca», sob condição de se aceitar o princípio da soberania sobre as 200 milhas. A outorga de «licenças de pesca» pelo Governo de Lima aos armadores americanos é uma solução possível.

Mas o verdadeiro perigo para a indústria de pesca peruana reside na concorrência dos barcos americanos ultramodernos.

A sua presença, actualmente «clandestina» (do ponto de vista de Lima) mas que poderia ser «autorizada» na precedência de um acordo, ameaça o sector da indústria de pesca peruana, que escapa ainda ao «controle» americano. Em certa medida, o conflito sobre o limite das águas territoriais surge assim como uma querela entre os armadores californianos e as sociedades americanas instaladas mesmo no Peru.

Este diferendo ilustra as dificuldades da luta empreendida pela Junta. Os melhores observadores da realidade peruana mostram bem que o poder económico da oligarquia tem a sua origem na exploração agrária, mas que este poder depois se diversificou e ampliou em razão dos in-

capitais estrangeiros (e só eles) aumentem o seu domínio sobre a industrialização do país.

O estabelecimento de um «controle» dos câmbios e a nacionalização dos bancos representariam, sem dúvida, um golpe muito mais duro para a oligarquia e para os interesses estrangeiros que a lei de reforma agrária. Mas estas medidas seriam, provavelmente, a qualificação de «comunistas» por aqueles que detêm ainda as alavancas de comando económico. Aliás, é de excluir que a Junta preveja actualmente tais medidas. Mas, não adoptando disposições rigorosas no domínio fiscal e económico, os dirigentes peruanos não poderão deixar de estremecer à ideia

ECOS

A poesia desempenha em qualquer país e, por múltiplas circunstâncias, muito especialmente no nosso, um relevante papel na totalidade da cultura. É justo e necessário assinalar aqui desde já a qualidade invulgar, feita de equilíbrio, penetração, rigor, receptividade profunda, que confere um lugar à parte na nossa produção ensaística (de história e exegese da poesia) ao estudo e antologia de Fernando Guimarães intitulado «A poesia na Presença e o aparecimento do Neo-Realismo». A recolha de poemas é acertada, não só pela eleição dos mais belos e significativos, mas pela importância de que se revestem muitos deles como documentos de época, com carácter programático ou polémico. A análise profunda e subtil de Fernando Guimarães, distinguindo um primeiro e um segundo modernismo (sendo o primeiro o dos poetas do «Orfeu» sem excepções), ambos marcados pela tentativa de abrir novas possibilidades à palavra poética, considera entre ambos o nacionalismo literário e o presencismo. Um dos capítulos mais densos e originais do ensaio é o que respeita a «Equivocos da linguagem: da polémica com António Sérgio ao aparecimento do neo-realismo».

SEGUNDO correspondência de Edouard Saab inserta no *Le Monde* estão em curso em Beirute diligências de alguns «notáveis» bem-intencionados, com vista a encontrar-se uma solução conciliatória, que evite o recontro maciço das forças armadas com os fedayin, pois tal só poderia concorrer para o aparecimento no Líbano de um «segundo Israel», em benefício do inimigo comum.

UM artigo muito objectivo de Jean Wetz publicado no *Le Monde* testemunha como, sem abdicar um milímetro das suas convicções marxistas, a equipa dirigente da Roménia, concentrada em torno de Ceausescu, está negociando novo acordo comercial com a Benelux e preparando simultaneamente o equipamento turístico do país e a saída dos romenos, em visitas culturais, para os países do ocidente europeu. Em Bruxelas fala-se de «autêntica explosão nuclear num sentido pacífico». Nada disto, evidentemente, é alheio ao triunfo de Willy Brandt e à sua política de desanuviamento na Alemanha Federal.

RECTÂNGULOS DA VIDA

NO TÁXI

O homem atirou-se para dentro do táxi, bateu com a porta, disse em voz apressada:

«Rua tal, número tantos».

Era médico e estava sem carro desde a véspera, porque os motores são como as pessoas e têm os seus climas gerais e até os seus especialistas. Da suas doenças nem é bom falar.

Não olhou para a cara do motorista, como é óbvio. Os motoristas de táxi são indivíduos sem cara, só com olhos às vezes, no espelhinho retrovisor. Aquele, porém, voltou-se um pouco logo que o carro se pôs em andamento, e tinha um vago sorriso aos cantos da boca.

«É o fulano, não é?»

O médico teve um leve sobressalto, não soube logo porquê. Algo, no entanto, estava errado naquele começo de conversa. Ele não era o fulano mas o dr. Fulano ou até o sr. dr. Fulano para um homem como aquele.

«Sou», respondeu em todo o caso. «Eu bem me parecia. Tenho uma destas memórias para caral! Mas talvez o tenha visto, de vez em quando, ao longo destes anos... Sou o Cicra-

no, lembra-se? Do Camões! Fomos colegas de carteira no terceiro. Depois o meu pai morreu, desgraças, tive que desistir. Não se lembra?

Havia uma certa ansiedade na pergunta. Não se lembra? Lembra-se por favor. No Camões. Colegas de carteira.

O médico procurava, tateando. E de súbito lembrou-se. Foi estranho como se lembrou tão bem. Um rapazinho moreno, de cabeleira revolta e óculos. O Cicrano, pois.

«Lembro-me, «pá!» exclamou. E encontrou a palavra «pá» como que esquecida também, na carteira que ambos tinham habitado. «Uma destas!

Por
MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO



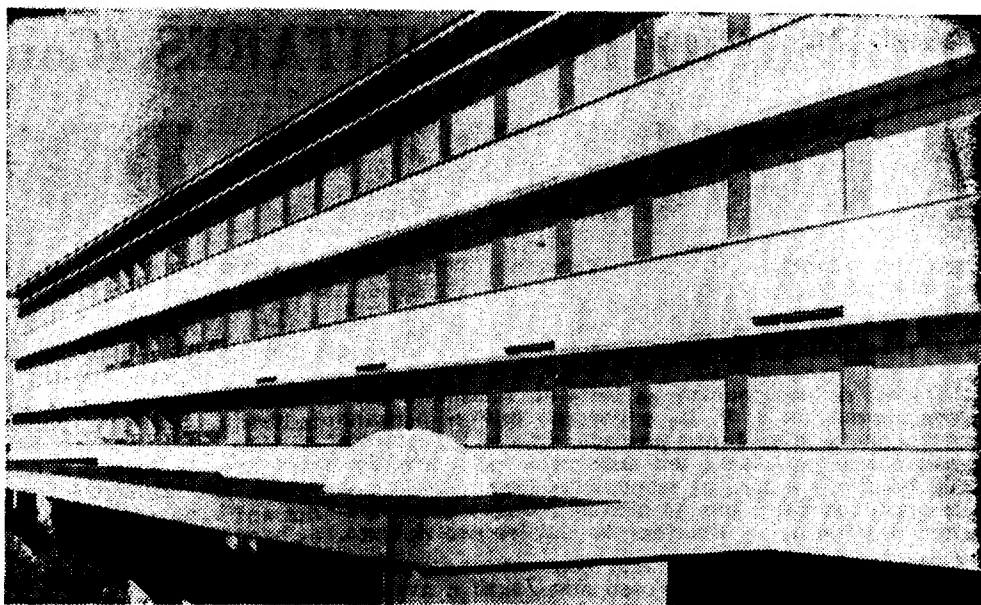
A Liga Portuguesa Contra o Cancro promove amanhã o seu peditório nacional

Mais uma vez, a Liga Portuguesa Contra o Cancro, instituição cuja acção no combate a um dos mais terríveis males que afligem a humanidade tem favorecido milhares de pessoas, vai promover o seu peditório nacional, que decorrerá de amanhã até domingo.

Todos os esforços se conjugam para que o tradicional peditório obtenha, pelo menos, o êxito dos anos anteriores, angariando fundos que permitam manter com eficiência as actividades da Liga — bem conhecidas do público que lhe tem oferecido o mais decidido apoio —

e ampliar os objectivos da obra já realizada. Com efeito, a luta contra o cancro é um empreendimento que não pode nem deve esmorecer e que nunca pode considerar-se concluído. Porque se trata de uma empresa de carácter colectivo — só pela conjugação dos esforços se obterão resultados positivos — todos são chamados a colaborar nela, de modo a proporcionar o robustecimento e a expansão dos meios de combate à doença na medida em que se multiplicam e evidenciam, progressivamente, as causas que podem favorecer a

As organizações às quais cabe a orientação e a execução do combate ao cancro necessitam, pois, de aumentar, sem desfalecimento, as suas possibilidades, tanto quanto precisam de alargar sucessivamente o seu campo de acção. De resto, o público, tem evidenciado perfeita compreensão do alcance humano da acção desenvolvida pela Liga, ao corresponder da forma mais favorável aos apelos que lhe têm sido dirigidos. E a verdade é que, em grande parte — a maior talvez — tem sido graças à generosidade popular que a Liga Portuguesa Contra o



A necessidade de incrementar permanentemente a luta anticancerosa provoca investimentos vultuosos como os destinados à construção de novos edifícios

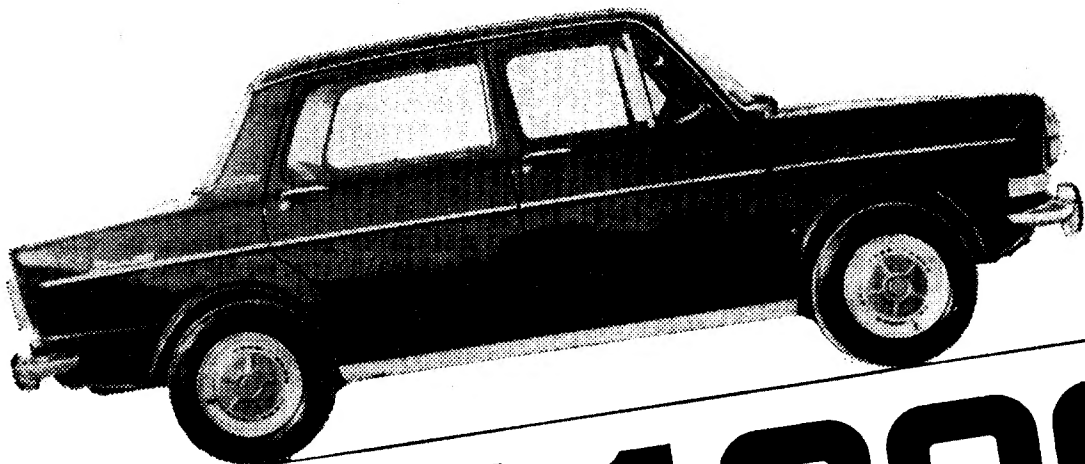
Cancro tem podido desempenhar um relevante papel na divulgação dos problemas oncológicos; na assistência

aos cancerosos necessitados e em muitos outros sectores fundamentais da armadura anticancerosa; consultas de profilaxia, preparação de técnicos especializados, investigação, serviço social, assistência domiciliária, angariação de sangue, simpósios científicos, nos quais, no ano passado despendeu verbas que atingiram o montante de quase nove mil contos. Para se avaliar a acção desenvolvida por este organismo basta apontar que, em 1968, foram tratados 4774 doentes internos e 27 914 externos, correspondendo, respectivamente, a 98 369 e 125 339 dias de tratamento; foram ministrados 1883 tratamentos de Curioterapia; 8741 de Fisioterapia; 36 071 de Roentgenoterapia; 29 427, de Telegamaterapia e 75 de Isótopos; no Laboratório de Análises Clínicas, fizeram-se 55 287 análises várias; no de Anatomia Patológica, 14 345 análises histológicas; no Laboratório de Endocrinologia, 3397 exames; no de Imunologia, 2622; e no de Patologia Experimental, 96 estudos

cromossómicos. Efectuaram-se, ainda, 3562 electrocardiogramas, 425 electroencefalogramas e 26 896 radiografias. Foram ministradas 6071 transfusões de sangue, correspondendo a 2 422 050 centímetros cúbicos e realizadas 2775 operações de grande cirurgia e 9466 de pequena cirurgia.

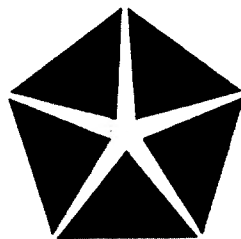
Acrescente-se a tudo isto uma acção social que inclui assistência moral e física, fornecimento de próteses e outros aparelhos medicinais, bolsas de estudo, valorização profissional médica e de enfermagem, equipamento, melhoramento de instalações e poderá ficar-se com uma ideia, embora aproximada, do volume dos fundos de que a Liga carece para levar a bom termo a nobre e ingente tarefa que se impôs.

Dal a confiança com que encara a iniciativa do seu peditório nacional deste ano, segura de que, mais uma vez a população não deixará de contribuir para uma obra de que sabem que são as verdadeiras e únicas beneficiárias.



SIMCA 1000

1 CARRO PARA DESTACAR ENTRE MIL



Há muito que exigir do carro que se escolhe. Prefira o **SIMCA 1000** e ele surpreende-o com o que tem para lhe oferecer. É um carro grande de pequenas dimensões com quatro portas!!! Proporciona um ambiente de luxo e de conforto surpreendente, para si e para as pessoas que V. quiser presentear com um passeio. Verdadeira "performance", aceleração rápida, construção segura, 4 velocidades sincronizadas. E mais: É um carro para "fugir" no tráfego e para deslizar na estrada a boa velocidade sempre que necessário.

Agentes em: Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Funchal, Guarda, Leiria, Lisboa, Malaposta, Ponta Delgada, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, S. João da Madeira, Tomar, Torres Vedras, Vila Real e Viseu.



CHRYSLER DE PORTUGAL AUTOMÓVEIS, LDA

...em todo o país encontrará a estrela Chrysler!



Livraria BERTRAND

FUNÇÕES DA PINTURA

Fernand Léger

Postulando uma arte integrada na civilização técnica, Léger situa a pintura relativamente à arquitectura moderna, assinala a importância do maquinismo e dos espectáculos colectivos como o circo ou o cinema. Hoje, que se tornou urgente definir uma estética de conjunto, este livro constitui uma reflexão profunda e de flagrante actualidade sobre a arte da nossa época.

Prefácio de Roger Garaudy

Volume de 208 páginas com reproduções do autor



Enciclopedia de bolso bertrand

Externato SÁ DE MIRANDA

PRIMÁRIO • C. PREPARATÓRIO • LICEAL

• Inexcedível Corpo Docente
• Instalações funcionais e aprazíveis

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A ESTEFANIA)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «O homem de Kiev» («The Fixer»)
REALIZAÇÃO — John Frankenheimer (1969).
INTERPRETES — Alan Bates, Dirk Bogarde, George Brown, Hugh Griffith, Elizabeth Hartman, Ian Holm, David Warner, etc.

Baseado num romance de Bernard Malamud («The Fixer»), que em 1967 fora premiado com o Pulitzer, John Frankenheimer (o autor de, entre outros, «O Prisioneiro de Alcatraz», «O Candidato da Manchuria», «Uma Segunda Vida», «Sete Dias em Maio», «O Comboio» e «Grande Prémio») dirigiu «O homem de Kiev», ontem estreado no Cinema Império. Entre Malamud e Frankenheimer encontramos a assinatura de Dalton Trumbo, um argumentista de justo reno-

me em terra americana (para além de pertencer à lista dos dez de Hollywood, Trumbo é o responsável pelos scripts de «Spartacus», «Homem Sem Rumor», «Exodus» ou «Adeus Ilusões»). Da conjugação de todos estes predicados nasceu uma obra indiscutivelmente importante, um libelo violento, um retrato vigoroso e cruel da Rússia do Czar Nicolau II. Obra que desde já afirmamos ser um filme a não perder, dados o seu incontestá-

vel talento narrativo e o poderoso testemunho humano que encerra. «The Fixer» inspira-se no famoso «processo Beiliss», caso que se celebrou na Rússia, no ano de 1911, em virtude da prisão de um judeu humilde, Mendel Beiliss, que fora surpreendido nos arredores de Kiev pelas milícias negras do Czar. No filme, Beiliss chama-se Jakov Bok. É judeu e humilde. Vive no campo (numa *shtetl*) e depois na cidade (num

ghetto). Assiste a massacres injustificados e aprende a subir na vida à custa própria. Como o seu rosto o não denuncia, faz-se passar por cristão, aceita trabalhar fora do *ghetto*, penetra na metrópole de Kiev. Escondido, procura passar despercebido. Aceita empregos e situações duvidas, resiste ao convite formal da filha do patrão (que mais tarde o acusará de violação) e acaba por ser denunciado e

(Continua na 8.ª página)

UM TEMA ALTAMENTE OUSADO!

UMA MULHER MADURA
 E UM JOVEM
 OBCECADO,
 ATRAÍDOS
 UM PARA O OUTRO,
 TORNAM-SE ESCRAVOS
 DOS SEUS PRÓPRIOS
 ARREBATAMENTOS!

ESTREIA

HOJE
 ÀS 21,45

estúdio
444



desejo perverso

"grazie zia"

ADULTOS

LISA GASTONI * LOU CASTEL

GABRIELE FERZETTI

FILMES OCIDENTE

ABC

Às 20.45 e 23 h.
 Adultos

ENA, JÁ
 FALA!

SÓ ATÉ DOMINGO

A REVISTA DOS
 PARODIANTES
 DE LISBOA

COM

CAMILO, FLORBELA,
 com as atracções PAULA
 RIBAS, RUI DE MAS
 CARENHAS

Um espectáculo de
 VASCO MORGADO
 em QUINTO MÊS
 com lugares desde 10\$00

MONUMENTAL

HOJE
 em DUAS SESSÕES
 20.45 e 23 horas
 (ADULTOS)

L-FEIRA, ESTREIA NO SÁ DA BANDEIRA — PORTO



SÓ ATÉ DOMINGO

NO TEATRO

VARIEDADES

5.º MÊS

VASCO MORGADO
 apresenta

— HOJE —
 A NOITE, às 21.45 h.
 (Adultos)

2 HORAS A RIR
 com
 UM CASO MUITO
 SÉRIO
 A MULHER é igual,
 superior, ou inferior
 ao HOMEM



TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

com HENRIQUE SANTANA * IRENE ISIDRO * CUSTINHA * LIA GAMA * MARIA HELENA * LUISA D'URÃO * DAVID SILVA * HELENA ISABEL * BENJAMIM FALCÃO

SÁBADO (FERIADO) E DOMINGO
 2 ÚLTIMAS «MATINÉES» ÀS 16 H.

Contas novas para gente nova

UM NOVO ANO LECTIVO COMEÇA. Muita gente nova encara de novo as responsabilidades. O BANCO DO ALENTEJO continua a oferecer-lhe para tanto a sua colaboração através das três modalidades:



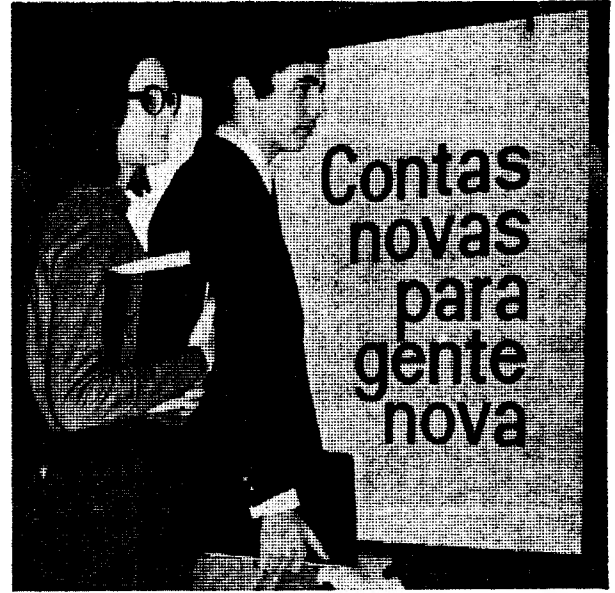
CONTA INFANTIL

Para o futuro dos mais jovens. O Banco do Alentejo tem um Departamento Infantil para a sua clientela mais nova, com pessoal especializado.



CONTA JUVENTUDE

Para jovens do Ciclo Preparatório, Liceu, Ensino Técnico ou Empregados.*



CONTA UNIVERSITÁRIA

Para jovens práticos que frequentem Cursos Superiores.*

* Aos titulares das Contas JUVENTUDE ou UNIVERSITÁRIA, recém-formados ou finalistas de Cursos Médios ou Superiores, o Banco do Alentejo concede empréstimos para início de carreira, viagens de estudo e cursos de especialização.



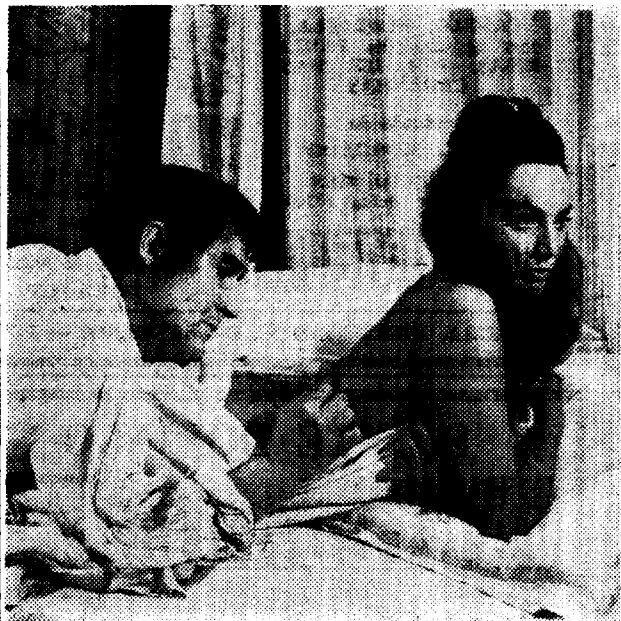
BANCO DO ALENTEJO

ÉVORA • LISBOA • BEJA • ESTORIL • SINES • VENDAS NOVAS

UM FILME DE OUSADA E DIVERTIDA
CONCEPÇÃO!

VITTORIO GASSMAN
GINA LOLLOBRIGIDA

UGO TOGNAZZI



noites DE OUTROS TEMPOS

ELAS, OS MARIDOS E OS RIVAIS NUMA
HISTÓRIA DE PECADILHOS!

Estreia • Hoje, às 21.45 **ROMA**

Há mulheres capazes de tudo — Até mesmo
de amar um homem!!!

TECHNICOLOR — TECHNISCOPÉ — DOPERFILME — ADULTOS

AR CONDICIONADO
**TEATRO
VILLARET**
o mais moderno e confortável de Lisboa

VASCO MORGADO APRESENTA
EM 2º MÊS DE ÊXITO!

HOJE
às 21,45 horas

Jo Alvarenga
Artur
Semedo

NUMA PEÇA DE "SUSPENSE CÔMICO"



UMA DIVERTIDÍSSIMA TRAGÉDIA AMOROSA ... !!

LEVI'S TA-SE



CALÇAS



irrequietas e actuais

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Levi Strauss & Co., San Francisco, California

Em ALJUSTREL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por
Lourenço A. Robalo Lisboa.

No TEATRO T. 555182

MONUMENTAL

SÁBADO E DOMINGO

AS 18.45 HORAS

UMA GRANDIOSA

«MATINÉE»



Maiores de 4 ANOS

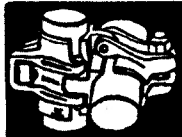
UM BELO E SUMP-
TUOSO ESPECTÁ-
CULO DE
VASCO MORGADO
SUBSIDIADO PELO
FUNDO DE TEATRO

UMA PEÇA DE
NORBERTO AVILA

NÃO DEIXE DE LE-
VAR OS SEUS FI-
LHOS AO REINO
DAS 1001 NOITES

LUGARES
DESDE 5\$00

Bilhetes à venda



MUNDUS

ESTANTES DECORATIVAS

COLISEU

HOJE, AS 21.30
(Maiores 12 anos)

GRANDE
COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE CIRCO

As maiores atrações
PALHAÇOS

Um extraordinário grupo
de acrobatas em balança

COBERTORES

Participamos às nossas
Ex... Clientes que chegou
nova remessa de cobertores
e mantas de viagem das me-
lhores fábricas Nacionais e
estrangeiras, em lã austra-
liana, pêlo de camelo e
pêlo de lama do Peru.
Lindíssimas cores, e qua-
lidade insuperável.

ENORME SORTIDO AOS
MAIS DIVERSOS PREÇOS

Lavores Femininos

Av. Guerra Junqueiro, 3-D

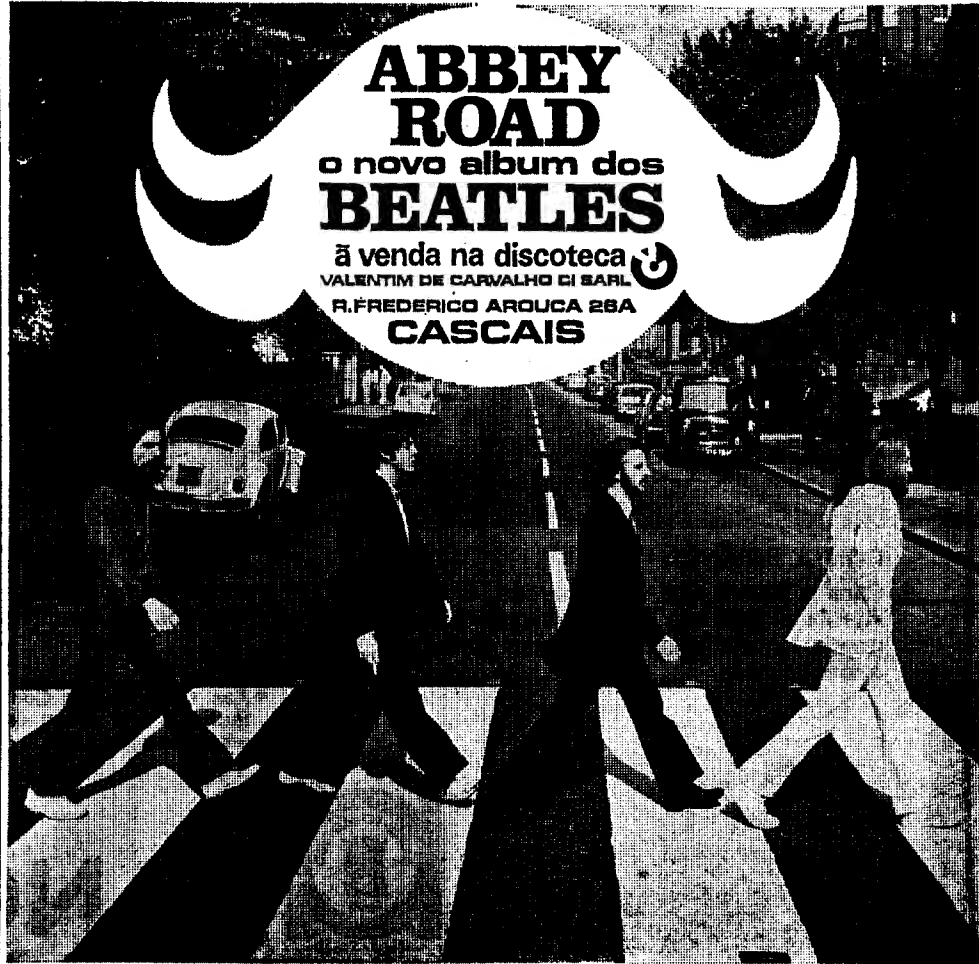
LAVORES

Rua Aures, 179

Enquanto faz as suas compras
na secção de pastelaria
deixe o seu carro ao nosso cuidado.

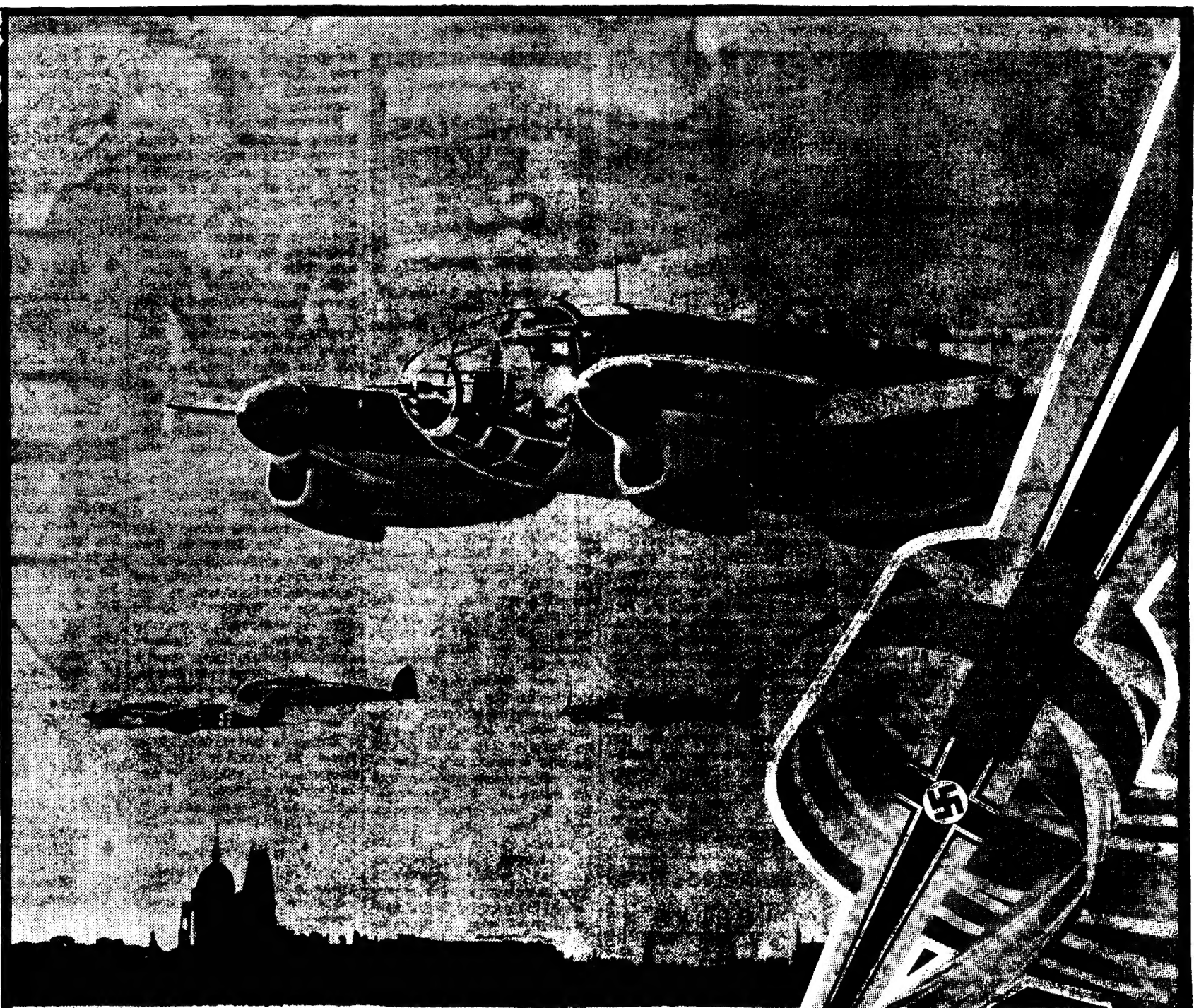
TUTTIOMUNDI

tem uma garagem privativa com serviço



**ABBEY
ROAD**
o novo album dos
BEATLES

ã venda na discoteca
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
R. FREDERICO AROUCA 28A
CASCAIS



a Batalha de Inglaterra

"BATTLE OF BRITAIN"

PRODUÇÃO DE
Harry Saltzman e S. Benjamin Fisz



por ordem alfabética:

Harry Andrews Michael Caine Trevor Howard Curt Jurgens Ian McShane Kenneth More Laurence Olivier Nigel Patrick
Christopher Plummer Michael Redgrave Ralph Richardson Robert Shaw Patrick Wymark Susannah York

Argumento de JAMES KENNAWAY e WILFRED GREATORIX
— Realização de GUY HAMILTON

Technicolor® Panavision®

**50 United
GO Artists**

HOJE ÀS 21.45 — LOTAÇÃO ESGOTADA —
ESTREIA DE GALA

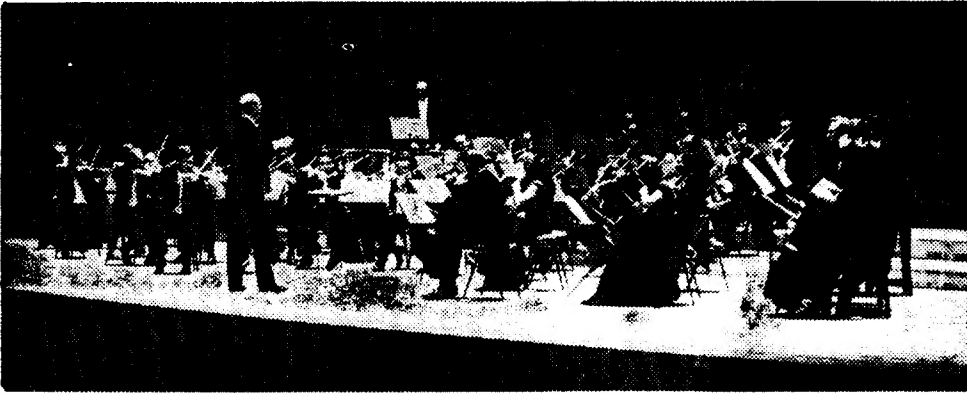
12 ANOS



COM A PRESENÇA DO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA E O PATROCÍNIO DO EMBAIXADOR DE INGLATERRA E DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS». RECEITA INTEGRAL PARA A CRUZ VERMELHA PORTUGUESA E MILITARES DA FORÇA AÉREA HOSPITALIZADOS.
A CARREIRA DESTA FILME SUPERIOR CONTINUA AMANHÃ COM ESPECTÁCULOS

ÀS: 15 — 18.15 e 21.30

BILHETES À VENDA PARA AS DUAS PRIMEIRAS SEMANAS



A Orquestra de Camara Gulbenkian durante a sua actuação

Obras de Beethoven no «Grande Auditório» Gulbenkian

A falta de autênticas salas de concerto em Lisboa mais realça ainda o alcance de que se reveste o «Grande Auditório» da Fundação Gulbenkian, recentemente inaugurado. É que ele foi construído e equipado, tomando-se em conta o seu carácter funcional específico, nomeadamente no que diz respeito a condições acústicas. Neste capítulo, deve falar-se desde já, e pelo menos num pormenor fundamental, em verdadeira «réussite». Do que nos foi dado apreciar até agora em diversos pontos da sala, as sonoridades chegam ao ouvinte com uma admirável e «implacável» nitidez, tanto nos bons momentos de execução como nos menos felizes. O que não deixa, evidentemente, de constituir uma pesada responsabilidade para os intérpretes...

Também noutros aspectos...

«RI-TE, RI-TE» NO MONUMENTAL

Como nos primeiros dias, continua o interesse do público pela revista dos Paróquias de Lisboa «Ri-te, Ri-te», um espectáculo de Vasco Morgado que desde há 4 meses enche consecutivamente o teatro Monumental. Em virtude de compromissos há muito firmados com a empresa do Teatro Sá da Bandeira do Porto, esta peça, entrou na última fase de representações. No elenco, os nomes de Camilo de Oliveira, Florbela Queirós, Octávio de Matos, Delfina Cruz, e as atracções internacionais Paula Ribas e Rui de Mascarenhas, os responsáveis pelo grande sucesso do nosso teatro musicado dos últimos anos, pleno de cor, ritmo, originalidade, boa música e as lindas mulheres que constituem o «ballet» internacional sob a direcção de Paulo José. «Ri-te, Ri-te» é uma revista com música sob a direcção de José Mesquita, com solos de piano de Andrade Santos, Rueda na bateria e Fernando de Albuquerque no trompete.

tos o «Grande Auditório» se recomenda: a comodidade de instalações e a visibilidade que pode usufruir-se de qualquer lugar em relação ao que se passa no palco. Temos, pois, mais uma prova de que a «arquitetura funcional» não é apenas um «slogan» publicitário ou um modismo estético... Um exemplo, em suma, o «Grande Auditório» Gulbenkian num meio como o nosso, em que estes problemas nem sempre têm sido considerados «ab initio» com a devida atenção.

A nova temporada de concertos da Orquestra de Camara Gulbenkian parece concorrir. O público melomano não mostrou, por agora, receio de convergir para os lados de Avenida de Berna. Os dois primeiros programas da série decorreram sob o signo de Beethoven, um pouco à maneira de introdução às comemorações do segundo centenário do nascimento do autor da Sinfonia «Heróica» que passa em 1970. Ambos foram dirigidos por Gianfranco Rivoli, o regente titular do agrupamento.

Nas realizações sentiu-se, de uma maneira geral, uma boa linha de equilíbrio estilístico, de acordo com aquela vivacidade e aquele pendor para a intensificação algo «dramatizante» que distinguem o temperamento de Rivoli. No entanto, acrescente-se, tais características não se ligam mal com a maioria das obras ouvidas, em especial a «abertura» «Coriolano» e a «2.ª Sinfonia». Em todo o caso, um pouco mais de alacridade expressiva não destoaria no «Larghetto».

«Grosso modo» notou-se, por outro lado, a superioridade do conjunto de cordas (que revelaram um apuramento muito apreciável) sobre os naipes dos sopros. Deve mesmo acentuar-se que intervenções das trompas deixaram muito a desejar.

O programa teria resultado menos sobrecarregado, e com vantagem, se o número das «Contradan-

ças» não tivesse sido tão exagerado.

O pianista Noel Flores deixou-nos boa impressão como solista no «Concerto n.º 1 em dó maior». Pareceu-nos menos á-vontade no andamento inicial, que teria lucrado com uma execução mais provida de colorido e de contrastes. No «Largo» deu melhor a medida das suas reais capacidades, através de um clima expressivo de grande nobreza e houve desenhada no «Rondó» final. Um intérprete que gostaríamos de tornar a ouvir.

NUNO BARREIROS

Teatro
Maria
Matos

Telef. 717017 Adultos

HOJE, às 21.45 horas

Por um valioso elenco e

LURDES NORBERTO

uma grande actriz num papel de grande significado

TOMBO NO INFERNO

de AQUILINO RIBEIRO
dirigida por
IGREJAS CAEIRO
a Fundação Calouste Gulbenkian e o Fundo de Teatro subsidiaram

ATE SABADO • M/ 6 ANOS

HOJE, às 16 h. e às 19 horas

ARLECHINO, L'AMORE
E LA FAME

A Fundação Gulbenkian, reconhecendo o valor didáctico deste espectáculo, resolveu oferecer alguns bilhetes aos jovens das Escolas e Liceus de Lisboa, permitindo-lhes apreciar esta notável antologia do «Commedia dell'Arte».

SABADO, às 16 horas e às 19 horas

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES

PRIMEIRAS EXIBI ÇÕES

(Continuação da 5.ª página)

preso. Encarcerado, chovem sobre si as acusações mais diversas. O Czar pretende fazer dele um exemplo, entregar ao povo um rastilho para a sua cólera, deslocaando assim dos seus olhos o foco real do seu ódio. Jakov Bok, judeu e humilde, passa de cela para cela, torturado, humilhado, violentado, ofendido. O homem que, quando preso, confessa nada saber de política, nem se interessa por ela, acaba gritando que a política é um assunto de todos e, à medida que cresce o seu martírio, maior é o seu ódio ao Czar, ao Governo, ao conde Orlovsky, ministro da Justiça que o interroga.

A sua figura cria fama mundialmente. De todo o lado chovem telegramas de solidariedade. Jakov Bok, preso durante três anos e ainda não acusado oficialmente dos crimes que querem que ele confesse, é finalmente julgado. Mas antes atravessará a chantagem e a dor, a tortura diária que se refina, e viverá o ódio daqueles que se sentem impotentes para lhe corromper a vontade. «O Homem de Kiev» funciona, portanto, a diversos níveis: desde a afirmação pessoal de um homem que finalmente se reconhece um homem, até à afirmação colectiva de um povo submetido à prepotência de um governo corrupto. Citando Spinoza, Jakov Bok afirma: «aos camascos que o visitam: «Se o Estado age segundo normas condenadas pela natureza humana, então o menos que se pode fazer é destruí-lo». «O Homem de Kiev» transcreve o processo lento

da aprendizagem da consciência: «Não é a loucura que estremece o mundo; é a consciência».

Frankenheimer é um cineasta irregular, mas quase sempre interessante. Homem de universos concentracionários, inventa para os seus heróis situações kafkianas de que «O Homem de Kiev» é um bom exemplo. Situações kafkianas em que a responsabilidade pessoal e a liberdade se encontram normalmente em jogo, postas em causa por engrenagens desumanas e destruidoras. Mas, ao contrário da grande maioria dos seus filmes anteriores, «The Fixer» caracteriza-se por uma certa limpidez de processos formais que logram um adensamento psicológico e dramático constante. Optando por uma linearidade de processos pouco habitual na sua filmografia, Frankenheimer escolheu o lado interno das coisas e dos homens. Em lugar do jogo um tanto gratuito dos enquadramentos arrevezados e das imagens desequilibradas, temos em «O Homem de Kiev» algo de essencial: a aventura interior de um homem (personificando um povo) que se encontra e liberta, afirmando-se simplesmente um homem com o direito de o ser.

Entre os intérpretes, Alan Bates ultrapassa-se em virtuosismo e ductibilidade. O seu Jakov Bok é exemplar. Além, como todos as restantes figuras secundárias: Dirk Bogarde, George Brown, Hugh Griffith, Elizabeth Hartman, Ian Hilm, etc. Excelente é ainda a fotografia de Marcel Gignon e a música de Maurice Jarre.

O Império está, pois, de parabéns, merecendo a visita entusiástica do público que pede ao cinema algo mais do que duas horas de divertimento inconsequente.

☆ Em complemento, um documentário de Faria de Almeida: «Portugal Desconhecido», de que falaremos proximamente, conjuntamente com outras apreciações a filmes de Francisco Saezfeld e Matos Silva, recentemente estreitados.

☆ Um aviso final: anuncia-se para breve, igualmente no Império, a estreia do que nos dizem ser uma obra-prima de Sam Peckinpah: «A Quadrilha Selvagem» («The Wild Bunch»). Os cartazes anunciam a fita para maiores de 12 anos.

LAURO ANTÓNIO

• NO ODEON

TÍTULO — «Perry Grant, agente de ferro».

REALIZAÇÃO — Lewis King.

INTERPRETES — Peter Holden, Marilu Tolo.

Tendo como protagonista o novo agente Perry Grant, ao que dizem de ferro, estreou-se ontem no Cinema Odeon mais um filme de aventuras de intenção meramente comercial, com todos os elementos que habitualmente agradam aos apreciadores do género: movimento, violência, «suspense», erotismo, etc.

Com a presença de Marilu Tolo, a actriz muito frequente neste tipo de produções, e o dinamismo de Peter Holden, a apresentação deste Perry Grant não ilude nem desilude.

• NO AVIS

TÍTULO — «Quimera» («Chimera»).

REALIZADOR — Ettore Fizzarotti.

INTERPRETES — Gianni Morandi, Laura Efrikian, Nino Taranto, Roberto Carlos, etc.

Os apreciadores de histórias ultrassentimentalistas já sabem onde ir agora: ao Avis, onde ontem à noite se estreou «Quimera», com Gianni Morandi, que até é bom rapaz, dizem. Também há quem diga que ele canta, o que é verdade.

«Quimera», um filme para divertir mas que, por que não?, também é capaz de comover os corações propensos a esses achaques vem na sequência de «Mulheres e recusas», «Não sou digno de ti» e «Se tu não existisses».

Reune, em doses industriais e previamente bem agitados, todos os ingredientes necessários para permanecer umas boas semanas no cartaz, para delícia das muitas meninas românticas que povoam esta engraçadíssima cidade. Além do Gianni Morandi (argumento de peso), o filme conta com Roberto Carlos, outro nome que faz suspirar as almas enternecidas.

E, como há quem diga que é bom tudo o que acaba bem (e o filme termina como não podia deixar de ser), eu vou ficar por aqui, não se dê o caso de cometer alguma «gaffe». — T. da L.

Recintos de diversões

* Encontra-se a actuar no «Fala» a cantadeira Ana Rosmaninho.

* A cançonetista Luísa Neves parte para aspanha.

* Toni de Matos, em digressão pela América do Norte, após o seu regresso, deve ingressar numa companhia teatral.

* Continua no Brasil, muito provavelmente até ao Natal, a artista Maria Valejo.

ELECTRODOMÉSTICOS

EMPREGADO DE BALCÃO COM BASTANTE
PRÁTICA PRECISA-SE

E. I. E. L. — RUA DA BOAVISTA, 84

SOLAR DO MINHO

Proprietária: artista EDUARDA MARIA

FADOS — FOLCLORE
RESTAURANTE TÍPICO

ABERTO ÀS 3.30 DA MANHÃ

ABERTO AOS DOMINGOS

Rua do Vigário, 60

Telefone: 86 68 11

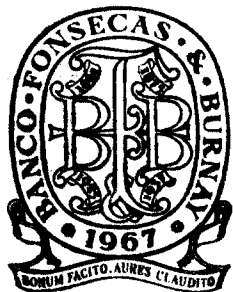
ALFAMA

(a Santo Estêvão)

PARA ADULTOS

JOMA BFB-1

o banco para toda a gente



Todos os caminhos vão dar ao banco. O banco tem todos os caminhos para lhe dar.
A poesia do banco é o dia-a-dia de quem passa e descansa no BANCO...

O BANCO PARA TODA A GENTE.

O BANCO renovou-se, modernizou-se, apetrechou-se de forma a poder oferecer
TÉCNICA MODERNA.

Criou para si, qualquer que seja a sua profissão, o seu ramo de comércio ou indústria
um SERVIÇO PERSONALIZADO.

Para a resolução do seu problema a nossa RAPIDEZ DE DECISÃO.

Não esqueça... EXISTIMOS PARA O SERVIR.

BANCO FONSECAS & BURNAY

o banco para toda a gente

Actualidade internacional

O Pacto de Varsóvia vai propor à NATO uma reunião sobre segurança europeia

LONDRES, 30 — (A. N. I.) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países do Pacto de Varsóvia iniciam hoje em Praga a sua reunião — das poucas reuniões comunistas anunciadas com vários dias de antecedência — e cujo objectivo, anunciado também, é o de redigirem o plano comunista para uma conferência de segurança europeia, a propor aos países da N.A.T.O.

O objectivo é por demais claro: Os comunistas querem que, de uma vez para sempre, o Ocidente aceite as fronteiras do pós-guerra, como definitivas — incluindo a partilha da Alemanha — e procurem obter uma cooperação económica mais estreita entre os países da Europa.

Quando a conferência foi anunciada, há dias, disse-se que a escolha de Praga para a sua realização demonstrava a propensão russa de sublinhar o

«regresso» da Checoslováquia ao «redil comunista». E, além da informação oficial, o Kremlin teve o cuidado de fazer saber que a Roménia — que se negou a participar na invasão da Checoslováquia e disse

Causou 9 mortos o terramoto em Banja Luka

BELGRADO, 30 — (F. P.) — Morreram nove pessoas no tremor de terra de Banja Luka, segundo o presidente do Conselho Municipal da cidade sinistrada, Zivko Babitch — anunciou a agência Tanjug.

O número elevado de mortos que tinha sido anunciado foi atribuído à falta de coordenação entre as diferentes comissões que, em condições extremamente difíceis, identificaram os corpos.

«não» à realização de manobras militares soviéticas no seu território — participava na reunião que hoje se inicia.

A ideia desta conferência não é nova. Foi em Março deste ano que, pela primeira vez e oficialmente, os países do Pacto de Varsóvia, secundados por todos os satélites de Moscovo, propuseram a grande conferência europeia de segurança, ao concluírem a sua reunião em Budapeste. Desde então, os países comunistas não têm cessado de insistir na «conferência de segurança de toda a Eu-

Condenações na Grécia

ATENAS, 30 — (A. N. I.) — Foram condenados a penas de prisão, por um tribunal militar, três indivíduos, acusados de terem em seu poder uma mala cheia de explosivos.

Constantine Flengas foi condenado à revelia, em oito anos de prisão, por entregar a mala a Dimitrios Papanikos, funcionário do Ministério do Interior. Papanikos, por seu lado, foi condenado a seis anos de prisão e Gregorios Panaitidis a dois anos, por ter guardado a mala em sua casa.

Todos os acusados são membros do chamado Movimento Livre Grego.

Medidas anti-«apartheid» propostas na O.N.U.

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 30 — (A. N. I.) — O embaixador da Tunísia, Slaedino El Guli, falando na Comissão Política Especial da Assembleia Geral, afirmou que, visto estar provada a ineficácia das medidas recomendadas pelas Nações Unidas para combater o «apartheid» na África do Sul, a organização deveria tentar a aplicação de medidas que obtivessem o apoio unânime das nações.

«A primeira dessas medidas será, evidentemente, o levantamento interno da população não-branca» — sugeriu El Guli.

Guli deu o exemplo do seu país, que, depois de ter esgotado todos os argumentos políticos para obter a independência, recorreu às armas de 1952 a 1954.

Guli referiu-se também à imposição de sanções económicas por todos os países, pedindo às nações que têm interesses económicos na África do Sul que revejam a sua situação.

«Achamos que é perigoso sacrificar a causa da paz do mundo e da moralidade internacional a interesses temporais, que, no fim de contas, acabam por ser efémeros» — disse o embaixador tunisiano.

ropa», seja directamente, seja pelas vias diplomáticas.

Julga-se que os comunistas preconizam um encontro entre dirigentes europeus do Ocidente e do Leste, preparatório da grande conferência, para a qual seriam convidadas as nações europeias-ocidentais, comunistas, e neutrais e neutralistas.

O Ocidente principiou já por dar uma resposta: A de que não tomaria sequer o plano em consideração se os Estados Unidos e o Canadá — países membros da N. A. T. O. — não fossem incluídos na hipótese da grande conferência. Nas chancelarias europeias declarou-se abertamente que a ideia russa inicial de manter «as Américas» afastadas da mesa da conferência era considerada uma tentativa no sentido de dividir os aliados da N.A.T.O.

A U.R.S.S. parece ter aceiteado tacitamente esta primeira condição inicial e é de prever a comparência dos delegados «das Américas» do Norte.



A «LOUCURA» DAS MOTOS já atingiu França e a ela não se furtam muitas jovens. Sempre «dans le vent», Françoise Hardy integra-se no movimento, com um engenho de 750 c. c. Mas, entre as celebridades que aderiram não se conta apenas aquela cançonetista. Brigitte Bardot, por seu lado, experimenta um modelo de 250 c. c.

Um navio à vela em torno da Lua — símbolo da Apolo 12

HOUSTON, 30 — (R.) — Os astronautas americanos da Apolo 12 — todos os três oficiais da Marinha — escolheram o imponente emblema de um veleiro navegando a todo o pano para a sua viagem à Lua no próximo mês.

Os astronautas baptizaram a sua nave «Yankee Clipper», o nome dos elegantes veleiros de carga que a navegação a vapor fez desaparecer no século XIX. O emblema oficial da Apolo 12 mostra um veleiro, com todas as velas desfraldadas, a navegar em redor da Lua.

O módulo de desembarque lunar será chamado «Intrepid» — outro nome como um certo sabor náutico. Trata-se de um nome tradicional para navios da marinha de guerra e um porta-helicópteros com esse nome foi empregado no trabalho de

recuperação de uma missão espacial anterior.

Os astronautas da Apolo 11, os primeiros homens a desembarcarem na Lua, chamaram ao seu módulo de comando «Columbia» e ao módulo lunar «Águia».

Embora seja tradição os astronautas baptizarem as suas naves, os tripulantes da Apolo 12, Charles Conrad, Richard Gordon e Alan Bean, pediram sugestões aos operários das companhias que fizeram as cápsulas, a fim de os ajudarem a tomar uma decisão.

Disseram que a sua ideia era fazer com que as pessoas que trabalham para as duas firmas que construíram os módulos de comando e lunar se identificassem mais intimamente com a missão.

O seu apelo obteve mais de 2000 sugestões de cada companhia.

APÓS UMA INTERRUÇÃO DE 15 DIAS

Prossegue hoje em Jerusalém o julgamento de Michel Rohan

JERUSALÉM, 30 — (F. P.) — Após uma interrupção de 15 dias, recomeça hoje no tribunal criminal de Jerusalém o julgamento de Michel Rohan, o incendiário da mesquita Al Aksa. O ambiente é agora um tanto mais sereno.

A suspensão fora pedida pelo advogado do jovem

australiano, adepto da seita Igreja de Deus, dando-lhe assim tempo para preparar a defesa na base de o seu constituinte se encontrar em estado de «demência temporária» na altura em que deitou fogo à mesquita em 21 de Agosto último.

O dr. Ischak Tunik, que

é especialista em processos-crime, apresenta 40 testemunhas, entre as quais uma psiquiatra que teve ocasião de examinar o réu na Austrália.

Se se der como provado o fogo posto acompanhado de violação de um lugar santo, Rohan poderá ser condenado a 15 anos de prisão. Se for provada a demência temporária, será simplesmente expulso de Israel e confiado a um estabelecimento psiquiátrico na Austrália.

Preside ao julgamento o dr. Baker, um juiz de origem escocesa.

Nas anteriores audiências foram ouvidas as testemunhas de acusação, na opinião das quais Rohan premeditou o incêndio da mesquita. Salientaram ainda que uma primeira tentativa do réu em 11 de Agosto não resultara.

Embora outros acontecimentos, particularmente os do Líbano, tenham atenuado entretanto a intensa emoção suscitada pelo incêndio, a posição dos muçulmanos, mesmo «moderados», continua a ser de que as autoridades israelitas, pelo próprio facto da sua ocupação de Jerusalém, são as únicas responsáveis, mesmo que não tenham activamente provocado ou encorajado este gesto criminoso.

Na opinião das individualidades árabes dos territórios ocupados, foi o ambiente criado pela prolongada ocupação que abriu caminho ao incêndio daquele lugar santo do Islão, tornando mais urgente do que nunca a restituição da cidade velha às autoridades muçulmanas.

«Rei de Jerusalém»

JERUSALÉM, 30 — (R.) — O tosquador de carneiros australiano Michael Denis Rohan declarou hoje, no tribunal, que tinha incendiado a mesquita de Al Aksa «para provar ao mundo que Deus queria que ele construísse o seu templo e que o instituiria rei de Jerusalém e da Judeia».

O fogo, que em 21 de Agosto causou importantes estragos à mesquita, provocou violentos protestos no mundo árabe e fez incidir sobre Israel as acusações de profanação do terceiro santuário muçulmano.

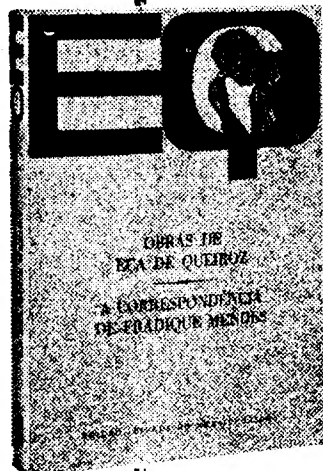
Rohan, que tenta passar por alienado mental, poderá ser condenado no máximo a 44 anos de prisão.

Em declarações que iam tomando um aspecto cada vez mais estranho, Rohan declarou ao tribunal que tinha recebido a primeira mensagem divina em Março de 1965, na Austrália.

Sob julgamento, o réu conta: «Estava sozinho no meu apartamento, deitado na cama, quando uma voz disse «Glória». Seguidamente tive diversas revelações, uma das quais era, «amanhã serás respeitado» e «Glória casará com o pai de Sandra».

Ao ser interrogado mais tarde, o réu, explicou que Glória era a sua mulher e Sandra a filha ilegítima de Glória. Segundo declarou, a primeira revelação «parecia choques eléctricos que vinham em ondas, da cabeça, até às pontas dos dedos das mãos e dos pés».

UM NOVO LANÇAMENTO!



A Correspondência de Fradique Mendes

EÇA DE QUEIROZ

fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura

BR. — 45\$
ENC. — 85\$

edição

LIVROS DO BRASIL

Rua dos Caetanos, 22
LISBOA-2

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Administração

de Propriedades

BANCO DO ALENTEJO

A LUTA NO LÍBANO

NOVOS ATAQUES PALESTINIANOS

BEIRUTE, 30 — (R.) — Círculos dignos de crédito informaram hoje que os «comandos» palestinos colocaram, durante a noite, maciços reforços na região de Rachiyah, no Líbano, e desencadearam novos ataques contra posições do Exército.

As 8 horas da manhã travava-se violenta luta em redor da aldeia de Ailha e os soldados feridos estavam a ser evacuados para um hospital em Tel Shina, revelaram as mesmas fontes.

Aparentemente o objecti-

vo do assalto é libertar a estrada que vem pelo vale mais ao sul, desde a fronteira com a Síria até às unidades dos comandos que operam no Sul do Líbano, junto à fronteira israelita.

Ailha está apenas a um quilómetro de Rachiyah onde os comandos do Fatah efectuaram um ataque suicida na terça-feira de manhã contra um forte que impedia o avanço para sul.

Ontem de manhã houve outro ataque contra Ailha, mas foi repellido pelas tropas libanesas.

Esta manhã ouviram-se tiros de canhão em Ohtaura, a 32 quilómetros de Ailha. É a primeira vez que há notícia de ser utilizada a artilharia em grande escala nos combates do vale de Bekaa.

Um correspondente da Reuter que visitou Ailha depois dos combates de ontem, viu tanques, canhões e morteiros libaneses colocados em posições estratégicas nos cruzamentos das estradas principais.

Um informador militar libanês desmentiu a noite passada que se tivesse chegado a acordo sobre um cessar-fogo entre guerrilheiros palestinos e forças libanesas.

Comentava um a emissão feita ontem por Rádio Sawt al-Assifa da organização dos guerrilheiros do Fatah dizendo que um cessar-fogo de 24 horas entrara em vigor ao meio-dia (11 horas T. M. G.).

Disse ainda que não julgava que quaisquer combates se tivessem a travar entre o Exército libanês e seus irmãos, os guerrilheiros pa-

lestinianos, para justificarem um cessar-fogo.

O Exército libanês advogara sempre um «cessar-fogo» com os guerrilheiros palestinos e apenas disparara «em auto-defesa e para repelir homens armados que tentavam ocupar as suas posições» — prosseguiu o informador.

A NOMEAÇÃO DE LOPEZ BRAVO

Abrandamento da tensão no caso de Gibraltar

—espera-se em Madrid

MADRID, 30 — (R.) — Gregório Lopez Bravo, novo ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha é um exemplo flagrante dos obstáculos dos tecnocratas que subiram ao poder nos últimos anos.

Desde que foi nomeado para a pasta da Indústria, seu cargo anterior, na remodelação ministerial de Julho de 1962, provou também que era um hábil e actualizado administrador com envergadura europeia.

É provável que a Europa, e principalmente a questão da entrada da Es-

panha no Mercado Comum, venha a ser um dos temas principais da política externa espanhola sob a direcção de Lopez Bravo.

Não é provável que se sujeite às piadas ouvidas frequentemente contra o seu antecessor sobre a política espanhola em relação a Gibraltar. Embora se mantenha firmemente a posição oficial à sua nomeação pode ser um indicio de uma mudança no sentido de um abrandamento de tensão.

Lopez Bravo tentará também melhorar as relações com os Estados Unidos que recentemente arrefeceram um pouco pelas prolongadas discussões entre Washington e Madrid sobre as condições para a renovação do acordo para a manutenção das bases americanas em Espanha.

Em 1944 Lopez Bravo concluiu o curso de engenharia construtor naval indo trabalhar para um estaleiro e há pouco tempo dedicou-se ao estudo dos problemas de gerência e economia comercial.

Em Julho de 1959 foi nomeado director-geral do comércio externo e 17 meses depois assumiu o cargo de director-geral do Instituto Espanhol de Câmbios Estrangeiros, cargo que manteve até ser nomeado ministro.

Gregório Lopez Bravo tem sido também deputado às cortes e director da Repartição Espanhola de Energia Nuclear além de presidente do Instituto Espanhol dos Engenheiros Cívicos.

Novo coração artificial

HOUSTON (Texas), 30 — (F. P.) — Um coração artificial ligeiramente diferente do que fora criado antes, estará pronto a ser experimentado em animais daqui a um mês — declarou, durante uma conferência de Imprensa em Houston, o dr. Denton A. Cooley, autor de 21 transplantações do coração.

O cirurgião recusou-se a indicar as transformações introduzidas no coração artificial de que se serviu, em 4 de Abril passado, para manter vivo durante 65 horas Haskell Karp, antes de lhe poder ser enxertado O dr. Denton indicou, apenas, que estas modificações dizem respeito ao sistema de bombagem do sangue.

O cirurgião afirmou que os processos mecânicos não deveriam ser utilizados sendo para prolongar a vida do doente, enquanto se esperava que aparecesse um dador do órgão. O dr. Denton foi, ainda, de opinião que se passara ainda mais uns dez anos antes de estar resolvido o problema da rejeição.



PAUL HENRI SPAAK — Apoio à entrada da Inglaterra no Mercado Comum

Em recuo a integração europeia

—afirma Spaak

NICE, 30 — (F. P.) — «Está actualmente em recuo a ideia da integração europeia, porque nos últimos dez anos um certo nacionalismo se instalou nalguns países. No entanto, se agora não for encarada seriamente a candidatura britânica à C. E. E., dentro de três anos a ocasião estará perdida», declarou o antigo ministro belga Paul Henri Spaak, numa conferência proferida no Instituto Europeu de Altos Estudos Internacionais, de Nice.

Spaak afirmou, ainda, que não é possível uma política agrícola comunitária sem uma política financeira e monetária comuns.

Finalmente, o antigo secretário-geral da N. A. T. O. insurgiu-se contra a ideia de uma neutralidade política da Europa e asseverou que a defesa da Europa não é viável sem uma aliança militar com os Estados Unidos.

PEDIDO EM ITÁLIA UM RESGATE DE 18500 CONTOS

ROMA, 30 — (F. P.) — Foi raptado Egidio Bonanni de 22 anos, filho de um riquíssimo lavrador da região de Roma. Italo Bonanni, pelo qual os seus raptadores pedem o resgate de 400 milhões de liras (cerca de 18 500 contos).

O jovem desapareceu há nove dias, mas só agora é que foi revelada a notícia do rapto, pois a Polícia lançou uma verdadeira caçada aos raptadores e ao raptado.

A Polícia anuncia que dois indivíduos, que se supõe fazerem parte do grupo dos raptadores, tinham sido presos ontem à tarde, em Roma.

O jovem e o outro raptor continuam a ser procurados.

«PROJECTO BRASIL GRANDE POTÊNCIA»

(Continuação da 1.ª página)

claração sobre o futuro político do Brasil — agora sob um regime apoiado pelos militares, mas com a perspectiva de um regresso à democracia.

Garrastazu Medici prometeu já implantar a democracia no país com «Universidades, sindicatos, partidos políticos, Imprensa e Igreja livres».

Contudo, centenas de proeminentes brasileiros ficaram privados dos seus direitos políticos por 10 anos nas depurações de pessoas que se alegou estarem ligadas a casos de corrupção ou de subversão.

Os brasileiros escutarão atentamente o discurso do presidente para verem exactamente o que Garrastazu Medici se propõe a fazer nos seus primeiros passos para a democratização.

O Congresso, frequentemente depurado, que o elegeu presidente no princípio desta semana, esteve ontem reunido em sessão e a atmosfera no moderníssimo Palácio do Congresso, em Brasília, foi optimista.

Isso contrastava acentuadamente com o que aconteceu nos últimos 10 meses, durante os quais o Congresso esteve fechado, após a grande depuração de Costa e Silva em Dezembro do ano passado.

COMBÓIOS ESPECIAIS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que os horários dos combóios de e para Braga, Monção, Régua, Fafe e Porto (S. Bento), em ligação aos combóios especiais para militares, em circulação entre Lisboa e Porto (Campanhã), são alterados desde o dia 12 do corrente.

PORTUGUÊS DETIDO EM FRANÇA

METZ, 30 — (F. P.) — Uma verificação de identidade levou à prisão em Hagondange (no Mosela) de um operário português, Francisco Soares Mendes, de 38 anos, condenado por homicídio no seu país, sendo objecto de um mandato de captura internacional.

Segundo o madado, Luís Soares Mendes matou, em 1 de Janeiro de 1966, a facada, um primo de seu pai, Luís Mendes.

Condonado a revelar a 16 anos e meio de cadeia pelo tribunal de Idanha-a-Nova, Soares Mendes vivia há mais de um ano na região siderúrgica da Lorona, onde encontrara trabalho. Soares Mendes recolheu à cadeia de Metz onde aguarda a extradição.

O NORTE DESPORTIVO

NA EDIÇÃO DE HOJE

- ★ SPORTING: então esse ataque? — por Vasco Resende
- ★ Dignidade é o que se pede à Selecção — por Nuno Brás
- ★ Marinho e a equipa nacional
- ★ Página de automobilismo
- ★ Tudo sobre NEWCASTLE — adversário do F. C. P.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SANTARÉM

CONCURSO

Para os devidos efeitos se comunica que, durante vinte dias, se encontra aberto concurso para o preenchimento da vaga de

ENFERMEIRA - PARTEIRA

existente no quadro do pessoal de enfermagem do Posto Clínico desta Caixa em Coruche.

As interessadas poderão dirigir-se aos Serviços Centrais da Caixa, em Santarém, onde serão prestados os esclarecimentos que necessitarem.

Santarém, 21 de Outubro de 1969.

A DIRECÇÃO

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

CONCURSOS PARA OS SEGUINTE FORNECIMENTOS DURANTE O ANO DE 1970:

- Grupo I — Mol.
- Grupo VII — Alcoóis puro e desnatado.
- Grupo VIII — Aparelha e lá de corte.
- Grupo IX — Combustíveis líquidos («fuel», «gasóleo», gasolina e «burner»).
- Grupo X — Gases medicinais e industriais.
- Grupo XVI — Material de consumo para electroencefalografia e radiologia.
- Grupo XIX — Pilhas eléctricas.

Até às 17.30 horas do dia 17 do próximo mês de Novembro, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para os fornecimentos em referência.

LISBOA, em 29 de Outubro de 1969.
O CHEFE DO SERVIÇO

FIRMAS CONSTRUTORAS DA BARRAGEM DE

CABORA-BASSA

MOÇAMBIQUE

PROCURAM:

MÉDICO

COM EXPERIÊNCIA EM OBRAS SIMILARES

Enviar resposta com curriculum vitae para:

C. C. I. — Av. da Liberdade, 244, 6.º

O VOO DA APOLO 12 (DE 14 A 24 DE NOVEMBRO) NA TELEVISÃO PORTUGUESA

A R. T. P. vai transmitir, de 14 a 24 de Novembro, a reportagem do voo da Apollo 12. As emissões, que serão diárias, permitirão aos telespectadores portugueses acompanhar mais este notável acontecimento, directamente ou em gravação.

Desta vez, a R. T. P. vai ainda apresentar uma novidade: ver-se-á a separação do

módulo para a alunagem e também o regresso à cápsula. A reportagem só não mostrará os momentos da alunagem e da manobra inicial para o regresso da cápsula.

O horário previsto para as transmissões directas é o seguinte:

Dia 14 — lançamento: das 17 horas às 17 e 35/20 e 35, voo 1: 20 e 30 às 21 e 50; dia 15 — resumo filmado: 19 às 19 e 10; dia 16 — voo 2: 12 às 12 e 10; resumo filmado: 19 às 19 e 10, dia 17 — voo 3: 12 às 12 e 10; dia 18 — voo 4: 12 às 12 e 20; dia 19 — voo 6 (primeiro passeio lunar): 11 e 50 às 15 e 40; dia 20 — voo 7 (segundo passeio lunar): 6 e 30 às 11 e 40; voo 8: 18 e 30 às 19 e 15, resumo filmado: 19 e 20 às 19 e 30; dia 21 — voo 9: 22 e 10 às 22 e 45; dia 22 — resumo filmado: 19 às 19 e 10; dia 23 — voo 10: 19 às 19 e 10; dia 24 — recuperação: 21 e 35 às 23 ou 23 e 30

Além destas reportagens directas, estão programadas gravações nos dias 14, 17, 18, 19, 20, 21 e 24 para serviços que oportunamente se divulgarão.

Serão anunciadas quaisquer alterações de última hora.

INDÚSTRIA FERROVIÁRIA PORTUGUESA

SÁ DA BANDEIRA, 29 — (L.) — Realizou-se hoje, perante o Caminho-de-Ferro de Moçamedes, o Concurso Internacional para o fornecimento de 200 vagões para minério, a que concorreram as firmas Hitachi (japonesa), Cometal-Mometal (de Lourenço Marques), Krupp (alemã) e Gregg-Car (belga).

A proposta mais vantajosa foi a da empresa portuguesa, que assim irá fornecer mais material circulante para o transporte de minério do empreendimento de Casimira.



Um dos auto-retratos do famoso pintor

AUTO-RETRATO DE REMBRANDT VENDIDO POR UM MILHÃO DE DÓLARES

HOUSTON 30 — (F. P.) — Um auto-retrato atribuído a Rembrandt foi vendido ontem pela soma de 1 milhão de dólares (28.500 contos), pelo seu proprietário, Peter Plizzagalli, homem de negócios texano que o tinha comprado em Inglaterra.

O novo proprietário conservou o anonimato.

A NOVA CAMPANHA OLEÍCOLA

Permitida a venda do «óleo alimentar» para suprir a falta de azeite

O Governo decidiu permitir a venda de uma mistura de óleos de características definidas, designada por «óleo alimentar», como forma de suprir as necessidades do consumo interno de gorduras alimentares fluidas, que a produção nacional de azeite cobre apenas em cerca de metade.

Esta informação consta de um texto oficial anteposto à portaria (assinada pelo ministro da Economia e secretários de Estado da Agricultura e do Comércio) que define o regime da campanha oleícola de 1969-1970, e vai ser enviada para o «Diário do Governo». Nas suas linhas mestras, o novo diploma insere-se na preocupação governamental de «manter uma política de defesa da qualidade e genuinidade do azeite como o óleo comestível mais difundido e apreciado pela generalidade dos portugueses», a mesma, afinal, que já determinara a cessação da venda do chamado «lotado corrente» (mistura de azeite e óleos comestíveis), efectiva desde Agosto deste ano.

Defesa do azeite

Entretanto, irá constituir objecto de legislação posterior um conjunto de medidas tendentes a elevar a produtividade e reduzir os custos da produção do azeite, de modo a distingui-lo e defendê-lo num mercado que é, simultaneamente, selectivo e concorrencial.

Entre essas medidas estão previstas as seguintes: — reforço dos apoios técnicos e financeiros já concedidos; — promoção da reconversão dos nossos olivais; — oferta à Lavoura, de

novas culturas industriais susceptíveis de serem utilizadas.

OS PREÇOS DE INTERVENÇÃO DA JUNTA

Os preços de intervenção da Junta Nacional do Azeite serão os seguintes em cada um dos períodos da campanha (Novembro-Janeiro, Fevereiro-Abril e de 1 de Maio em diante):

1º de acidez — 18\$30, 18\$70 e 19\$10; 1º,5 — 17\$25, 17\$65 e 18\$05; 2º — 16\$70, 17\$10 e 17\$50; 3º — 15\$90, 16\$30 e 16\$70; 4º — 15\$10, 15\$50 e 15\$90; e 5º — 14\$30, 14\$70 e 15\$10.

A variação do preço do azeite com menos de 1º,5 é de \$21, de 1º,5 e 2º é de \$11 e de 2º a 5º é de \$08, sempre por décimo de acidez.

zadas com vantagem nos afolhamentos e na melhoria de rentabilidade das

explorações agrícolas, mediante um sistema adequado de garantia de aquisição de sementes oleaginosas, como as do cártamo e girassol, e a recuperação das sementes de algodão, de tomate e de graminha de uva.

O preâmbulo da portaria refere-se, também, a «uma política de fomento de produção de sementes oleaginosas» — como, no caso do girassol, já começou em Moçambique — e de mais completo aproveitamento das matérias oleicas derivadas de culturas tradicionais do espaço português, acentuando que essa política de fomento «poderá ser alcançada sem afectar o património olivícola nacional, que pelo contrário, será valorizado através de medidas adequadas e de eficaz escoamento da sua produção».

Mantém-se os preços de intervenção do azeite

Não se afastando muito do regime da última campanha, a portaria assenta, mesmo assim, em bases que permitirão atingir os grandes objectivos que acima se enunciam.

Para já, mantém-se pre-

(Continuação da 14ª página)

FAMOSO CIENTISTA RUSSO descobre um importante segredo: como viver mais tempo com mais saúde

ELI METCHNIKOFF, um dos mais brilhantes cientistas do mundo, tornou-se famoso quando descobriu os glóbulos do sangue e a sua acção defensiva do organismo. Metchnikoff descobriu também que a maior fraqueza do homem está no seu tubo digestivo. Este canal está todo enlaidado e é constantemente contaminado por micróbios produtores de fermentações e venenos prejudiciais que produzem mal-estar e tiram anos de vida. Metchnikoff procurou a forma de remediar isto. Observou que os pastores búlgaros eram extraordinariamente vigorosos e isentos de complicações e desarranjos intestinais. Verificou-se que eles bebiam leite azedo. Seria esta a razão?

OS LIVROS SAGRADOS

Na Bíblia fala-se frequentemente em leite azedo. Abraão ofereceu-o aos três anjos. Moisés incluiu-o entre os alimentos que Jeová deu ao seu povo. Mas foi Metchnikoff que deu a conhecer ao Mundo moderno o maravilhoso *Lactobacillus Acidophilus*. Este micro-organismo é uma preciosa ajuda para o bom funcionamento intestinal... agora fácil de obter com iogurte express BÉVITA.

HISTÓRIA DA ÁGUA A FERVER

Ninguém ignora que a água a ferver destrói os micróbios. Pasteur demonstrou isso há muito tempo. Se pudéssemos deitar água a ferver sobre os biliões de micróbios que pululam nos nossos intestinos

todos os germes nocivos seriam destruídos, mas morreriam também os bons.

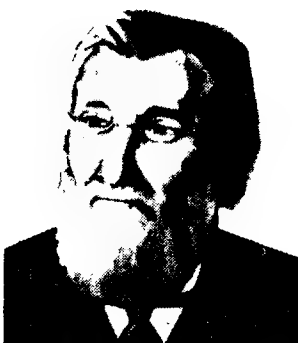
COM «BÉVITA» CONSEGUE MAIS QUE COM ÁGUA A FERVER

Apareceu o Bévita — o iogurte express que contém o maravilhoso *Acidophilus*. Logo que os *Acidophilus* chegam ao intestino começam a trabalhar para si. Ajudam as bactérias boas, encorajam-nas e dão-lhes forças para lutarem e destruir as perigosas bactérias putrefactivas. A flora intestinal fica sã e livre de todas as impurezas que lhe envenenam a existência. Quando os amigos *Acidophilus* acabarem com as putrefacções sentir-se-á bem, comerá com mais entusiasmo porque se sente mais jovem, com olhos brilhantes e ideias claras.

Experimente a agradável sensação de se sentir completamente limpo por dentro, mais leve e mais bem disposto. Comece a tomar BÉVITA ainda hoje.

UM SEGREDO DA NATUREZA ENCERRADO NUMA LATA DE «BÉVITA» PARA LHE PROPORCIONAR BEM-ESTAR

Nunca fora possível conservar os *Acidophilus* adormecidos para reviverem no instante desejado. Conseguiu-se isso agora no BÉVITA. Um processo especial conserva esses micro-organismos adormecidos. Quando chegam ao intestino acordam e começam a trabalhar activamente para si eliminando as bactérias putrefactivas. Todos os ali-



ELI METCHNIKOFF ganhou o Prémio Nobel com o seu trabalho de «caça ao microbio». O resultado dessas investigações está agora disponível no BÉVITA, o iogurte Express absolutamente natural.

mentos que ingere não podem ser aproveitados convenientemente se o seu tubo digestivo estiver sujo. O BÉVITA faz com que os alimentos possam ser aproveitados como deve ser. Sucedem coisas maravilhosas no seu organismo assim que começa a tomar o BÉVITA. Comece hoje mesmo.

O SUPER-IOGURTE EXPRESS BÉVITA devolve-lhe a alegria de viver. Ele é o único iogurte instantâneo do Mundo! É maravilhoso! BÉVITA ajuda a acabar com as putrefacções intestinais, fomentando um incomparável bem-estar. Junte-se a água simples, a leite ou a sumo de frutos e verá como a sua vida é outra.

Escreva num postal o seu nome e morada, preencha e cole o cupão abaixo e remeta-o para:

diese

PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.
AVENIDA DA REPÚBLICA, 46
TELEFONE 76 71 41 • LISBOA 1



Peço que envie na volta do correio

- ☐ lata individual de BÉVITA (para 50 iogurtes) 45\$00
☐ lata familiar de BÉVITA (para 100 iogurtes) 75\$00

NOME

MORADA



A pressão dos gases nas paredes do intestino causa dor e sua disposição

Aviso da Casa da Sorte aos Srs. Totobolistas

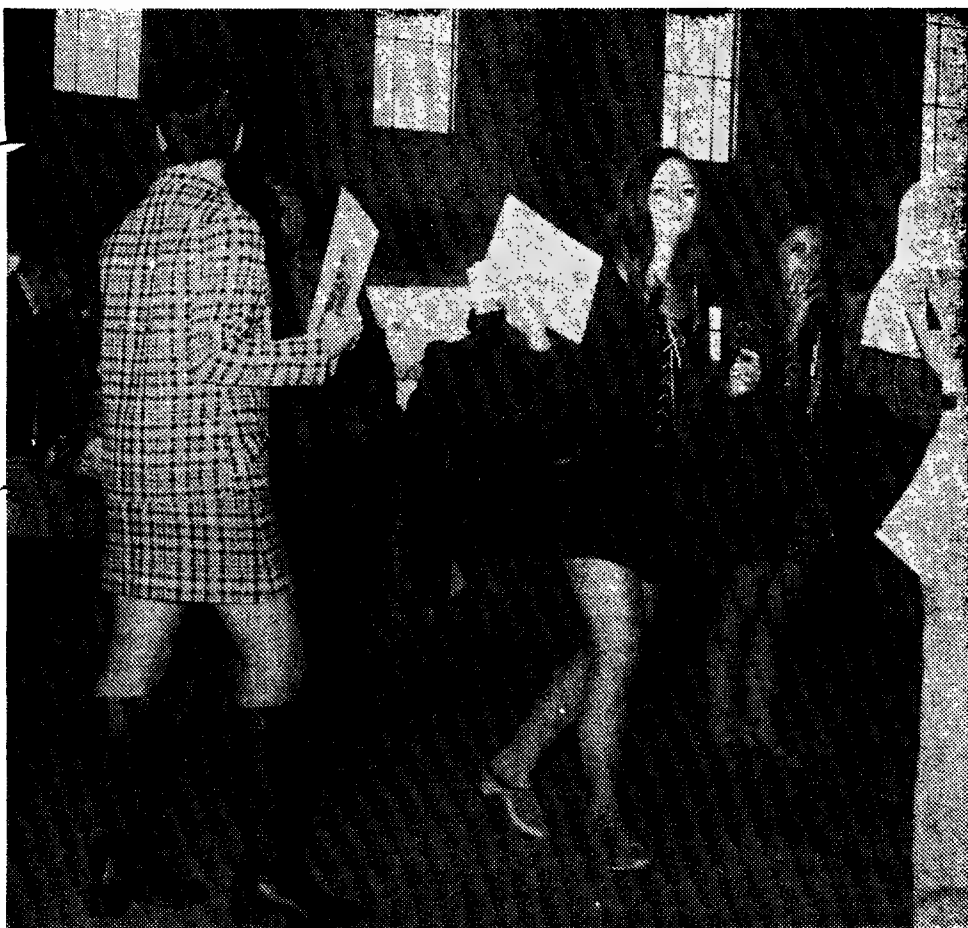
Respeitando o Feriado Nacional e o Dia Santo, a Casa da Sorte encerra as suas filiais de todo o País no dia 1 de Novembro — sábado. Solicita, por esse motivo, aos Srs. Totobolistas que entreguem os seus boletins em qualquer dos estabelecimentos da Casa da Sorte, com a possível antecedência e até ao encerrar de 6.ª-feira, podendo habilitar-se, ao mesmo tempo, para a Lotaria de Todos-os-Santos e para a Grande Lotaria do Natal.

HOTEL TERMAS

Comunica aos
sábado dia 1, o seu
ra um lanche de ca

Pasta Medicinal Couto

Evita e trata
doenças da boca



Belas caras e belas pernas — uma constante das universitárias flutuantes.

A «UNIVERSIDADE FLUTUANTE» VOLTOU A LISBOA

Por noventa contos quatro meses de estudo em viagem pelo Mundo

Uma Universidade flutuante norte-americana, o World Campus Afloat, chegou hoje a Lisboa com cerca de 500 estudantes (350 raparigas, 150 rapazes), 30 professores e 20 assistentes. Esta é a sexta viagem sucessiva no navio holandês «Ryndam», da Holland-America Line, e começou em Nova York no dia 9 deste mês.

O navio fará escala, du-

rante a sua viagem que se prolonga até 29 de Janeiro, em 17 portos de 15 países diferentes da Europa, América do Sul, Ásia e África.

Durante a escala em Lisboa, os estudantes participarão em diversas actividades que estarão em correlação com os seus estudos académicos. Os estudantes com interesses geográficos e históricos farão uma viagem

em Queluz, Sintra e Estoril. Haverá também tempo livre para os estudantes poderem seguir os seus interesses e conhecerem a gente e a cultura portuguesa.

O World Campus Afloat é um programa da Universidade de Chapman que está situada em Orange, Califórnia, E. U. A. O programa começou em 1965.

Cerca de 90 contos — preço de uma viagem

O custo para uma frequência universitária deste tipo, no mar, é de 2960 dólares, o que, em dinheiro português equivale a perto de 90 contos.

Um típico dia de trabalho no mar — segundo Jerry Chaney, encarregado das relações com a Imprensa — é mais ou menos como vamos contar:

As 7 da manhã, pequeno almoço, seguido pelo período matinal de aulas que é de quatro horas. Além des-

De acordo com a lei, estão hoje reunidas nos governos civis do continente as assembleias de apuramento geral de votos. Dessas reuniões serão passadas actas a remeter, até segunda-feira, ao Ministério do Interior. Os números definitivos da eleição de domingo, ao que se supõe, serão divulgados na próxima semana.

Em Lisboa, a assembleia reuniu-se às 9 horas, sob a presidência do chefe do distrito, com a presença de dez presidentes de assembleias que funcionaram no círculo.

Candidatos pelo círculo do Estado da Índia

A assembleia de apuramento da eleição dos deputados pelo círculo do Estado da

Índia reuniu esta manhã, na Direcção-Geral de Administração Civil do Ministério do Ultramar, de acordo com o que foi recentemente fixado por portaria do titular da respectiva pasta. Presidiu o secretário-geral do Ministério, dr. Manuel da Cruz Alvura.

Os resultados finais são os seguintes: votantes, 1111; candidato dr. Brás Gomes, 1111 votos; candidato eng.º Prebaccar Rau, 1108 votos;

candidato dr. Maximiliano Fernandes, 1108 votos

O apuramento foi feito com base na correspondência telegráfica transmitida pelos governadores-gerais ou de província, ou pelos directores ou chefes dos serviços de administração civil das províncias ultramarinas e as actas enviadas pela Direcção-geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior.

NOVO CASINO ESTORIL



SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 10 AS 2 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS



NORMA LEON
vedeta inglesa da canção

RIC BENNY

NATÉRCIA DA CONCEIÇÃO



DORISS DANCERS
DO "MOULIN ROUGE" DE PARIS

EDUARDO NASCIMENTO E "OS ROCK'S"
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

SANDY STEWART
SO NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e 21.30 h.

O ANJO AZUL
(M 17 anos)

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

L GOLF MAR

MAS DO VIMEIRO

aos seus estimados clientes que, o seu restaurante está reservado para o seu casamento.

A GERÊNCIA

Porque é medicinal

Curiosaria da GUIA

...GARANTIA DE PROBIIDADE E COMPETÊNCIA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



A nova campanha oleícola

(Continuação da pág. central)
 Os de intervenção do azeite (vd. tabela anexa), com eles se esperava, também, a manutenção dos preços ao consumidor. Quanto ao «óleo alimentar» agora permitido terá que subordinar-se «a exigências rigorosas, não só quanto às suas características, como às dos seus componentes». Em última análise, o consumidor dirá de sua justiça: prevê-se a pormenorização de todo um esquema

Marcello Caetano saúda o novo ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros

O Presidente do Conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros enviou o seguinte telegrama ao embaixador Gibson Barbosa, novo ministro das Relações Exteriores do Brasil:

«No momento em que V. Ex. é chamado à Direcção da Política Exterior do Brasil, é com vivo prazer que apresento minhas cordiais saudações convendo de que o labor encetado na construção da Comunidade Luso-Brasileira continuará com renovado entusiasmo e cada vez mais fecundos resultados.»

Manuel Vinhas regressou dos Estados Unidos

Em convalescença de uma melindrosa operação cirúrgica a que foi submetido nos Estados Unidos, chegou esta manhã a Lisboa, por via aérea, o conhecido industrial sr. Manuel Vinhas. A aguardá-lo encontravam-se no aeroporto inúmeros amigos e familiares, artistas do cinema e da rádio e funcionários superiores das empresas a que está ligado.

AIR FRANCE: CINCO MILHÕES DE PASSAGEIROS EM 10 MESES

Amanhã, no seu voo Londres-Paris, a Air France transportará o passageiro 5 000 000 do ano de 1969. Este número nunca fora antes atingido, permitindo, pois, um cálculo total, para os doze meses de 1969, de 5 600 000 passageiros contra 4 591 853 em 1968.

Torneio Internacional de Juniores

Seguiu esta manhã para Paris, por via aérea, o dr. David Sequerra, seleccionador nacional de juniores que vai reunir-se com dirigentes desportivos franceses com vista às eliminatórias do torneio internacional de juniores.

O regresso do Arsenal
 Por via aérea, regressou esta manhã a Londres a equipa de futebol do Arsenal que ontem defrontou o Sporting.

Identificado o burlão que durante seis anos lesou centenas de noivos

Foi, finalmente, preso, na Covilhã (para onde fugira ao sentir que a Polícia Judiciária o havia descoberto) o indivíduo que, como oportunamente referimos, dizendo-se funcionário das Conservatórias do Registo Civil, se dirigia às residências de noivos ou de seus familiares, exigindo-lhes o pagamento de determinada «multa» (habitualmente 250\$20), sem o pagamento da qual seriam anulados os processos de casamento.

Trata-se de José Manuel da Fonseca Alves, solteiro, sem profissão, residente com os pais adoptivos na Rua Barão de Sabrosa, 3, 4.º D., em Lisboa que conta já várias prisões e condenações.

Segundo foi apurado, o burlão fazia da sua «actividade» autêntica profissão. Em casa entregava, com toda a regularidade, mil escudos mensais; criara um horário de funcionário público, que cum-

Posto fora de um estabelecimento e agredido

Num estabelecimento de vinhos e comidas sito na Rua Vieira Portuense, n.º 30, houve, esta noite, um desentendimento entre dois clientes. Então, segundo o registo da ocorrência na P. S. P., a dona do estabelecimento empurrou um deles para a rua, e o marido dela deu dois socos no mesmo cliente.

Depois, outro cliente pegou numa vassoura de cabo comprido e agrediu aquele que fora expulso do estabelecimento, provocando-lhe traumatismo craniano e outros ferimentos.

O agredido chama-se Carlos Baptista Matias, tem 37 anos, é casado, pintor, morador no Largo dos Jerónimos, n.º 3, 1.º dt., e o agressor Adelino Pais, de 38 anos, casado, guarda dos jardins da C. M. L., residente na Rotunda do Aeroporto, Bairro de Casas Pré-Fabricadas, 227-A.

São proprietários do estabelecimento Cristina das Dores Rodrigues de Carvalho e seu marido, Avelino Rodrigues de Carvalho.

Tomou conta da ocorrência a 26.ª Esquadra da P. S. P.

Jantar de homenagem ao dr. Sousa Dias

Oferecido por um numeroso grupo de amigos, efectuou-se ontem, num restaurante da capital, um almoço de homenagem e despedida ao dr. Mário Sousa Dias que, dentro de poucos dias, segue para o Ultramar, onde vai exercer a sua especialidade de oftalmologista. Participaram da homenagem, entre outros, os srs. drs. Luciano de Carvalho, Carmelo Rosa, Felisberto Peca, Francisco Carvalho, Fernando Perada, António Sousa Dias e Fernando Mendes Pardal; Alexandre Nogueira, comandante José Artiga Barreiros, Claudino Sobral Portela, António Marques Pinto, eng.º João dos Santos Raposo, Santos Jorge, Vítor Claudino e Amadeu Cardoso Henriques.

Muitos outros amigos do dr. Mário Sousa Dias voltam hoje a reunir-se em jantar de confraternização, num restaurante da Costa da Caparica.

prá escrupulosamente; dizia-se empregado de uma companhia de aviação, e, aos sábados, à tarde, não saía de casa, apesar de a sua namorada lhe rogar com insistência que a levasse a passear.

A «actividade» do burlão iniciara-se em 1963. Consciente do aumento do nível de vida, cobrava, a princípio, «multas» de 50\$20, tendo gradualmente atingido 250\$20.

Todos os burlados devem apresentar-se na sede da P. J., 7.ª secção 3.ª brigada, agente Ruivo.

JORNADAS INTERNACIONAIS DE MEDICINA AERONÁUTICA EM MOÇAMBIQUE

As jornadas médicas que vão realizar-se em Lourenço Marques e na Beira, na primeira quinzena de Novembro, com a colaboração da TAP são patrocinadas pelos ministros do Ultramar e da Saúde e pelo governador-geral de Moçambique.

Participam no importante encontro mais de 50 médicos portugueses e estrangeiros, na sua maioria ligados aos problemas da aviação civil, entre os quais o dr. Eugénio La Fontaine, director dos serviços médicos da Air France, e dr. Earl Canter, médico da Northwest Airlines e da Mayo Clinic.

Nestas jornadas, tal como aconteceu nas realizadas há

CONDENADOS POR LIGAÇÃO COM O P. A. I. G. C.

CIDADE DA PRAIA, 30 — (A. N. I.) — Terminou com a leitura das sentenças o julgamento, em tribunal militar, de Carlos Lineu Soares Miranda, Carlos Dantas Tavares, Luís de Matos da Fonseca e de Jaime Bem Haresoifer Scofield, acusados de ligações com o «P. A. I. G. C.», ou «Partido para a Independência da Guiné e Cabo Verde», movimento terrorista antiportuguês chefiado por Amílcar Cabral, que actua a partir dos países vizinhos da Guiné Portuguesa.

Provas das actividades criminosas dos réus, contra a segurança do Estado, nomeadamente a posse de documentos e cartas do «P. A. I. G. C.» por Carlos Miranda, o tribunal condenou este em cinco anos de prisão e suspensão dos direitos políticos por quinze anos, e os três restantes a dois anos e meio de prisão cada, e a igual tempo de perda dos direitos políticos.

Os réus são todos naturais de Cabo Verde.

Henrique Parreirão na vice-presidência de «Os Belenenses»

Rudolfo da Silva Abrantes, indigitado presidente da direcção de «Os Belenenses», começou já a formar e equipar que com ele trabalhará na futura gerência.

Assim, acaba de receber a adesão de Henrique Parreirão, nosso camarada de Imprensa e figura prestigiosa do clube «azul» (de cujo jornal é director) que deverá ocupar o cargo de vice-presidente para as actividades sociais.

O regime de fiscalização das sociedades anónimas

O Conselho de Ministros aprovou o decreto-lei que determina o regime de fiscalização das sociedades anónimas. Vem a notícia na nota oficiosa sobre a reunião do Conselho de Ministros.

Ao mesmo tempo chegam as «Actas da Câmara Corporativa», com a data de 8 de Outubro e em que se nos dá o parecer daquela Câmara sobre o mesmo decreto-lei cujo texto definitivo não foi ainda comunicado.

O parecer diz-nos que ele «insere não só disposições relativas à própria fiscalização, mas também preceitos reguladores do balanço, conta «Ganhos e Perdas» e relatório

da administração e parecer do conselho fiscal, além de certas disposições gerais e transitórias».

No parecer da Câmara Corporativa se diz, em determinada altura que «o projecto contém, aliás, disposições tão apertadas e severas contra os membros dos conselhos fiscais das sociedades anónimas que, se for convertido em lei, provocará inevitáveis reacções, que contrariarão as suas próprias finalidades; e, porque se ocupa quase exclusivamente de um dos órgãos sociais destas sociedades, não atingirá, na prática, resultado útil, além de que poderá ser frustrado, na sua aplicação, sem dificuldade de maiores».

A Câmara Corporativa era de «parecer que não deve ser convertido em lei o projecto submetido à sua apreciação, cuja matéria terá melhor cabimento no novo Código Comercial, ou então numa nova lei que regule e discipline todo o direito das sociedades e não só um dos seus aspectos parcelares».

O parecer da Câmara Corporativa, de que foi relator o prof. Adelino da Palma Carlos, teve votos de vencidos parcelarmente dos procuradores José Pires Cardoso e Paulo Cunha.

É também subscrito pelos procuradores A. M. Marques Guedes, F. A. Pires de Lima, F. A. de Santos e Castro, Joaquim Trigo de Negreiros, J. A. Soares Manso Preto, José Frederico Ulrich, A. J. Bustorff Silva, A. de Sá Viana Rebelo, J. M. da Silva José de Melo e José Pires Cardoso.

Teatro gratuito para estudantes

A Fundação Calouste Gulbenkian, decidiu pôr gratuitamente à disposição dos estudantes de estabelecimentos de ensino de Lisboa metade da lotação do Teatro Maria Matos, onde um grupo de actores do «Piccolo Teatro di Milano» está a interpretar «Arlequin, o Amor e a Fome».

Os espectáculos realizam-se hoje, às 19 horas, amanhã, às 19 e 30 e, no sábado, às 16 e às 19 horas.

Deste modo, a nossa juventude vai ter oportunidade de tomar contacto com a «Commedia dell'Arte», através das interpretações, sempre extraordinárias, desses magníficos artistas que são Gracília Galvani, Marcello Bartolli e, especialmente, desse raro comediante que se chama Ferruccio Soleri.

«GIL EANNES»

Deve atracar amanhã, às 10 horas, ao cais da Matinha o navio-hospital e de apoio «Gil Eannes», que regressa da sua habitual viagem de assistência à frota baçalheira nos mares da Terra Nova e da Gronelândia.

INVESTIGAÇÕES SOBRE O CASO DA SENHORA ENVENENADA

VISEU, 30. — Continuam as investigações para esclarecer a morte da sr.ª D. Maria Madalena Elói Borges, que teria sido assassinada pelo marido, sr. Horácio Guilherme Borges, de convivência com uma irmã da vítima, D. Maria Salomé, como já noticiámos.

Embora o assunto esteja ainda no segredo da Justiça, sabe-se que o Horácio e a Maria Salomé estiveram ontem, acompanhados pelas autoridades, numa farmácia desta cidade, onde aquele comprou um produto com que teria sido envenenada a esposa. Ao fim da tarde, os dois acusados (que estão detidos) foram levados a Respeira, e na casa onde o ca-

sal residia, as autoridades tentaram fazer uma reconstrução do crime.

Necrologia

FUNERAIS

D. Maria de Lourdes da Câmara Viterbo (Viscondessa de Valdemouros)

Da Quinta do Anjo, aos Olivaes, para o cemitério local, saiu esta manhã o funeral da sr.ª D. Maria de Lourdes da Câmara Viterbo (viscondessa de Valdemouros), de 63 anos, viúva, natural de Lisboa, mãe da sr.ª D. Maria José Branco de Melo Amorim Ferreira.

FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO (8)

DIREITOS DE AUTOR E HISTÓRIAS DE EXTRAVAGÂNCIA

RIO DE JANEIRO, Outubro — (Do nosso enviado especial NEVES DE SOUSA — Joracy Camargo fala em nome da S.B.A.T. (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais):

— Não somos titulares ou donos dos direitos autorais arrecadados, mas simples intermediários (ou procuradores) dos nossos filiados. Hoje em dia, não se concede a isenção: nem para obras de domínio público. Mas, aqui no Brasil, ainda não se conseguiu formar uma consciência autoral para que os criadores de obras recebam pacificamente a remuneração a que têm direito.

Joracy Camargo diz, depois, que as sociedades (ao receberem esses direitos) retiram pequenas taxas de expediente, que variam consoante a região: entre 10 e 17 por cento, escriturando o saldo na conta corrente dos autores filiados.

— Temos contratos de reciprocidade com as sociedades congêneres de todo o Mundo — garante o autor de «Deus lhe pague». — E procedemos com lisura, com boa-fé...

As gravações de música brasileira não podem continuar a entrar no Brasil sem prévia audiência e pronunciamento pelos Serviços de Censura de Diversões Públicas.

— Sabe? As músicas estrangeiras estão a abusar de textos e efeitos sonoros pornográficos. Na Europa, triunfa hoje o disco de terceira classe: o que não tem qualidade mas possui erotismo, o que não serve para as famílias mas é devorado por marginais ou por «hippies».

Na verdade, é crescente a venda no Brasil de gira-discos (aumento de 20 por cento no mês de Agosto) e de televisores (9,7 por cento a mais, no mesmo período de tempo. E isto, apesar da subida do dólar NCR\$ 4,18 (compra) e NCR\$ 4,21 (venda).

O Fundo Monetário Internacional (dizem-nos em casa de Roberto Marinho) proporciona ao Brasil 157 milhões de dólares. Mas o grupo dos dez (Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, Japão, Itália, Canadá, Suécia, Bélgica e Holanda) vai rever a verba. No fundo, bem no fundo, o importante é criar zonas de comércio. E o disco pode rasgar horizontes insuspeitados...

JULIE LONDON: UM FILHO COM 20 ANOS

Falemos, portanto, de vedetas do disco: as suas histórias, as suas extravagâncias.

É muito loura. E tem olhos azuis. O grande decote que ostenta em todos os seus trajes mostra-lhe o busto sardento e róseo.

— Sou americana, sou. Nasci em Santa Rosa, na Califórnia, num dia 26 de Setembro. Quer saber mais alguma coisa?

Julie London foi ao Festival do Rio de Janeiro em substituição da cantora negra Nancy Wilson. Iria fazer parte do júri; afinal, quando chegou, o lugar já estava ocupado por Jule Styne.

— Quero que me apreciem como cantora, não como actriz, até porque o cinema

sempre foi secundário na minha carreira.

E acrescentou:

— «The Great Man», de José Ferrer, foi o único filme que me «disse» qualquer coisa. No mais, não tenho feito as coisas que deveria fazer, porque não aprecio apelo comercial. Quanto a músicas é conveniente que se saiba isto: na maioria dos casos não sou eu quem escolhe o meu repertório, que é sempre dependente do interesse da minha gravadora... Fuma muito Fuma imenso. E bebe (também) o seu bocadinho.

— Os modernos cantores e compositores negros da América do Norte pouco influíram na formação do meu estilo, porque eu faço um género só meu. Muito diferente do das «correntes»...

É muito firme quando garante o seu ponto de vista:

— Para mim, a música de mensagem não tem nenhum valor artístico, pois acho que não se deve misturar música com política. Quem se propõe a ouvir música quer esquecer problemas.

Julie foi educada em San Bernardino e era ascensorista numa loja de Hollywood quando uma agente teatral (Sue Carol, que foi casada com Alan Ladd) lhe sugeriu que tentasse a carreira artística.

— Meditei durante três dias e acabei por concordar — acentuou a loura, que se distinguia no papel de munição do filme «The Red House». Depois, foi a primeira «estrela» de filmes que conseguiram excelentes bilheteiras: «Man of the West» (com Gary Cooper), «Wonderful Country» (ao lado de Robert Mitchum), «Saddle the sea» (contracenando com Robert Taylor), «Voice in the mirror» (com Richard Egan) e «The third voice» (empareceando com Edmund O'Brien).

Logo após iniciar a carreira cinematográfica casou-se com Jack Webb, que mais tarde alcançou a fama com «Dragnet». Em 1954, Julie conheceu o renomado compositor Bobby Troup, com quem se casou logo que conseguiu o divórcio de Webb, cinco anos mais tarde.

A mãe de Julie London foi intérprete de «jazz» e o pai também cantou em «night-clubs». O êxito de Julie como cancionista só apareceu com «Peter Kelly's Blues», escrito por Arthur Hamilton. Quase de imediato ganhou inusitada popularidade através de «Cry me a river» e «Julie is her name». Ganha muito dinheiro: um milhão de dólares (coisa como 29 mil contos) com o seu famoso «album de ouro», 16 composições em que canta acompanhada pela orquestra de Nelson Riddle.

— Sou muito dorminhoca. Gosto de jogar. E apaixonamo-me com extrema facilidade...

Julie London é vedeta dos melhores «shows» musicais Perry Como, Bob Hope, Andy Williams, Ed Sullivan e Red Skelton pagam-lhe sempre boas verbas por quatro ou cinco interpretações nos seus programas.

— Nunca cobro menos de 20 000 dólares (578 contos). Tenho o meu prestígio a defender, não é verdade?

É provocante, «sexy» e talentosa. Poucas «estrelas» da tela podem elevar-se ao plano de Julie London, que é mãe de cinco filhos (o mais velho com 20 anos). Considera decadente o movimento «hippies», diz detestar o L. S. D. e a marijuana e usa vestidos curtos com fecho-éclair de cima a baixo.

Fora isto, apaixona-se, apaixona-se, apaixona-se...

NEVES DE SOUSA

A seguir (final):

ESTREIAS E «ESTRELAS» NO RITUAL DE UMBANDA



JULIE LONDON

...E AS VITÓRIAS MORRIS CONTINUAM!...



CAMPEONATO NACIONAL DE VELOCIDADE RAMPA DA PENA

VENCEDOR ABSOLUTO DE GRUPO
DE TURISMO DE SÉRIE:

FRANCISCO ROMÃOZINHO
EM MORRIS COOPER "S"

GRUPO DE TURISMO ESPECIAL (GRUPO V)
CLASSE 1300

1.º DOMINGOS SÁ NOGUEIRA
EM MORRIS COOPER "S"



A. M. ALMEIDA S.A.R.L.

Av. da Liberdade, 11 / Rua Escola Politécnica, 39 / Av. 5 de Outubro, 168 - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto — Agentes em todo o País



ESTE RIO LOUCO, LOUCO, LOUCO...

- ★ A letra da canção polaca foi proibida por motivos políticos. Os autores foram obrigados a improvisar novos poemas.
- ★ O secretário de Turismo da Guanabara recebeu todas as delegações. Leny Neves teve palavras muito amáveis para Portugal.
- ★ A netinha de Vinícius de Moraes já nasceu. Chegou antes da nova filha do poeta, que não tarda aí.
- ★ Carol Lindley: «foi depois de ler «Dona Flor e seus dois maridos» (de Jorge Amado) que decidi conhecer o Brasil». Até aos 10 anos a futura vedeta de cinema viveu num convento.
- ★ Sergio Endrigo continua no Brasil: foi pescar para Cabo Frio.
- ★ Rudy McQueen, director do «First International Song», que vai realizar-se em Los Angeles (1970,

- Março) convidou a delegação portuguesa a visitar os Estados Unidos.
- ★ Respostas de três vedetas sobre as canções que mais tinham gostado de interpretar: «Moonlight Sonata» (o pianista e maestro Henry Mancini), «Aqua di mare» (Romina Power) e «Pensando a te» (Al Bano).
- ★ Jimmy Webb anda permanentemente com quatro «amigos» espadaçados e de óculos coloridos.
- ★ Antoine la todos os dias penteia-se e arranja as unhas ao melhor salão de beleza de Copacabana.
- ★ César Thedín (marido de Tônia Carrero) vai fazer um filme com Wilson Simonal.
- ★ Tito Madri acertou com Augusto Algueró a próxima gravação de «Balanço, Zona Sul», por Carmen Sevilla.



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

Novo presidente da Federação dos Antigos Alunos dos Salesianos

Em cerimónia a que presidiu o rev. Manuel Júlio de Bastos Pinho, Provincial dos Salesianos, o dr. Manuel Filipe Correia de Jesus tomou posse do cargo de presidente da Federação Portuguesa dos Antigos Alunos Salesianos.

O dr. Correia de Jesus tem 27 anos de idade e é natural do Funchal. Estudou no Instituto Salesiano de Mogadouro, na Escola Industrial e Comercial do Funchal, no liceu desta cidade e, depois, na Faculdade de Direito de Lisboa, onde se licenciou. Neste cargo, sucede ao sr. Mário Vito da Graça Vaz.

Dizem os leitores...

EMBALAGEM PARA TODO O TIPO DE PÃO

Do nosso leitor sr. Alvaro Afonso Henriques, com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

«Numa época em que os homens se dedicam de corpo e alma ao aperfeiçoamento das máquinas é conflagrante o desleixo e desinteresse que demonstram para com a mais importante de todas: o seu próprio corpo.

Vem isto a propósito do que incompreensivelmente se está a passar, dentre

outras coisas, com a venda de pão em padarias e vendedores ambulantes. É chocante a maneira reprovável como aquele alimento é vendido: as mesmas mãos que manuseiam o dinheiro são as que fornecem os consumidores de tal mercadoria. Estará tal processo (há tanto a verificar-se!) de acordo com as mais elementares regras de higiene? Creio bem que não e porque considero dever ser o próprio consumidor a pugnar pela sua saúde, tomo a liberdade de

me dirigir a V. no sentido de lhe solicitar que seja lançado nas colunas do Jornal que tão dignamente dirige, um apelo para as entidades responsáveis a fim de que seja dada a mais rápida e conveniente solução para o caso.

A obrigatoriedade de embalagem para todo o tipo de pão e não só para alguns como já acontece ou no caso das padarias, a existência de um «caixa», julgo serem medidas razoáveis a adoptar.»

«Cancro do pulmão» — primeiro tema do III Curso de Pneumologia para Pós-Graduados

O 3.º Curso de Pneumologia para Pós-Graduados da Faculdade de Medicina de Lisboa, organizado pela Clínica de Doenças Pulmonares (Hospital de Santa Maria) de que é director o prof. Tomé Vilar, inicia-se já no próximo dia 3 de Novembro e decorre até ao dia 8 do mesmo mês.

A sessão de abertura, às 10 e 30 do dia 3, é preenchida com uma introdução ao curso, pelo prof. Tomé Vilar,

que versa o tema «Cancro do Pulmão», seguindo-se a primeira lição teórica pelo prof. Cortês Pimentel, sobre «Aspectos anatómico-clínicos dos tumores broncopulmonares e suas possibilidades de diagnóstico anatómico-patológico».

De tarde, a partir das 15 horas há demonstrações práticas e, das 22 às 24, realiza-se uma mesa-redonda sobre «Urgências Pneumológicas» dirigida pelo prof. Tomé Vilar.

O curso terá, em todos os restantes dias, duas lições teóricas, a cargo do dr.ª Maria de Lourdes Fonseca Santos, prof. Aires de Sousa, dr. Freitas e Costa, dr. Galvão Lucas, dr. José Macaneta, prof. Albano Ramos, prof. Tomé Vilar, prof. Celestino da Costa, prof. Ducla Soares e prof. Lucien Israel; demonstrações práticas; e mesas-redondas, tendo como moderadores os profs. Miller Guerra, Cortês Pimentel, Mário Cordeiro e Nogueira da Costa.

As lições teóricas e as mesas-redondas realizam-se na Aula Magna da Faculdade de Medicina e as demonstrações práticas no Serviço de Doenças Pulmonares nos dias 7, 8 e 9.

NOVOS SÓCIOS DO LIONS CLUBE DE LISBOA

Foi dedicado a companheirismo e à recepção de quatro novos sócios o último almoço do Lions Clube de Lisboa que se realizou na Casa do Leão, no Castelo de São Jorge.

Presidiu o desembargador Manuel Pereira de Oliveira e ficou a bandeira nacional o eng.ª João De Korth. Como convidados, estiveram presentes os srs. eng.ª Henrique Bandeira Vieira, do Lions Clube de Luanda, eng.ª Brognon, Carlos Augusto Santos e Forrester, e ainda Jean Lucey, do Clube de Paris-Maratins.

Os novos sócios, srs. João Luzio Cordeiro Nascimento Alves, eng.ª António Manuel Trigo da Rosa, Carlos Augusto das Chagas Torres e dr. Piero de Garzarolli, foram apadrinhados respectivamente pelos «lions» dr. Nuno Botelho de Medeiros, dr. José Fernando Trindade Martinez e dr. Loris Bellerio.

Foram tratados assuntos internos do Clube tendo usado da palavra, além do presidente, os «lions» Humberto Albarraque, eng.ª José Coelho Gil, dr. Trindade Martinez e dr. José Jaime Neves.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram, em combate: na província de Angola, o soldado n.º 066727/68, José Alberto Saraiva Oliveira, natural de Vila Nova de Tazem (Gouveia), filho de Alberto Vasques de Oliveira e de Ermelinda Saraiva; e, na província de Moçambique, o soldado n.º 707587/69, António Carlos Correia Leitão, do recrutamento da província.

o tecido ideal para os seus cortinados!



porquê?

porque (como é óbvio...)

O vidro não deixa entranhar a sujidade, apenas a permite à superfície...

O vidro resiste à humidade...

O vidro é refratário ao mildio, e também não apodrece...

O vidro é o material de mais fácil lavagem...

O vidro nunca encolhe nem alarga.

O vidro nunca é passado a ferro...

O vidro é ininflamável...

...e não menos importante, de cores extremamente resistentes aos efeitos solares.

Sinceramente, será que os seus actuais cortinados lhe oferecem Todas estas garantias?



Tecidos para Decoração **robilon Glass** em fibra de vidro

A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS DO GÉNERO

Para informações: RODRIGUES & BICHO, LDA, LISBOA 2

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

Uma garota endiabrada: «Pippi faz anos»

É cerca das 19 e 45 que o 1.º Programa exhibe o filme das traquinices da «Pippi Longstrumpf» no episódio em que Pippi faz anos e dá uma festa em sua casa, a Vivenda Mil Cores, aos seus amigos Tony e Anica. A festa corre com a maior animação, não faltando uma visita ao salão ao encontro de fantasmas. Mas estes não foram a uma reunião ao estão e Pippi explica que Clube dos Fantasmas...

O JOGO DA VIDA

A aventura amorosa de um cidadão proeminente dá origem a que um ousado jornalista descubra uma perigosa rede de espionagem...

Este é o resumo do que irá acontecer no filme de hora e meia pertencente à

apreciada série «O Jogo da Vida», que tem por realizador William Graham e principal protagonista o actor Anthony Franciosa, que nesta aventura contracenava com as belas e famosas Jeanne Crain e Zsa Zsa Gabor, além de Robert Webber e Claudine Longet.

Entrevista do mês DR. ARAÚJO CORRÊA

Poeta e novelista, Prémio 1968, o reguense dr. Araújo Corrêa estará presente na rubrica literária «Entrevista do Mês», que a R. T. P. transmite pelas 20 e 50.

canal da crítica

DO ALTO DA TELEVISÃO PORTUGUESA DESFRUTA-SE AGORA UM BELO PANORAMA...

Antes de mais nada, um pormenor saltou aos olhos do público: a extraordinária concentração de meios efectuada pela R. T. P., talvez a maior de sempre, no que respeita a programas de continuidade como vem a ser este do «Panorama do Teatro Português».

Havia uma batalha a travar: a do conhecimento do movimento teatral português, através dos tempos. Essa batalha só podia ser ganha mediante o recurso à qualidade, e não ao parlapeleio; à competência, e não ao compadrio; à influência, e não às «influências». Ao escolher o caminho que levou até Luiz-Francisco Rebello, ao dar a este a colaboração de músicos, cenógrafos e actores da melhor qualidade possível; ao destacar algum do seu pessoal técnico mais destacado para aquela «frente de combate»; ao concordar com apresentação de cenas outrora consideradas teleabais — a Televisão Portuguesa deu um gigantesco passo no caminho de uma possível modernização.

II

Aos olhos de um crítico exercitado no uso da difícil balança não passaram despercebidas algumas inevitáveis debilidades. Mas foi tão denso o ambiente de seriedade que se viveu, tão evidente o desejo de fazer bem, tão forte o ímpeto da raiz, tão procura de chão, que apontar pequenos senões quase passaria por excessos de novo-riquismo. O receio com que encarei esta primeira apresentação em breve se dissipou. É boa esta sensação de despir a pele de crítico e ficar, de súbito, reduzido à condição de telespectador afastado de si próprio e da terrível desumanidade de julgar.

III

Dentro da televisão portuguesa há um passo importante a dar: a libertação da sebeta, do papelinho escrito. Sei bem que a Televisão não constitui algo de isolado e independente na complexa estrutura da sociedade portuguesa actual. Ela é, pelo contrário, um produto dessa mesma sociedade. Se nos lembramos, porém, que o criador também cria o criador, seria conveniente, será ur-

gente, que a televisão se deixe alcançar pelo nível do degelo (se é que o degelo está na ordem do dia). O conteúdo não existe independente da forma que assume. A forma é conteúdo. Luiz-Francisco Rebello leu coisas muito acertadas, mas leu. Leu quando deveria tê-las dito. Porque o natural é falar, e não ler; porque é a naturalidade de estar que convida ao convívio, enquanto palestra convida à segregação.

O ritmo utilizado por Luiz-Francisco Rebello é todo de redacção, mesmo quando conseguiu levantar os olhos do papel. Volta a repetir que não estão em causa os conceitos expressos pelo responsável da rubrica; estão em causa os seus processos. Eu sei que defender o teatro português não é causa simples nem mesmo para um arrogado (com aspas e sem aspas) como Luiz-Francisco Rebello.

Por isso mesmo há que estudar o melhor caminho para o ideal ponto de encontro de teatro, cultura e povo através da Televisão. Esse caminho está ao seu alcance. Basta que o desliguem da sebetinha...

IV

Paradoxalmente, a qualidade pode prejudicar a qualidade. A inclusão de Alvaro Malta, Fernando Serafim e Guilherme Kjölnner em princípio só merece aplausos. Hesito no entanto em concluir que a sua colaboração, ontem, haja sido útil ao entendimento das situações. A linha melódica, extremamente simples, não se adaptava aos efeitos, mas visava a uma quase ascética oralidade. Perdida esta, temo que o público haja perdido as palavras (algumas muito belas, diga-se) muito embora lhe ficasse o recurso ao espectáculo já que, nesse aspecto o programa de Luiz-Francisco Rebello foi exemplar.

Compreende-se melhor is-

to quando nos lembramos da «cantiga» interpretada por Eugénia Maria e Paulo de Carvalho.

(Continua na página seguinte)

II PROGRAMA ZIP-ZIP

Toda a emissão do II Programa é preenchida pela repetição da 19.ª edição do Zip-Zip, que foi apresentada na sua estreia em 29 de Setembro de 1969. Como se sabe, Zip-Zip é uma produção de Raul Solnado, Fialho Gouveia e Carlos Cruz.

POSTA RESTANTE

M. H. L. (Porto) — Obrigado pelas suas amáveis palavras e as nossas desculpas pela demora na resposta: 1.º — Não se fazem programas, aliás, outros programas, no Monte da Virgem, pelo facto de esses estúdios estarem destinados à Tele Escola e à transmissão do folclore; 2.º — Não é verdade; 3.º — Só eles sabem porquê! Mas a verdade é só uma, e essa está expressa na alínea 1. As suas perguntas não são difíceis. As respostas é que o poderão vir a ser. Mas também temos uma pergunta para si: Qual o seu interesse directo em que o estúdio de Gala trabalhe?

F. L. A. O. (Lisboa) — «Gostosamente» atendemos o seu pedido de reprodução a receita premiada com o 1.º prémio no Concurso de Cozinha e Doçaria Portuguesas, pertencente à sr.ª D. Maria Eugénia de Castro Cerqueira da Mota, e que a nossa colaboradora Maria de Lurdes Modesto apresentou num dos programas de «Culinária» na R. T. P.

FOLAR DE VALPAÇOS

500 g de farinha
6 ovos
65 g de manteiga
65 g de banha
0,5 dl de azeite
15 g de fermento de padreiro
150 g de salpicão

100 g de chouriço de carne
150 g de presunto
1/2 frango

Ponha a farinha em monte num alguidar, e no meio dele o fermento de padreiro, desfeito num pouco de água tépida.

Mergulhe os ovos rapidamente em água morna e abra-os para cima da farinha. Misture-os mexendo em círculo. Em seguida regue a massa com a manteiga e a banha derretidas, juntamente com o azeite. Amasse tudo muito bem, e, se for necessário, junte um pouco de leite morno, temperado com sal.

Bata a massa até esta se desprender do alguidar. Polvilhe-a com um pouco de farinha, cubra-a com um pano e deixe-a levedar em sítio aquecido.

Unte um tabuleiro, com 7 ou 8 cm de altura, e cubra-o com uma camada de massa. Por cima disponha metade da porção das carnes fumadas cortadas em rodelas e alguns bocados de frango corado e desossado.

Cubra as carnes com uma segunda camada de massa, sobre a qual se espalham as restantes carnes. Cubra totalmente com a massa restante e deixe o folar levedar até dobrar de volume. Pincele a superfície com gema de ovo e leve a cozer em forno bem quente, durante 45 minutos.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Abertura e Teletjornal; 19 e 45: «Uma Garota Endiabrada»; 20 e 15: Totobola; 20 e 30: Actualidade Desportiva; 20 e 50: Entrevista do mês (com Araújo Correia); 21 e 30: Teletjornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: «O Jogo da Vida»; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 50: Fecho

II Programa — As 21 e 30: Teletjornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: «Zip-Zip»; 0 e 05: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Teletjornal; 19 e 45: Desenhos Animados; 20 e 15: Cortaz TV; 20 e 35: Parada da Indústria; 20 e 55: Casa com uma Felicidade; 21 e 30: Teletjornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: Recital de canto por Helena de Pina Monique; 22 e 30: «A Brigada Especial»; 23 e 35: Marcha do Mundo e Fecho

II Programa — As 21 e 30: Teletjornal; 22: Portugal de Hoje; 22 e 10: «O Homem do Fato Branco»; 23 e 35: Fecho



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde (ERC) — Canções do nosso tempo — A Orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa (ERC); 18 e 10: Programa da mulher, por Maria Emília Canele de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 45: Rádio rural — Música 66; Música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas Jovens; 20 e 40: 26.º episódio do Folhetim «O Grande Indústriário»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: O jornalista Horst Jankowski; 21 e 40: Tem maior; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 24: Música sinfónica: Abertura da ópera «Idomeneu» (Mozart); 16 e 30: 2.º acto da ópera «Tristão e Isolda» (Wagner); 18: Música do século XX: Elegia Sinfónica — Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direcção de Dimitri Mitropoulos; 19: Crítica literária, pelo dr. João Biegnotti Chorrão; 19 e 10: Folclore português — Música do regado de Maipica (Castelo Branco), recolhida por Artur Santos, em gravações cedidas pela BBC; 19 e 25: Música de piano — Dança dos Partidários de David (de Schumann), por Charles Rosen; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental: Abertura «Zampa», de (Händel), pela Orq. Sinf. de Detroit, dir. por Paul Paray; 20 e 30: Música coral romântica e contemporânea, pelo Coro da Rádio de Berlim; 21: Música de câmara; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: O guitarrista Narciso Yepes; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s — As 23: Música de tecla: Sonata em lá maior (João Cristino Bach), por Luciano Sprizzi; 23 e 30: Festival de Viena deste ano, em gravações cedidas pela Radiodifusão Austríaca; 0 e 01: Música sinfónica: Rionzi — Abertura (Wagner); 2: Fecho

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Recital; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 490,3 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 8 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 5: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Momento ABC; 20 e 12: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando a teletjornal toca; 23 e 08: Música tradicional e paleta religiosa; 23 e 22: Grande rede; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois; 03: Banda Sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 8: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matiné teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robôbiol; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Norte da vida; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença cimbriá; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 433,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Brasil; 8 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Acordeões portugueses; 21 e 45: Vozes da América do Norte; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 456,6 m — 1165 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Notícias; 20 e 55: Meditação; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30. Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22. Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2. Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30

ESTUDANTES!

3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO

CISNE

RECEPCÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

GINA-MODAS

Expõe a partir de 3 de Novembro próximo, no Hotel Diplomático, à Rua Castilho, 74, a sua colecção de modelos de Alta Costura, das principais casas de Paris, para a época Outono/Inverno.

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

Rendimento de 6 a 10% garantido por escritura pública, durante 6 e até 19 anos, à escolha do cliente
Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito.
Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

PREÇO DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

135.000\$00 — 215.000\$00
140.000\$00 — 225.000\$00
150.000\$00 — 230.000\$00
155.000\$00 — 250.000\$00
165.000\$00 — 255.000\$00
175.000\$00 — 265.000\$00
180.000\$00 — 305.000\$00
185.000\$00 — 325.000\$00
190.000\$00 — 350.000\$00
195.000\$00 — 470.000\$00
200.000\$00 — 600.000\$00

PREÇOS DOS ANDARES

3 assoalh.	190.000\$00
3 »	200.000\$00
3 »	220.000\$00
4 »	300.000\$00
5 »	380.000\$00
6 »	440.000\$00
9 »	750.000\$00
12 »	880.000\$00

LOCAIS ONDE POSSUÍMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA-AMADORA — CENTRO DA AMADORA — VENDA NOVA-AMADORA (Junto à Garagem Eduardo Jorge) — PAÇO DE ARCOS (Espargal) — PAREDE (Rua do Lobito, à Quinta do Junqueiro) — LISBOA e CASCAIS

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM MAGNÍFICA VISTA DE MAREM SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO, EM PAÇO DE ARCOS

Apartamentos em exposição: Reboleira, Amadora Paço de Arcos (Espargal), Cascais (por detrás do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Azulejos nacionais e estrangeiros — **Plásticos** para revestimentos de paredes e tectos. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, flores e apetrechos para jardins, encontra V. Ex.^a nos mais baixos preços, nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

Escritórios: LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Tels. 45843 e 47843
 QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22; AMADORA - REBOLEIRA, Tel. 933670

A nossa organização vende mais barato e com mais garantias porque é a única do país devidamente apetrechada na indústria e comércio do ramo

canal da crítica

PRÉMIOS A ARTIGOS

SOBRE O ALENTEJO

(Continuação da pág. anterior)

O público teve aí mais possibilidades de entrar no jogo em razão da simplicidade de processos. E mais teria, se Luiz-Francisco Reboleira levasse até às últimas consequências a sua resolução de traduzir, de adaptar, de resolver com que estou inteiramente de acordo, como já aqui foi dito em relação à linguagem de Gil Vicente.

O conjunto de actores destacado para esta operação pode considerar-se notável pela quantidade e pela relativa qualidade do trabalho produzido.

Não se impõe uma apreciação exaustiva do trabalho dos actores. O ambiente de festa que ontem se viveu na R.T.P. justifica alguma amnistia.

No entanto, seria impensável não citar o trabalho de um actor que respira instinto teatral por cada poro, por cada movimento: João Perry. A sua criação do «alfaiate» é das coisas mais saborosas que já temos visto entre nós. Nada, ali, era improvisado mas, simultaneamente, tudo era natural. Mais do que em qualquer outro momento tivemos, com João Perry, a noção do recuo no tempo cultural. De súbito vimos que, naquela altura, poderia ser assim — ao mesmo tempo que a lição de Ferruccio Soleri me pareceu muito bem assimilada. Será que nasceu ontem o Antequem do teatro português? Será que a experiência de Denis Jacinto foi recuperada?

VI
 Outras vitórias teve ontem a Televisão Portuguesa noutros aspectos essenciais como a cenografia e a iluminação que nos permitiu uma imagem enriquecida. A figuração, calcanhar de Aquiles de outras representações, foi de uma rigorosa sobriedade. A sua doença, a sua sifilis de estimulação ou seja: o rictus, não a atacou desta vez, muito embora a sofisticação a tenha ameaçado no «ro-

mance de Branca-Flora».

A realização de Herlander Peyroteo procurou igualmente o caminho da sobriedade que, em todo o caso, não livrou o programa de uma certa confusão na segunda parte, durante a execução dos «mimos». Pareceu mal dividido o campo de acção das câmaras o que poderá conduzir à monotonia.

Mas, oh, oh!, quem nos dera que, quando man, fosse como ontem na Televisão Portuguesa...

VII

Naturalmente, o «Panorama

do Teatro Português» não provocará as tempestades emocionais das rubricas Dada, porém, a evidente qualidade, admite-se sem esforço que a sua noite vai ser daquelas que prendem em casa muitos dos habituais espectadores de outras manifestações culturais ou artísticas ou pseudo uma coisa ou outra. Mais duas ou três rubricas de sucesso popular na Televisão Portuguesa e aí temos o fantasma da ruína dos espectáculos. Em Lisboa, claro, e pouco mais, porque no restante Portugal os espectá-

culos não vão muito além do nascer e do pôr-do-Sol, com a vantagem de serem gratuitos.

Esta ameaça mostra bem como são frágeis as estruturas do espectáculo em Portugal. Fortificá-las, enraizar no povo o cinema, o teatro, o «music-hall» eis a grande tarefa urgente que não pode

conceber-se senão na liberdade de criação e acção. Se não se fizer isto, a concorrência torna-se impossível e em breve não passaremos de uns monstros de pequeno corpo e uma enorme telecabana, ou tele-dor-de-cabeça, se preferem.

MÁRIO CASTRIM

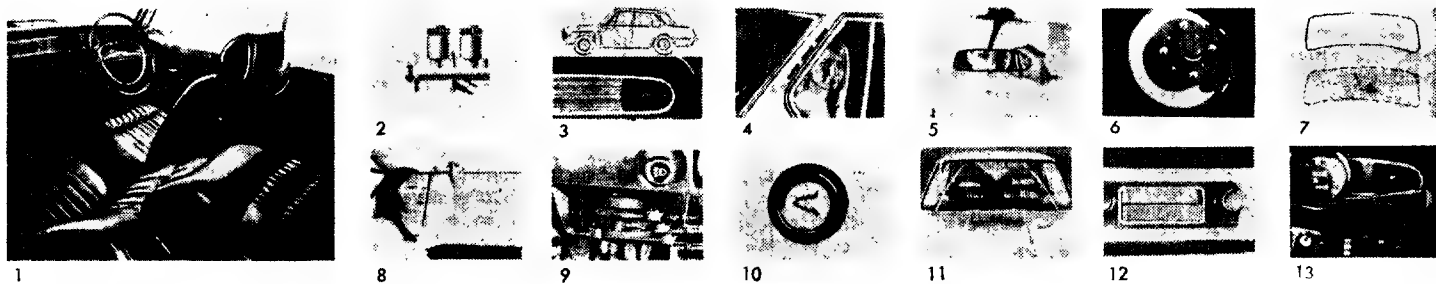
FERGUSON
 A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

AGORA...



MAZDA 1800 - 104 HP

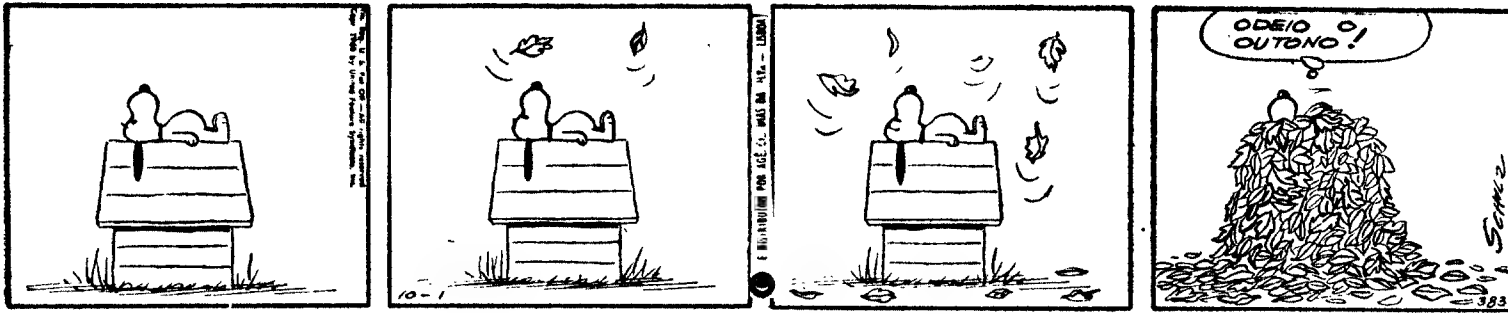
Em Exposição: JAPANAUTO - Rua Luciano Cordeiro 113 A



SEU ALTO PADRÃO DE CONFORTO, PORMENORES QUE DEFINEM O SEGURANÇA E COMODIDADE

1 — Bancos separados inclináveis. 2 — Travões de duplo circuito. 3 — Circulação de ar. 4 — Ventiladores. 5 — Retrovisor ajustável antienfameamento. 6 — Travões de disco nas rodas da frente. 7 — Para-brisas laminado. 8 — Pedaço com cabide. 9 — Aquecimento com 3 velocidades. 10 — Interruptores de emergência dos pisca-pisca. 11 — Limpa-vidros de duas velocidades. 12 — Rádio estereofónico com reprodução de cassetes. 13 — Interruptor geral.

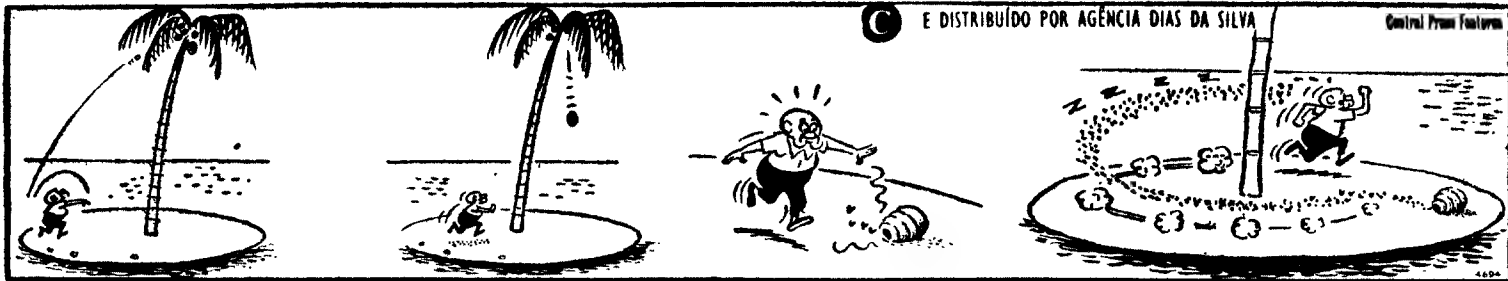
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



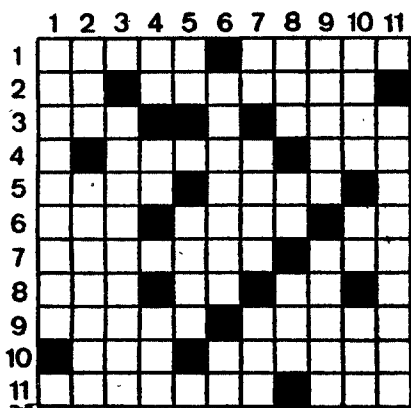
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5343

HORIZONTAIS: 1 — Encontrei. Cobrir. 2 — Prefixo que designa direcção. Rasguem. 3 — Bases. Anéis. 4 — Era Dueto. 5 — Embuçada. No qual lugar. 6 — Benigna. Ainda (poét.). Nota musical. 7 — Tagarela. Cauda. 8 — Negativa. Símbolo químico do cobalto. Existe. 9 — Que resiste ao fogo. Provoque. 10 — Decâmetro quadrado. Coloquei. 11 — Impedem. Gemidos.

VERTICAIS: 1 — Antigo nome de Ceilão. 2 — Poesia. Encobrir. 3 — Lugar próprio para seca. 4 — Antigo antigo. Poelna. Soberana. 5 — Paria. Cheiro desagradável (bras.). 6 — Concelho do distrito de Cabinda (Angola). Pretexto. 7 — A. li. Percorre. Acompanhada. 8 — Lavra. Concede. Tens. 9 — Some. Prudente. 10 — Estimou. Solitário. Conheço. 11 — Corteses.

Resolva completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5342

HORIZONTAIS: 1 — Moratória. 2 — Anise. O. QUE. 3 — Teus. Al. Uns. 4 — Ar. Estadeia. 5 — Ró. Mear. Lar. 6 — Al. Cara. 7 — Apraza. Os. E. 8 — Bar. Ai. Em. 9 — Anélas. VI. 10 — Tá BOM. Fera. 11 — É. Só. Ares.

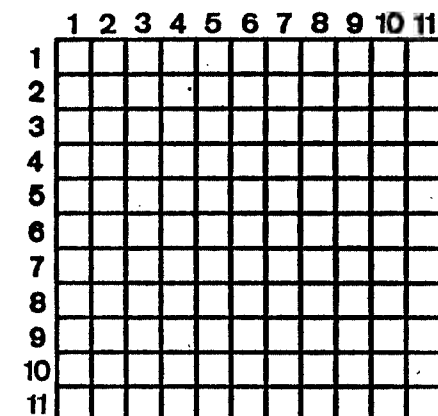
VERTICAIS: 1 — Motor. Abate. 2 — Onera. PARA. 3 — Rio. Anre. 4 — Assemia. Ob. 5 — Te. SE. Zelos. 6 — Ataca. Ama. 7 — Rolara. As. 8 — Rol. FÁ. 9 — Aquelas. VER. 10 — Unia. Bire. 11 — Reservem. Os.

(Provérbio: O QUE É BOM É PARA SE VER)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9186

HORIZONTAIS: 1 — Bebida alcoólica, muito vulgar na Índia Portuguesa. Prega. 2 — Vestibulo. Existam. 3 — Tempo do verbo ser. Papagaios da região do Amazonas. 4 — Acreditel. Deusa. Figura que simboliza o povo americano. 5 — Irmão de Moisés. Expressão. 6 — Planta vivaz e medicinal. 7 — Espigue. Nome de um poeta brasileiro bastante conhecido. 8 — Prefixo que designa ar. Catedrais. Troçar. 9 — Trajo típico da mulher indiana. Mamífero roedor da América chamado lebre-das-pampas. 10 — Ornamento que os reis medos e persas punham na cabeça. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. 11 — Esmonça. Penete.

VERTICAIS: 1 — Medita (fig.) Consome. 2 — Arremessa. Verdadeiros. 3 — Tramam. Vagueias. 4 — Curso de água natural e abundante. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Erva. 5 — Preposição e artigo definido. Porções. Em partes iguais. 6 — Ofereça. Preposição. 7 — Cento e cinco em romano. Africanos. Ruim. 8 — Viscera dupla. Lista. Doença. 9 — Previne. Cidade do estado do Maranhão. 10 — Atravessa. Pões do avesso. 11 — Acominhe. Louco.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9185

HORIZONTAIS: 1 — Tessalónica. 2 — Alais. Caros. 3 — Parra. Asava. 4 — Avá. Rir. 5 — Rá. Tolos. Ao. 6 — São. Aar. 7 — Imitais. 8 — Morar. Rasca. 9 — Elo. Mim. Ois. 10 — Rosca. Aulas. 11 — Oraís. Mioma.

VERTICAIS: 1 — Tapar. Umero. 2 — Elavos. Olar. 3 — Sano. Airosa. 4 — Sir. Toma. Cl. 5 — Asado. Irmãs. 6 — Lot. 7 — Ocaso. Armam. 8 — Nas. Saia. Uí. 9 — Irar. Assolo. 10 — Caviar. Ciam. 11 — Asaro. Passa.

Para as instalações novas da sua indústria

TERRENO

AS GRANDES EMPRESAS OU SOCIEDADES

Vende-se óptimo terreno, no todo ou em parte, com cerca de 60 000 m², já terraplenado e pronto a construir para qualquer ramo comercial ou industrial. Serve para grandes instalações e fica situado junto a Sacavém, a 10 minutos de Lisboa, com linda vista principalmente para a Auto-Estrada do Norte.

Para mostrar e tratar: Av. João XXI, 9-A, Lisboa.

Com o cartão
RAIL EUROP JUNIOR

os jovens com menos de 21 anos terão a redução de 25%.



Em ALMADA, o «DIÁRIO Amadeu & Veríssimo, Praça da DE LISBOA» é vendido por Restauração, 12.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Novembro de 1939 publicava:
«LONDRES, 30 — As perdas da marinha mercante inglesa, durante os dois primeiros meses de guerra, atingem 221 mil toneladas. Por muito sérias que sejam, deve recordar-se que são apenas iguais à tonelagem afundada durante uma das semanas do mês de Abril de 1917, quando a campanha submarina alemã atingiu o seu auge.»

BOLBOS DE FLORES DA HOLANDA

Tulipas
Jacintos
Narcisos
Ranunculos, Crocus,
Anêmonas, etc.ESCOLHA-OS
PELO CATALOGO
COLORIDO
(GRATIS)

José Afonso Duarte, Lda

R. S. NICOLAU, 24-AV. PARIS, 22-B
R. S. MAMEDE AO CALDAS, 29

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do
Almada, 99 — LISBOA

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral
dos
Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Almada em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Monte da Caparica, no referido concelho, de uma linha aérea a 30 kV, com 700 m de comprimento, do apoio n.º 3 da linha Laranjeiro-Lazareto ao posto de transformação da Sociedade Nacional de Petróleos no Porto Brandão. Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria da daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repatrição de Licenciamento,
em 21 de Outubro de 1969.

O Engenheiro Chefe
a) Guilherme Martins

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA DAS FEIRAS: SPORTING, 0-ARSENAL, 0

NÃO COMEÇOU BEM A «SÉRIE BRITÂNICA»

As equipas do Sporting e do Arsenal de Londres disputaram ontem o primeiro dos dez jogos que vão opor portugueses e britânicos, na segunda eliminatória de duas competições do futebol europeu: as Taças dos Campeões e das Cidades com Feira. Em princípio seria este o jogo que oferecia melhores perspectivas aos futebolistas portugueses, pois defrontavam-se, em Lisboa, o «leader» do nosso campeonato e o 15.º classificado de idêntica competição inglesa. Afinal, as dificuldades com que já se contava nesta série de jogos com os britânicos ter-se-ão agora avolumado, pois o Sporting não conseguiu melhor que um empate, por 0-0. Se em algum desses cinco confrontos o favoritismo pertencia declaradamente aos portugueses era, sem dúvida, no caso do Sporting, perante um Arsenal apontado como medíocre.

Viu-se porém, que a mediocridade do campeonato inglês serve perfeitamente para exportação, o que documenta a força de um futebol que tem numerosas equipas de boa categoria, como se mostrou, afinal de contas, o descredito do Arsenal de hoje.

de de cinco «cantos» no primeiro quarto de hora, e de ter, ao longo do jogo, obrigado os Damas a excelentes intervenções.

Só no período final da partida o Sporting jogou francamente mal, ruindo toda a sua organização colectiva, nos constantes erros de passes. Mas isto era já fruto da desorientação e de uma evidente inferioridade atlética — a tal ponto que se o jogo tivesse prolongamento ele teria sido verdadeiramente penoso para os portugueses.

Que não é por acaso que os ingleses são campeões do mundo, mostrou-o esta equipa do Arsenal, que, como se disse, está longe de ser das mais representativas do seu actual futebol. Acontece que, enquanto se discutem dois tipos de jogo — o futebol-técnica e o futebol-força — as equipas britânicas são as que em mais elevado grau se mostram possuidoras de ambas as virtudes, exibindo um domínio de bola que pede meças aos mais hábeis latinos e uma capacidade física que suporta todos os confrontos.

Este Arsenal não será o que se chama uma «grande equipa», pois não tem os jogadores excepcionais, os foradesérie, e os seus avançados não são bons rematadores. Mas é, para qualquer, um opositor difícil de vencer, pela incessante movimentação dos jogadores ajudando-se mutuamente, tapando todos os caminhos às tentativas de penetração do adversário. O Sporting viu-se muitas vezes na necessidade de jogar para os lados e para trás, justamente porque os ingleses não davam espaço para jogadas de progressão em conjunto. Partindo de uma base de cinco jogadores no meio-campo (na frente ficava apenas o corpulento Radford) o Arsenal contrariava toda a organização de jogo do Sporting, e a entrada de Celestino e Dani na segunda parte terá vindo precisamente dar á

equipa uma maior força nessa zona do campo onde eram visíveis os seus embaraços. Mas, muito rápidos nas intercepções, chegando quase sempre primeiro á bola, os ingleses não perderam a sua preponderância, que se avolumou nos minutos finais do jogo.

O Sporting perdeu algumas ocasiões de gol, mas em boa verdade os seus avançados não se mostraram muito decididos a rematar nos raras momentos em que o adversário deu possibilidades de o fazer.

Damas, sem um único erro, os quatro defensores, se bem que pouco certos nos passes, e Marinho, foram os melhores de uma equipa que tentou muito por vezes tentar mesmo muito bem, mas teve pela frente um adversário sabedor e poderoso — onde igualmente o guarda-redes e a defesa foram primeiras figuras. Mas daí para a frente também houve muita habilidade servida por invulgar capacidade atlética.

Quanto ao árbitro — Othman — diremos que teve um ou outro equívoco, mas não comprometeu em nada a famosa neutralidade suíça.

M. Z.

Estádio José Alvalade. Árbitro: Othman (suíço).

SPORTING — Damas: Pedro Gomes, Caló, José Carlos e Hilário; Gonçalves e Peres; José Moraes, Nelson, Lourenço e Marinho.

Duas substituições: ao iniciar-se a segunda parte, Celestino ocupou o lugar de médio, sendo José Moraes. Aos 67 minutos, Lourenço foi substituído por Dani, que ocupou o seu habitual lugar de médio, avançando Peres.

ARSENAL — Barnett; e Graham; Robertson, Storey, Neill, Simpson e Mc Nab; Court, Samuels e Graham; Robertson, Radford e Armstrong.



Aparentemente muito calmos — Nelson com a bola nos pés e um defesa inglês com os olhos na bola.

BOXE

UM ANO SEM CAMPEONATOS

Este ano não haverá campeonatos (regionais ou nacionais) de pugilismo.

Depois da Comissão Reorganizadora da modalidade ter feito disputar os Campeonatos Regionais do Sul (após um interregno de oito anos), os do Norte (após uma paragem de 17 anos) e os «Nacionais» (depois de 31 anos de esquecimento), o pugilismo volta a não ter competições. São os clubes os principais prejudicados e (talvez), também os culpados.

A Comissão, ao ser empossada, pediu cinco anos para reorganizar o boxe. Tal período foi-lhe concedido, mas não lhe foram doados os subsídios prometidos. Mas, enfim, a modalidade sempre foi saindo da estagnação em que vivia.

Como estavam perdidos certos hábitos de respeito e disciplina, a Comissão teve de actuar com mão dura. No entanto, após duas reuniões (uma das quais com a presença do sr. Inspector da modalidade) chegou-se á conclusão de que os clubes não tinham numero suficiente de elementos para formarem os

Corpos Gerentes da Federação e mais que os nomes apresentados, na sua grande maioria, eram completamente leigos em tudo o que diz respeito a pugilismo.

Agora o pugilismo está co-

locado neste impasse: a Comissão está demissionária, os clubes não têm elementos para a Federação e o pugilismo está parado.

Isto interessará aos clubes? Parece-nos que não.

A Comissão, conquanto demissionária, conservar-se-á nos seus postos até á transmissão de poderes. Tentou, ainda, realizar as competições do programa: e solicitou por escrito, há cerca de um mês, um subsídio de Esc. 17 800\$00 para a organização dos campeonatos. Numa entrevista de um dos elementos da Comissão com o Director-Geral este foi peremptório: «Não há dinheiro».

É evidente que, nestas condições, não haverá campeonatos, pois os quatro elementos que compõem a Comissão têm já 15 727\$570 escudos «emprestados» ao pugilismo, e não estão dispostos a pôr lá mais, por estarem demissionários.

A finalizar perguntamos: — Se não estava disposta a subsidiar a Comissão Organizadora do Boxe porque é que a Direcção-Geral dos Desportos a nomeou?

Repare-se que para a elaboração do regulamento foi preciso John Common pagar do seu bolso Esc. 3 500\$00 pela tradução do francês de A. I. B. A.

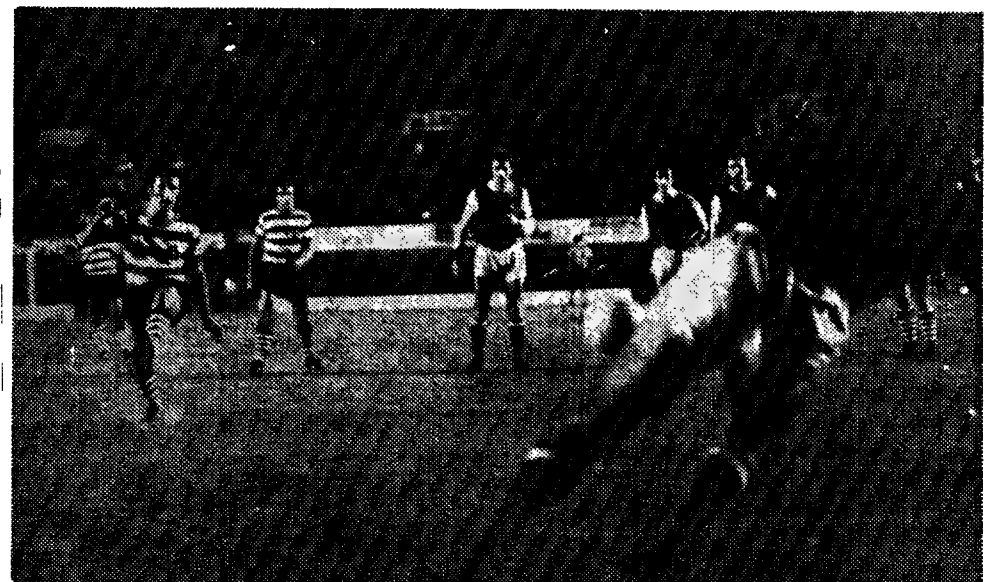
É claro que se um dos adeptos do boxe mais abastados, e o pugilismo tem alguns, estiver disposto a substituir o subsídio oficial, então podem ser feitos os campeonatos, havendo continuidade de provas.

A propósito: já um dirigente da actual Comissão teve 30 mil escudos «emprestados» e, actualmente, tem apenas Esc. 13 627\$00. Isto é prova de que o pugilismo tem condições de vida.

P. A.

O 11.º CONCURSO DO TOTOBOLA

Para o concurso do Totobola do dia 16 de Novembro próximo foram escolhidos os seguintes jogos dos campeonatos principais: Barreirense-Leixões, Porto-U. Tomar, Varzim-Setúbal, Guimarães-Sporting, Académica-Cuif, Leça-Belra Mar, A. Viseu-Salgueiros, Torres Novas-Lamas, Seixal-Farense, Portimonense-Atlético, Sintrense-Tomense, Oriental-Montijo e Tramagal-Sesimbra.



«Penalty», a grande ocasião que o Sporting teve de conseguir vencer o Arsenal. Peres tentou iludir Barnett, batendo a bola com a face externa do pé, mas o pontapé foi fraco e o guarda-redes pôde alcançar a bola.

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL

O Sintrense venceu ontem o Sacavenense por 2-0 no encontro de reservas que as duas equipas disputaram a contar para o campeonato da quarta categoria destinado ás equipas das 2.ª e 3.ª divisões da Associação de Futebol de Lisboa.

TÉNIS DE MESA

Resultados das partidas disputadas ontem á noite a contar para a Taça «Record», em juniores:

Paço de Arcos - Mirantense A, 1-3; R. Cordeiro-C. Católico, 0-3; Belenenses - S. L. Águias, 3-1; Benfica A-Casa Pia B, 3-1.

Continuam em prova as equipas do Benfica A, Sporting A, Amadora B, C. Católico, Mirantense A e Belenenses, sem derrotas, e Benfica B, S. L. Águias e Casa Pia B, com uma derrota.

Por terem registado segunda derrota, foram eliminados o Paço de Arcos e o Rodrigues Cordeiro.

ESGRIMA

Na sala de armas do Grémio Literário a primeira prova da época de esgrima doada com a Taça «Marquês de Pombal». O major Leite da Assunção foi o vencedor seguido de Mário Mourão, classificando-se em 3.º lugar o Marquês de Pombal.



Conta Juventude

BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Joaquim Campos no Feyenoord-Milan

O árbitro lisboeta Joaquim Campos foi designado pela Comissão Central para dirigir o encontro Feyenoord-Milan que se realiza em Roterão no dia 26 de Novembro.

Foram também nomeados João Gomes (Porto) e Henrique Silva (Lisboa) para actuarem como auxiliares no mesmo desafio.

ATLETISMO (3)

O valor de alguns novos «records» segundo a tabela portuguesa

—Tavares Alves (Sporting) conquistou a «marca» de maior índice técnico

Já praticamente no período de defeso (se em boa verdade se possa dizer para um atleta que tem em conta as suas responsabilidades existir defeso), isto é, de merecido repouso para dirigentes que trabalharam intensamente durante uma época, quer no âmbito clubista quer ainda nos sectores associativos ou federativos, é, portanto, o momento de analisarmos alguns factos ocorridos na modalidade através das expressões numéricas (marcas e tempos) que ficaram para a história do atletismo português.

Em artigos anteriores focámos a quantidade de no-

vos «records» obtidos ou estabelecidos na temporada tanto no sector masculino como no feminino. Foi, sem dúvida, devido a uma preparação mais racional que em 1969 se atingiu elevado número de novos máximos, alguns dos quais de excelente recorte técnico, como por

exemplo, se pôde observar no salto em altura (2 m) registado pelo excelente atleta «leonino» Tavares Alves, que consideramos através do seu feito, juntamente com Raposo Borges (Sp.), como as figuras do ano na modalidade.

É claro que os 903 pontos,

(que equivalem aos 2 m) não é um feito que deslumbre toda a gente afecta ao atletismo, mas é, na verdade, qualquer coisa que nos diz que a modalidade tem bases para ir mais longe. Isto é, os praticantes quando encaminhados no bom sentido e possuídos das condições necessárias são capazes de, de um momento para o outro, dar um volte-face ao desporto das corridas, saltos e lançamentos.

Os novos «records» provam que a juventude portuguesa tem espírito e físico desportivo. Há apenas que pôr nos actuais problemas que afectam o desporto os verdadeiros dados capazes, portanto, de nos darem as soluções que esperamos há longos anos.

Bastou um trabalho mais cuidado, profundo, atento, sério, e fortemente digno — de um punhado de dirigentes (técnicos, clubistas, associativos e federativos) imbuídos de uma valorização das gentes lusitanas, para que em escassos meses se subisse na cravadeira do tecnicismo de maneira invulgar.

Não é, portanto, impunemente, que por exemplo, na categoria de iniciados (masculinos) tivessem surgido três ou quatro nomes, que certamente vão dar que falar — Jorge Nunes (Bel.); Jorge Graça (Sp.); Correia Cunha (U.) e Rui Santos (Bel.), através dos seus cometimentos no lançamento do peso (16,16 m); dos 200 m barr. (29,3 e 28,7); dos 150 m (17,9 e 17,7); altura (1,70 m) e 80 m barr. (12 s.).

Finalmente, na categoria de seniores, os atletas «leoninos», denam valioso contributo (dos novos dez «records», nove foram obtidos por sportinguistas), através de Armando Aldegalega, Raposo Borges, Alberto Matos, Tavares Alves, Fernando Marnede, José Lourenço, Domingos Capindinça e Morujo Júlio.



TAVARES ALVES

A melhor pontuação conquistou-a Tavares Alves (903), mas não podemos deixar de assinalar que o tempo registado na maratona, por Armando Aldegalega se encontra catalogado entre os 25 melhores do mundo (2 h. 24 m. 23,6 s.).

Observemos, portanto, os novos «records» — os de maior interesse — através da tabela portuguesa de pontuação:

SENIORES

903 — Tavares Alves (Sp.) 2 m (altura), 17-8-69.
896 — Alberto Matos (Sp.) 52,5 s. (400 m barr.) 30-6-69.
892 — António Fonseca e Silva (Bf.), 10,5 s. (100 m), 22-6-69.
890 — Raposo Borges (Sp.) 4,22 m (vara), 22-6-69.
888 — Raposo Borges (Sp.) 4,21 m (vara), 11-5-69.
886 — Alberto Matos (Sp.) 14,5 s. (110 m barr.), 29-6-69.
868 — Equipa do Sporting 4X800 m (Mamede, Lourenço, Capindinça e Morujo Júlio), 7 m. 40,4 s. (2-6-69).
816 — Alberto Matos (Sp.) 24,7 s. (200 m barr.), 1-6-69.

O «MUNDIAL» DE SNIPES

Paulo Santos-Fernando Silva ganharam a 5.ª regata

LUANDA, 30 — A tripulação brasileira Conrad-Buckup e a portuguesa formada por Paulo Santos-Fernando Silva ganharam, respectivamente, a 4.ª e a 5.ª regata do Campeonato Mundial de Snipes que está a disputar-se nesta cidade.

A equipa americana mantém-se no primeiro lugar da classificação geral, mantendo aceso despique com os velejadores brasileiros e portugueses. A regata que falta disputar (a 6.ª) será decisiva para a atribuição do título.

Assistência Clínica aos Beneficiários da Previdência Social do Distrito de Lisboa

TRANSFERÊNCIA DE SERVIÇOS

Para conhecimento de todos os interessados se comunica que, a partir de 1 de Novembro, a prestação de Assistência Clínica que competia à Federação de Caixas de Previdência e Abono de Família (anteriormente «Serviços Médico-Sociais»), passa a estar a cargo da **CAIXA DE PREVIDÊNCIA DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO E DOS ORGANISMOS CORPORATIVOS**, com sede na Avenida dos Estados Unidos da América, n.º 39.

Nestes termos esclarece-se que:

- Os serviços que até agora funcionavam na Calçada Marquês de Abrantes, n.º 68 e na Avenida Manuel da Maia n.º 48-58 (Serviços da Zona Sul), ficarão instalados, a partir daquela data na sede da Caixa;
- O SERVIÇO PERMANENTE que era pedido pelo telefone 66 28 19 (inscrito na lista telefónica em Serviços Médico-Sociais, serviço nocturno, domingos e feriados) deverá ser solicitado pelo telefone 71 60 81;
- Esta transferência de serviços não implicará por agora qualquer alteração na localização e funcionamento dos Postos Clínicos.

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador) — Esq. R. da Prata
Telefone 32 77 23 — LISBOA

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM:

TECIDOS PARA DECORAÇÕES

ESTOFOS * ALCATIFAS E CARPETES



TEMOS ORGULHO EM
O APRESENTAR

**SIEMENS
ESTORIL**

O MAIS MODERNO
TELEVISOR IMPORTADO DE

51 cm



O televisor
europeu
feito para o lar
português

A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS

EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES NA

SIEMENS-COMPANHIA DE ELECTRICIDADE, S.A.R.L.

LISBOA - 1: AV. ALMIRANTE REIS, 65 — TELEFONE 63 69 21

PORTO: RUA DAS CARMELITAS, 12 — TELEFONE 2 89 43

EMPRESAS, COLÉGIOS, FÁBRICAS
OU GRUPOS DESPORTIVOS

AUTOCARROS

Vendem-se 4 em bom estado. Pode facilitar-se pagamento.
Trata e mostra: Av. João XXI, 9-A — LISBOA.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita
em relevo executado em placa de
cobre ou cunho de aço de abso-
luta necessidade em praxes pro-
tocolares para pessoas de distin-
ta condição social bem como de
bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA



«Conheça a Curia»

é um bilhete turístico de fim-de-
semana, com todas as despesas
incluídas, emitido pela C. P.
aos preços de:

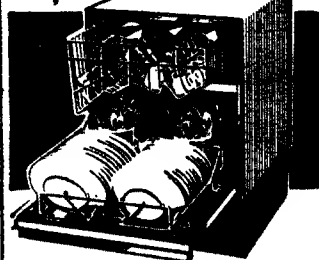
305\$00 — 330\$00 — 435\$00

consoante a amplitude dos ser-
viços preferidos.

Peça folheto descritivo e
adquira o seu bilhete nas esta-
ções de Lisboa (Rossio) ou de
Lisboa (Santa Apolónia), nos
Despachos Centrais do Caminho
de Ferro e nas Agências de Via-
gens autorizadas.

PEUGEOT

**MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA
LAVAR A
LOUÇA***



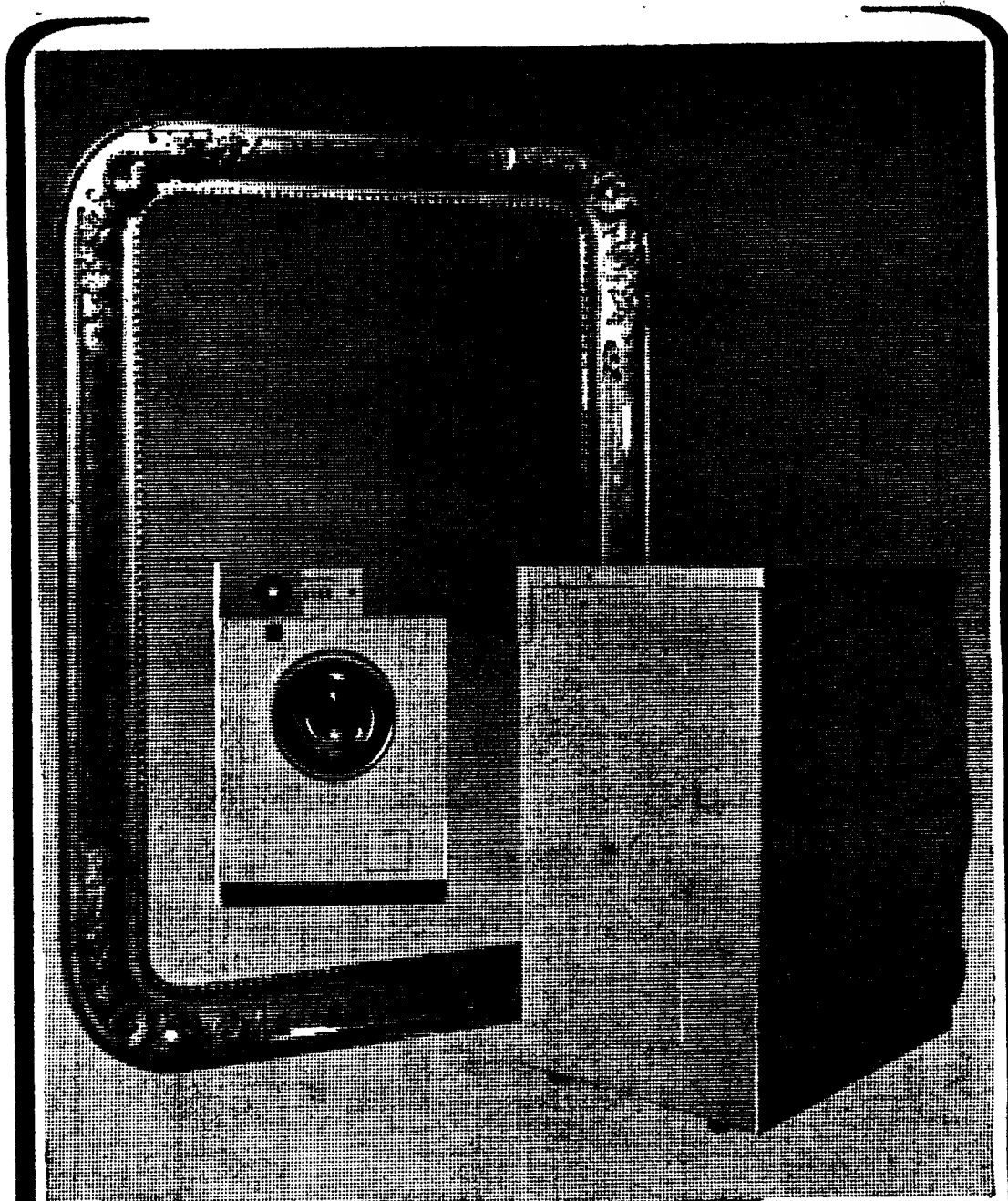
**100% Automáticas
Aço inoxidável**

* Com capacidade para
um serviço completo
de 8 pessoas

PEUGEOT
a qualidade que não se discute

SABEL

Rua da D. Estefânia, 88/A-LISBOA
Rua de Sta Catarina, 1209-PORTO



* Uma beleza simples
é a que tem a rara virtude
de se integrar em qualquer ambiente
com classe e discretamente.

* A máquina de lavar ZANUSSI
foi desenhada com o pensamento
de que deve entrar em sua casa
e portanto tem de ser de bom gosto.

ZANUSSI — máquinas de lavar, televisores, frigoríficos,
congeladores, máquinas de lavar loiça,
fogões e equipamento industrial.

ZANUSSI — os melhores preços em todo o Mundo.

ZANUSSI
uma
garantia
que vale

67-20-04-mi

Distribuidores Gerais: J. J. GONÇALVES, SUCRS. S. A. R. L.
Lisboa • Porto • Agentes em todos os distritos

**FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA
E ABONO DE FAMÍLIA**

Por força do disposto na Lei 2115 de 18/6/62, são transferidos
para a Caixa de Previdência dos Empregados de Escritório e Organismos
Corporativos — Avenida Estados Unidos da América, 39 e 39-A, os
serviços médico-sociais do Distrito de Lisboa até agora dependentes
desta Federação pelo que a partir de 1 de Novembro p. f. os beneficiários das
Caixas de Previdência, residentes no distrito de Lisboa, deverão tratar
directamente com aquela Caixa todos os assuntos relacionados com
o seguro «Doença».

Lisboa, 28 de Outubro de 1969

A DIRECÇÃO

CARTAZ DOS CINEMAS

SARTANA, REZA PELA TUA MORTE — POLITEAMA
A BATALHA DE INGLATERRA — SÃO JORGE
DESEJO PERVERSO — ESTÚDIO 444
NOITES DE OUTROS TEMPOS — ROMA

* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
 HOJE, AS 21.30 — ESTREIA
 Um sensacional filme

de acção explosiva
SARTANA, REZA PELA TUA MORTE
 (COL.)

HOJE, AS 18.30 — (Adultos)
 SESSÃO CLASSICA

* MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
 As 15.15, 18.30 e 21.45
 5.ª SEMANA

Finalmente em Portugal o famoso filme com Gary Cooper e Ingrid Bergman

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway

Metro — Estação Picoas

* EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
 As 15.15 e 21.30
 70 mm — Moscolor
 17.ª SEMANA

O maior monumento de todo o Cinema!

O INCÊNDIO DE MOSCOVO A VITÓRIA

3.º episódio de «Guerra e Paz»

* LUMIAR

Calç. de Carriena Tel. 791574
 As 21.30 horas (M. 17 anos)

LUTRIN!

com Robert Hoffman e Lisa Gastoni

Amanhã, às 22 h. (M. 15 anos)

1.º ANIVERSÁRIO — FILMES

VARIEDADES com Marco Paulo, Maria Armanda e António Frazão — Baile até de madrugada pelo conjunto José Pedro — Surpresas e animação!

* CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
 As 17 e 21.30

O ANJO AZUL

com Emil Jannings, Marlene Dietrich

* SÃO JORGE

(M. 12 anos) Tel. 54153
 HOJE, às 21.45

ESTREIA DE GALA com a presença do senhor Presidente da República, de

A BATALHA DE INGLATERRA

As 15.15 e 18.15 (17 anos)
 DAVEY, O FOLGAZAO

* AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
 As 21.45

Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil

QUIMERA
 em Gianni Morandi e Laura Efrikian

* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 60595
 As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

3.ª SEMANA

O filme que obteve 2 PRÊMIOS DA ACADEMIA com PETER O'TOOLE e Katharine Hepburn

O LEÃO NO INVERNO

* EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
 As 15.15, 18.30 e 21.45

Panavision — Technicolor
 Uma sensacional sátira aos «westerns»

OLHOS VERDES, LOURA E PERIGOSA

com Kim Novak, Zero Mostel e Akim Kaimiroff

* LIDO

Praça D. João I — AMADORA
 As 21.30 h. (M. 17 anos)

Uma comédia escandalosamente feliz!

A FELICIDADE DA SR.ª BLOSSOM

Um festival de Shirley MacLaine

* IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
 As 21 h.

COMEÇOU EM NÁPOLES A ASSINATURA DO CRIME

* MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
 As 21.30

OS LOUCOS DO AMOR
 c/ Jack Lemmon e Catherine Deneuve

No programa: RIBATEJO EM FESTA — Real de Francisco Saalfeld

QUINZENA OBRAS-PRIMAS

Amanhã — Adultos — 18.30h.
 JOHNNY GUITAR

de Nicholas Ray com Joan Crawford e Sterling Hayden

Dia 3 (M. 12 anos)
LADROES DE BICICLETAS

* OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
 COLISEU — As 21 e 30: «Companhia de Circo» (12 anos)

TEATROS
 A. B. C. — As 20 e 45 e 23 h.: «Eno, já fala» (17 anos)

GIL VICENTE — As 21 e 30: «Oração e dois verdugos de Arrabal» (17 anos)

VARIEDADES — As 21 e 45: «Os direitos da mulher» (17 anos)

VILLARET — As 21 e 15: «Amor às riscas» (17 anos)

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23 h.: «Esperteza Saloia» (17 anos)

MONUMENTAL — As 20 e 45 e 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos)

MARIA MATOS — As 21 e 45: «Tomba no Inferno» (17 anos)

CINEMAS
 MOSCAVIDE — As 21: «Nasci para amar» (17 anos)

PARIS — As 21: «Raparigas modernas» (17 anos)

IDEAL — As 21: «A Caveira» (17 anos)

OLIMPIA — As 21: «O Gladiador de Messalina» (12 anos)

SALÃO LISBOA — As 21: «A Deusa de ouro» (12 anos)

PROMOTORA — As 21: «Homem sem rumo» (17 anos)

ARCO IRIS — As 21: «Missão em Teorão» (12 anos)

CINEARTE — As 21: «A Raposa» (17 anos)

CINEARTE — «Missão em Teorão» (12 anos)

JARDIM — As 21 h.: «O filho de Django» (12 anos)

VOZ DO OPERÁRIO — As 21 h.: «Os cavaleiros do terror» (12 anos)

CAMPOLIDE — As 21 h.: «El Dorado» (12 anos)

B. V. LOURES — As 21 e 30: «O pequeno banhistas» (12 anos)

B. ENCARNACÃO — As 21 h.: «Adivinha quem vem jantar» (12 anos)

UNIVERSAL — As 21 h.: «O elogio da preguiça» (12 anos)

Linha de Cascais
 ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30 — «O Casa Stange» (17 anos)

* VOX

(M. 21 anos) Tel. 720808
 As 18.30 e 21.45
 15.ª SEMANA

DE ENCHENTES

HELGA

(O segredo da maternidade)

Comentado em português (Ar condicionado)

AVISO:

É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja dúvida da avaliação da idade.

* CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 15 e 21 h.
 COMO SE EU FOSSE UM ESPIAO

A COLINA DA SAUDADE

* ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
 As 21.45 ESTREIA

Um tema altamente ousado!

DESEJO PERVERSO

c/ Lisa Gastoni e Lou Castel

* IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555131
 As 15.15 e 21.30 h.

Um filme de John Frankenheimer

Alan Bates, Dirk Bogarde e Elizabeth Hartman em

O HOMEM DE KIEV

(METROCOLOR)

* ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
 As 15.30, 18.30 e 21.45

EM 12.ª SEMANA

A obra fundamental de Roman Polanski

REPULSA

com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

* CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710
 As 15.15, 18.15 e 21.30

Nathalie Delon e Renaud Verley

O amor e o sexo... Uma mulher e um jovem!

A LIÇÃO PARTICULAR

com Robert Hossein

VERSÃO INTEGRAL

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
 As 21.30

Uma história em que os fins justificam os meios mas por vezes surgem soluções inesperadas — Em Eastmancolor

RAPARIGAS MODERNAS

Corine Piccoli, Arlene Dahl e Johnny Hallyday

* ROMA

(Adultos) Tel. 727778
 As 21.45 ESTREIA

Elas, os maridos e os rivais numa história de pecadilhos!

NOITES DE OUTROS TEMPOS

c/ Vitorio Gassman e Gina Lollobrigida

Technicolor — Techniscope

* SÃO LUIZ

(M. 12 anos) Tel. 327172
 As 15.15, 18.15 e 21.30

Franscope — Color

3.ª SEMANA

O CÉREBRO

com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

* ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 763080
 As 15.45 e 21.45

Franscope — Color

1.ª SEMANA

O CÉREBRO

com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

* ODEON

(Adultos) Tel. 326283
 As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

Um notável filme policial onde a acção é soberana

PERRY GRANT AGENTE DE FERRO

com Peter Holden e Marilu Telo

Scope — Eastmancolor

* LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
 As 21 h.

CHARLY

UMA PISTOLA PARA RINGO

FARMACIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno C

AJUDA — Moura, Trav. da Memória 55 (630944) * Biotifar, Rua D. João de Castro, 27-B (638824)

ALCANTARA — Bairro, R. Prior do Crato, 25 (13214)

ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)

ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) * Roma, Av. de Roma, 85-B (772466) * S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140)

AMOREIRAS — Britânica, Trav. Léguas da Póvoa, 5-B (689250)

AREIRO — Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860)

AVENIDAS NOVAS — Alcantara, Av. da Repub., 74-A (71379)

* Vale, Av. Marques de Tomar, 45-49 (773043) * Dalva, Av. Duque de Avila, 125 (45225) * S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 9 (48642)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27 n.º 41 (311216)

BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 187 (326476) * Azevedo, Filha, Pr. de D. Pedro IV, 31 (327478)

BENFICA — União, Est. de Benfca, 592-594 (700092) * Alegria, Est. de Benfca, 180-A-B (780511)

CAMPO DE OURIQUE — Lobet, R. de Infancia 6, 98-B (688807) * União, R. Saraiva de Carvalho, 119 (663643)

CAMPOLIDE — Salutar, Rua B, 75-A, Bairro da Liberdade (683694) * Pinto, R. de Campolide, 11 (682610)

CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)

ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Inês de Santa, 66-B (666971)

ESTEFÂNIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)

GRACA — Ziller, R. de S. Tomé, 54-56 (862835)

LUMIAR — Central da Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) * Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A-B (791131)

MADRAGAÇA — Eduardo A. César, R. dos Trinos, 102 (662631)

OLIVEIRA — Oliveira, R. Alves Gouveia, 19 (311237)

PENHA DE FRANCO — Central da Penha, R. Penha de Franco, 58-60 (849245) * Vitalis, Rua Morais Soares, 66-A (848011)

PICHELEIRA — Luzmar, Rua João

do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703)

PRINCEPE REAL — Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (326750)

REGO — Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (771873)

ST. AMARO — Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (638625)

S. BENTO — Maz Teixeira, Rua Paço dos Negros, 115 (679961)

DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Freitas, Rua Zolano Pedrosa, 11-13 (381136) * Banho, Est. de Chelas, 173-175 (382241) * Frazão, R. da Cruz de St.ª Apolónia, 90-92 (847019)

PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202-B (780841)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 — (Tel. 2122031)

CAXIAS — Nave, Rua Benardim Ribeiro, -A (242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (2432039)

OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, -8 (2430058)

PARADE — Aizir — Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)

ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078) A. Costa — Rua Freitas Reis, 24-A (Tel. 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA — Confiança, Est. Militar, lote D (971023)

QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) * Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51-51 A (Tel. 950123)

CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (2940034)

MEM MARTINS — Químia, Est. Mem Martins, 285 (2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (980456)

SINTRA — Marrazes — Largo Ralinho D. Amélia, 20 (T. 980058)

COLARES — Celares, Abrelo (Tel. 299088)

● Outra banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (284187)

ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250)

ALMADA — Algarve, Rua Fernão Lopes, 1 (27027)

BAIXA DA BANHEIRA — Nave Fátima, Est. Nacional — 21-B (224141)

BARREIRO — Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (2273212)

COVA DA PIEDADE — Império — Rua Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA — União Maltense, Av. Dr. Teófilo Braga (239025)

MONTEJO — Higiene, Rua José Joaquim Marques, 142 (23037

Diário de Lisboa
DL
 Propriedade de
 Renascença Gráfica, S. A. R. L.
 Sede: Rua Luz Soriano, 44
 Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
 Publicidade 3 42 21
 End. Tel. DIBOA, Telex 1963
 Lisboa 2 — Portugal

A LEI DA CAÇA

AS COMISSÕES VENATÓRIAS INSTITUCIONALIZADAS CORPORATIVAMENTE



Kennyata: não a oposição

o tempo
 INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL
 SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo e o vento era fraco.
 TEMPERATURAS E EXTREMOS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua e Fonte Boa, 25°; mínima: Penhas do Saúde, 3°.
 TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 15°; Faro, 17°; Funchal, 20°; Lagos, 16°; Oporto, 14°; Portalegre, 10°; Porto, 14°.
 TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 17°; na água do mar: 17°.
PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ
 Céu geralmente limpo; vento fraco a moderado, predominante de Nordeste.
 Amanhã
 Nascer às 8 e 10
 Ocaso às 18 e 38

FOI ATRIBUÍDO A DOIS CIENTISTAS O PRÉMIO NOBEL DA QUÍMICA

ESTOCOLMO, 30 — (F. P.). — O Prémio Nobel da Química de 1969 foi atribuído aos professores Derek H. Barton (Grã-Bretanha) e Odd Hassel (Noruega).
 O prof. Odd Hassel é o primeiro norueguês a ganhar o Prémio Nobel da Química, enquanto o prof. Barton é o décimo oitavo britânico a receber esta distinção.
 No palmarés dos Prémios Nobel da Química encontra-se em primeiro lugar a Alemanha, com 22 laureados, seguida pela Grã-Bretanha (18), pelos Estados Unidos (16) e pela França (6).

Do Ministério das Corporações e Previdência Social e da Secretaria de Estado da Agricultura, foi enviada para o «Diário do Governo» a portaria que, nos termos da Lei da Caça, institucionaliza corporativamente as comissões venatórias existentes.
 No texto introdutório, nomeadamente, diz-se o seguinte:

«Ora, o nosso corporativismo nem é integral, numa aceção absoluta, nem simplesmente parcial, já que não integra todas e quaisquer funções sociais, incluindo aquelas que por tradição e princípio se entende dever pertencerem ao Estado, nem, por outro lado, se restringe apenas ao domínio económico.»

Neste contexto, se é certo que a caça é, essencialmente, desporto, não é menos exacto que ela constitui uma riqueza pública, com implicações sérias nos domínios da lavoura e do turismo.
 E daí que se compreenda não possa ela estar na pura

dependência dos particulares, justificando-se a intervenção do Estado neste domínio, mormente quanto ao fomento e protecção das espécies venatórias e ao licenciamento e fiscalização do seu exercício.
 Não pode, porém, o Estado — sobretudo numa nação corporativamente organizada — prescindir da audição dos particulares interessados, cujos pareceres e propostas lhe devem merecer seguimento.

Assim se entendeu de alterar a estrutura das comissões venatórias — estrutura complexa, mista de privada, mista de estatal —, dando-lhe uma feição acentuadamente corporativa e reservando para os serviços do Estado a decisão final das matérias que a ele compete.

Deste modo, «as comissões venatórias regionais e distritais passarão a ser constituídas por um representante da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, que será um engenheiro silvicultor chefe de circunscrição florestal dentro da respectiva região ou distrito ou quem essas funções desempenhar na sua falta e impedimento, e que presidirá, por um representante do Comando-Geral da Guarda Nacional Re-

publicana, por um representante da lavoura, por um representante do turismo e por quatro caçadores.»

A importância desta medida manifesta-se, aliás, no número total de caçadores que, neste País, atinge a cifra dos 170 mil, e um produto (a caça) que tem largo consumo interno e grande exportação para Itália e França.

OPOSIÇÃO AO GOVERNO PROIBIDA NO QUÊNIA

NAIROBI, 30 — (R.). — O Governo do Quênia proibiu hoje o partido oposicionista União dos Povos do Quênia (K. P. U.), segundo foi oficialmente anunciado.

O comunicado diz que o Partido estava a tornar-se cada vez mais uma organização subversiva.

O seu chefe, o antigo ministro Odinga Oginga e os sete deputados do K. P. U. ao Parlamento tinham sido detidos na segunda-feira após as desordens registadas no sábado em Kisumu, durante uma visita do presidente Kenyatta.

Cinco pessoas foram mortas e 48 ficaram feridas quando a escolta armada do presidente abriu fogo para repelir a multidão

que atacava a caravana presidencial.

A atitude hoje tomada pelo Governo ao proibir o Partido de Odinga deixou o Quênia sem oposição oficialmente reconhecida.

O Governo acusou também o Partido oposicionista de receber somas consideráveis de dinheiro estrangeiro.

Odinga começou a sua carreira política como intimo colaborador de Kenyatta durante a luta pela independência, mas em 1966 demitiu-se do Governo que acusou de seguir uma linha capitalista, ao passo que os outros membros do Governo o acusam de colaborar com os países socialistas.

SESSÃO PLENÁRIA DO CONSELHO ULTRAMARINO

No Ministério do Ultramar, às 15 horas, realizou-se o acto de posse do embaixador dr. Franco Nogueira, no cargo de vogal efectivo do Conselho Ultramarino. A este acto presidiu o comandante Peixoto Correia, vice-presidente daquele órgão ultramarino, que, sobre a figura e obra do dr. Franco Nogueira, declarou:

«— V. Ex.ª bem merece, a todos os títulos, o alto apreço e reconhecimento de todos os portugueses pelos infatigáveis e profícuos esforços despendidos, em prol duma justa causa que felizmente

tem o apoio da quase unanimidade da Nação.»

Em seguida e após proceder ao acto de início das funções dos vogais eleitos pelos Conselhos Legislativos das províncias ultramarinas que, agora, vão exercer o seu mandato, o comandante Peixoto Correia abriu a reunião inaugural da Sessão Plenária do Conselho Ultramarino, convocada, pelo ministro do Ultramar, com a seguinte ordem do dia: «Política do Fomento Pecuário; critério a seguir, no âmbito da Administração, para uma maior expansão e aproveitamento da riqueza portuária.

CASTELÕES
 AMANTEIGADO
 PASTEURIZADO
 UM QUEIJO
 DE QUALIDADE

ESTA SEMANA motor
SAI AMANHÃ
 COMPLETA REPORTAGEM LARGAMENTE ILUSTRADA
 DOS SALÕES DE PARIS E LONDRES
 PELOS ENVIADOS ESPECIAIS DE «MOTOR»
 JOSÉ BAPTISTA DOS SANTOS
 E
 PHILIPPE TOUSSAINT
 40 PÁGS. ★ 2\$50
 RESERVE JÁ O SEU EXEMPLAR

Escolha um futuro digno de si
Secretária é a profissão que mais lhe oferece...

Com a frequência do 2.º ciclo liceal, ou equivalente, pode tornar-se uma secretária qualificada. Basta que se inscreva no Curso Superior de Secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração. O 7.º ano dos liceus, ou habilitações literárias equivalentes, permitem reduzir a duração do curso. Prepare o seu futuro, escolhendo, hoje mesmo, esta profissão bem remunerada, que dá garantias de colocação em grandes empresas e prestígio social. Matricule-se e tome, assim, a decisão que vai impulsionar a sua vida.

Peça informações ao

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO
 R. do Sacramento à Lapa, 18 — Telef.: 676395/673766
 Av. Duque de Loulé, 126-1.º — Telef.: 533318
 Av. da República, 25-1.º — Telef.: 539641

SUPLEMENTO

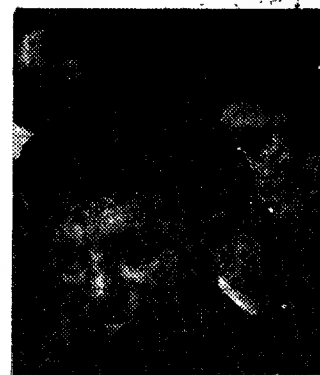
Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N.º 586/30 DE OUTUBRO DE 1969

KEROUAC

a morte
de
um escritor
viajante
(PÁGINAS CENTRAIS)



BECKETT

Um Nobel (do) absurdo



A ESPERA DO NOBEL desde 1963 (ou o Nobel à espera dele?...), Samuel Beckett acabou mesmo por entrar na lista (irregular quando não irrelevante) dos premiados de Estocolmo. Este irlandês de Dublin (n. 1906), amigo, tradutor e discípulo de James Joyce, romancista e dramaturgo (obra-prima: *A Espera de Godot*) instalado em França desde 1938 e escritor de língua francesa desde 1945, já em 1961 ganhara, pela publicação do romance *Molloy*, o prestigiado Prémio Internacional dos Editores. Personalidade inquieta e não raro inquietante, profeta da absurdez e da incomunicabilidade, criador de um universo onde a ferocidade e a abjeção surgem como naturais consequências de uma total desesperança nos destinos do homem, Samuel Beckett — como muito bem o analisou Pierre de Boisdeffre — «escreveu apenas um único livro: a crónica interminável de um instante alargado às dimensões da eternidade, de um átomo de existência que se agarra à

sua absurdez fundamental e que declara pertencer ao nada, aí regressando para sempre».

Literatura literatura literatura? Há quem julgue que não, atribuindo à obra de Beckett o carácter de uma (definitiva) «viagem ao fundo da noite» de toda a tradição literária, de uma inexistência visceral que põe em causa o próprio significado da arte ou da criação artística. Assim sendo, o Nobel da Literatura agora atribuído a Beckett (atendendo à tradicional escala de valores da Academia de Estocolmo) é pura e simplesmente absurdo: que pensará o autor de *Murphy* e *Molloy*?

Para a bio-bibliografia: após estudos no Trinity College (onde voltaria em 1930 como leitor de francês), Samuel Beckett foi leitor de inglês na Escola Normal Superior de Dublin. Numerosas obras em língua inglesa — poemas, contos, novelas, um ensaio sobre Proust. Em 1946 é publicado pela primeira vez em França: uma novela, na revista «Fon-

ta-ne». Depois publicou *Murphy* (1947), *Molloy* (1951), *Malone Meurt* (1952), *L'Innommable* (1953), *Nouvelles et textes pour rien* (1955), *Comment c'est* (1961). Peças e outros textos dramáticos: *En attendant Godot* (1952), *Fin de Partie*, *suivi de Actes sans paroles* (1957), *Tous, ceux qui tombent* (1957), *La dernière bande suivie de Cendres* (1960), *Oh les Beaux Jours* (1963), *Comédie et actes divers* (1966).

Pertence a este último livro a pequena peça (escrita para a TV) que hoje revelamos ao leitor. Foi publicada inicialmente na extinta revista «Arts» (semana de 5 a 11 de Janeiro de 1966), de onde a traduzimos com a (forçosa) liberdade possível. Trata-se de um documento fielmente revelador, quanto a nós, do modo como Samuel Beckett mergulha no fundo da noite. Da noite do tempo e da noite do homem.

“DIZ, JOE”

TRADUÇÃO (LIVRE) DE VÍTOR SILVA TAVARES

Joe, os seus cinquenta, cabelo grisalho, roupa, pantufas, no quarto.

1. Visto de costas, sentado na beira da cama, atitude tensa. Levanta-se, vai à janela, abre-a, olha para fora, fecha a janela, corre a cortina, imobiliza-se, atitude tensa.
2. Id. (visto de costas), vai da janela à

porta, abre-a, olha para fora, fecha a porta à chave, mete a chave no bolso, corre o cortinado diante da porta, imobiliza-se, atitude tensa.

3. Id., vai da porta ao armário, abre-o, olha para dentro, fecha o armário à chave, mete a chave no bolso, imobiliza-se, atitude tensa.

4. Id., vai do armário à cama, põe-se de gatas, olha para debaixo da cama, levanta-se, senta-se na beira da cama, começa a descontraír.

5. Visto de frente, sentado na cama, descontraído, olhos fechados. Pausa. Depois, a câmara avança lentamente até o rosto aparecer em grande plano. A primeira palavra do texto suspende este movimento.

CÂMARA

Começa por seguir o personagem a uma distância fixa e de modo a que ele seja visto sempre de corpo inteiro. A seguir, e entre o primeiro e o último grande plano do rosto, executa uma série de movimentos avançados e muito lentos, nove ao todo, de uma dezena de centímetros cada, aproximando-se do rosto. Portanto, uma progressão de cerca de um metro entre o primeiro grande plano (quando a voz suspende o movimento pela primeira vez) e o grande plano final. Sempre que recomeça, a voz suspende bruscamente cada um dos nove movimentos de aproximação da câmara — que deve ficar imóvel até que a voz marque a pausa de fim de parágrafo. Um intervalo de cerca de três segundos entre a suspensão da voz e o início do movimento



No «Odéon», de Paris, Beckett assiste aos ensaios de «A Espera de Godot»

de aproximação, prosseguindo este durante cerca de quatro segundos até ser de novo interrompido pela voz.

VOZ

De mulher, grave, nitida, longínqua, monótona, recita mais lentamente que o normal e assim se mantém do princípio ao fim. Entre as frases, uma pausa de pelo menos um segundo, e, entre os parágrafos, de cerca de sete segundos, ou seja três antes da câmara iniciar o movimento de avanço e quatro até este ser interrompido pela voz que recomeça.

ROSTO

Praticamente imóvel do princípio ao fim, sem pestanejar durante os parágrafos, im-

passível excepto à medida em que vai reflectindo a tensão crescente da escuta. Breves períodos de descontração entre os parágrafos, durante os quais (talvez aditada a voz para o dia seguinte) a tensão pode afrouxar de diversas maneiras até crescer de novo pela voz que recomeça.

Voz de mulher

Joe...

Ele abre os olhos e escuta

Joe...

Todo ouvidos

Tens pensado em tudo?... Não esqueceste nada?... Estás pronto, não é?... Ninguém te vê... Ninguém te apanha... Por que não

(Continua na 6.ª página)

Obras de Beckett em português

Esperando por Godot, seguido de *Acto sem palavras* — Tradução de António Nogueira Santos; prefácio de Luís Francisco Rebello; ed. Fôlio.

Teatro de Samuel Beckett («A Espera de Godot», trad. A. Nogueira Santos; «Fim de Festa», trad. F. Curado Ribeiro; «A última gravação», trad. Rui Guedes da Silva) — Ed. Arcádia, col. Autores Dramáticos.

Murphy (romance) — Tradução de José Manuel Simões, ed. Editorial Presença.

Molloy (romance) — Tradução de Rui Guedes da Silva, ed. Editorial Presença.

O *Fim* (novela), in «Três Novelistas Contemporâneos» — Tradução de Maria de Lourdes da Silva Almeida, ed. Editorial Presença.

inquérito

O CINECLUBISMO, HOJE

1. Verifica-se presentemente uma certa estagnação rotineira nas actividades dos cineclubes portugueses. No entender desse cineclubista a que se deve uma tal circunstância?
2. Quais as medidas julgadas necessárias para um reactivar do movimento cineclubista em Portugal?
3. No actual contexto político, económico e cultural do País, quais as medidas práticas e imediatas de acção?

CLUBE DE CINEMA DE COIMBRA

O CLUBE DE CINEMA DE COIMBRA comemora este ano o seu XX aniversário, tendo sido fundado em 1949. A sua primeira sessão ocorreu no Cinema Tivoli, numa «matinée» onde foi exibido o filme «Um carnet de baile», de Julien Duvivier, sendo a segunda sessão preenchida com «O mundo a seus pés», de Orson Welles. Actualmente funciona no Teatro Avenida, com três sessões mensais, estando a sede situada na Rua Ferreira Borges nesta cidade. Conta presentemente com 600 sócios, na maioria estudantes. Até hoje apresentou 410 sessões (de formato normal e reduzido), colóquios, cursos de linguagem e estética cinematográfica, cinema infantil, colabrandando, ainda, com diversas Associações desta cidade, como o Ateneu de Coimbra, organismos estudantis e Centro de Estudos Cinematográficos da A. A. C., quando geridas por direcções eleitas: O Clube de Cinema de Coimbra atravessa uma fase de reorganização que as suas actividades justificam.

1. O efectivo marasmo da actividade cineclubística entre nós pode ser atribuído a dois tipos de factores. O primeiro, com mais frequência invocado, é a existência de uma legislação pouco prodígia na protecção da arte cinematográfica (entre nós ainda tida ao nível da semiarte, dit-la Eisenstein), que remete os cineclubes para uma prática de simples exibição de filmes, que, aliás, ela própria não trata de proteger devidamente, pondo-a inteiramente à mercê do capricho das distribuidoras, quase sempre avessas por completo a qualquer outro imperativo que não seja o do maior lucro.

Objectar-se-á que tal não será condição suficiente para justificar o actual estado de coisas; que o recente movimento em que o cinema mundial busca uma renovação nada deve ao cineclubismo que, apesar de tudo, o institucionaliza. Será, porém, de justiça referir a ausência de uma federação de cineclubes que os agrupe à escala nacional numa força comum; que lhes falta uma política de subsídios inteligentemente atribuídos que lhes permita desenvolver iniciativas de um outro

fôlego. Por outro lado, não será demais lembrar um condicionamento cultural geral que pelo seu imobilismo lhes esmorece os ânimos. A tudo isto junta-se ainda a quase total ausência de uma cultura cinematográfica mínima indispensável por parte do público e o consequente desconhecimento entre nós de grande parte da actual cinematografia mundial.

Como dificuldades específicas do Cineclub de Coimbra, saliente-se uma população muito móvel, constituída à base de estudantes que são a maior parte da sua massa associativa. Havia, no entanto, em Coimbra, uma forma de desenvolver uma forte cultura cinematográfica por meio dos próprios órgãos estudantis. Por outro lado, o Teatro Gil Vicente encontra-se dirigido por uma gerência comercial, com manifesta tração da ideia que presidiu à sua construção.

A segunda ordem de razões poderá ser atribuída a uma burocratização interna na constituição dos quadros e na sua actividade que deu origem a uma constante e generalizada renúncia a iniciativas que transcendessem o ramerrão quotidiano. Para além de certa aristocratiza-



ção nos quadros directivos, ainda não abertos a uma política de participação ampla, criou-se um espirito de demissão ancorado em certo maniqueísmo ideológico que não disfarça a ausência de uma cultura cinematográfica realmente científica. Se o espirito cineclubista esteve em progresso quando acatou a indissociabilidade de estudo do cinema e dos factores económicos que o condicionam e condicionam ou quando relacionou o cinema com uma atitude moral perante a vida, não é menos verdade que o movimento cineclubista português não conseguiu atingir uma teorização nem uma prática adaptáveis ao circunstancialismo nacional. Falta de iniciativa a todos os níveis, programação mal elaborada, pior escolhida, programas deficientemente seleccionados, reveladores de uma leitura empírica e desactualizada, etc. Confirme-se com alguns exemplos: a valoração errada do cinema americano que rejeita Hitchcock ou Hawks em proveito de Sturges ou Rosenberg.

2/3

Importa para já procurar alterar a legislação em vigor, importante passo para actualizar as estruturas do cineclubismo português (basta apontar o caso do jovem cinema brasileiro, de modelo semelhante). Pretende-se um cineclubismo menos amador e mais eficaz, o que será objectivo a longo prazo, com vista a uma mais ampla participação na renovação do cinema nacional. Mas urge também uma prática imediata pa-

ra resolver dificuldades presentes e precisas.

Assim, urge ver o cinema reconhecido a nível de ensino público e particular ou divulgado a nível de escolas, liceus e Universidades; urge uma política liberalizadora na construção de salas de Arte e Ensaios; urge lutar por um regular funcionamento da Cinemateca Nacional ou por uma colaboração mais estreita desta na cedência de filmes para exibição em circuitos não comerciais.

A primeira medida a tomar será a organização de uma federação autónoma. A par dela será necessário a constituição de uma revista especializada, portadora das dificuldades e ambições do movimento garantida por uma ampla distribuição. A esta federação seria associada uma cooperativa que lhe daria força económica. Seriam assim possíveis iniciativas como a da criação de um circuito paralelo de exibição, divulgando obras de todo um cinema marginal a descobrir. Seria paralelamente de promover exposições de obras do cinema nacional que porventura experimentassem dificuldades para a sua produção, recorrendo até a senhas de compra obrigatória para entrada nas sessões.

Será também necessário intensificar os colóquios, recorrendo para garantia do interesse dos sócios, sobretudo após o final das

sessões nas próprias salas de exibição. Sugere-se ainda o incremento de cursos de linguagem e estética cinematográfica como alguns que já foram levados a efeito em Coimbra. Impõe-se, igualmente, a criação de um estatuto de colaborador, sumário de direitos e deveres, em que se atribua aos sócios uma participação ampla.

Todas estas finalidades só serão possíveis a um nível global, com a participação de uma grande maioria de cineclubes e não por esforços individuais e desgarrados, logo inoperantes. Impõe-se, portanto, um reagrupamento a nível geral, partindo daí para uma reconstituição do movimento impossível de levar a cabo sem uma base comum.

Colóquio sobre cineclubismo

Amanhã, dia 31, pelas 21 e 30, realiza-se na sala da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico um colóquio subordinado ao título «O cineclubismo em Portugal», que será orientado por Manuel Pina, Manuel Neves e Natércio Afonso.

Programação do Cineclub Universitário de Lisboa

O C. C. U. L. tem já prevista a sua programação até fins de Março de 1970. Depois de um primeiro ciclo dedicado às «Influências do cinema americano», o C. C. U. L. entrará abertamente na análise e exemplificação do tema «O Cinema Francês da Quinta República».

As influências do Cinema Americano
Novembro — 5-8 — «A Belra do Abismo» — H. Hawks

O Cinema Francês da Quinta República

O AMOR
Novembro — 12-15 — «O Desconhecido Desejado» — J. Doniol Valcroze — 18-22 — Páginas íntimas — Agnès Varda — 26-29 — Angústia — François Truffaut
Dezembro — 3-6 — «A Mentirosa» — M. Deville

G. CHABROL
Dezembro — 10-13 «Landru» — C. Chabrol — 17-20 — «O Tigre Perfumado» — C. Chabrol

VIOLENCIA
Janeiro — 14-17 — «Uma Aventura a Quatro» — Alain Jessua — 21-24 — «Ofício de Matar» (Sammoural) — J. P. Melville — 28-31 — «Contra Todos os Riscos» — Claude Sautet.

JACQUES DEMY
Fevereiro — 11-14 — «As Donzelas de Rochefort» — Jacques Demy — 18-21 — «Os chapéus-de-chuva de Cherbours» — Jacques Demy — 25-28 — «A Grande Pecadora» — Jacques Demy

A. CAVALIER
Março — 4-7 — «O Indomável» — A. Cavalier — 11-14 — «Duelo na Ilha» — A. Cavalier.

ACABA DE SAIR:

CALOUSTE GULBENKIAN COLECCIONADOR

por

JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

À venda nas livrarias. Depositária e distribuidora:

Livraria Sá da Costa Editora, Rua Garrett, 100, Lisboa

PASSAPORTES

Obtenha seu passaporte por intermédio da
AGÊNCIA FURGALGAR
Rua Luciano Cordeiro, 4-C
Tel. 532 46 - LISBOA

Dossier crítica

por Rocha de Sousa

ESTAMOS NUMA ALTURA em que a função da crítica é tão ingrata como necessária. No sector das artes, e à escala do nosso meio, essa situação é cada vez mais nitida. A produção aumentou sobremaneira, os interesses multiplicaram-se pelo desenvolvimento do mercado, as acções de natureza cultural estabeleceram vias de doutrina mais ou menos isoladas e as pessoas, demitidas da cortezia, passaram a reivindicar com alguma violência um lugar destacado para a sua razão. Apareceram grupos claros ou tacitamente organizados, forças de pressão, um tom definitivo na voz de certas iniciativas de circunstância. Há, portanto, uma crise de crescimento que é preciso ter em conta, sobretudo no plano de uma experiência cujo brilho não se pode garantir por inteiro. Exactamente por isso, a acção da crítica tem que ser ponderada afim de se submeter a uma revisão dos seus limites e do seu objectivo e poder integrar-se numa perspectiva mais vasta em ordem aos factos que refere e aos autores que debate.

DOSSIER DA PAGINA

Em primeiro lugar, e já que nos encontramos no início de uma nova temporada, tenho todo o empenho em restabelecer o critério definido nesta página, declarando-o afastado dos modalidões da crítica praticada entre nós. Não pretendo naturalmente colocar-me numa posição de privilégio, nem afirmar por qualquer forma que a minha experiência reúne as melhores condições de resposta aos problemas levantados na perspectiva do nosso quadro artístico. Pelo contrário, estou sempre na disposição de rever anteriores afirmações e não pretendo assim o grau de critério que se aplica agora entre nós com tanta facilidade, nem sequer a título honorário como acontece na maior parte dos casos.

O problema que se me põe com particular incidência é o de poder informar com honestidade e tão completamente quanto possível. Nesse aspecto, e enquanto não me é desmentida a confiança deste jornal, penso que me assiste o direito de optar por um critério que se fundamenta sobretudo nas características de leitura correspondentes à imprensa diária e ao seu público, bem como na necessidade de comentário e divulgação que hoje se faz sentir em ordem ao dilatado aparecimento do objecto de arte no nosso esquema de vida. Esse trabalho, de natureza principalmente jornalística, não deixa de pressupor uma actividade crítica, o sentido de escolha e de escalonamento, mas não pretendo confundir a fatalidade dessa extensão com o papel do crítico próprio, nem tanto pouco limitar por doutrina a cobertura da maior parte das manifestações artísticas de qualidade que se verificam entre nós. Estou por isso convencido da utilidade de um trabalho de participação, de comentário e de divulgação constante, capaz da assiduidade e da permanência que possibilitem a mobilidade e o compromisso do olhar. Talvez esse convencimento não passe de uma pretensão modesta em confronto com outros programas: por isso também participo nas anotações prévias deste dossier.

DOSSIER PROFIS-SIONALIZAÇÃO

No domínio das chamadas artes plásticas, considerando sobretudo os últimos anos para comodidade de referência, o meio português tem assistido a uma certa truculência na actividade crítica. Para além de um núcleo restrito de artistas que promovem a crítica ou foram por ela promovidos, a maior parte dos componentes daquela classe tem-se mantido alheia ou desconfiada em relação a truculência referida. Acusados algumas vezes de não saberem pen-

sar o seu trabalho, reduzidos demagógicamente ao papel de produtores sem capacidade de reflexão e de distanciamento crítico, assistindo à explicação da sua importância social como se dela não tivessem consciência, os artistas preferiram, no silêncio, ordenar um pouco as suas ideias sobre a projecção na comunidade da própria crítica, assistindo à explicação da sua importância social como se dela não tivessem consciência, os artistas preferiram, no silêncio, ordenar um pouco as suas ideias sobre a projecção na comunidade da própria crítica e verificar até que ponto ela se justificava no plano de tais afirmações. Esse problema ainda não está devidamente esclarecido, mas a crítica, limitando sucessivamente, por conveniência táctica, o papel e a responsabilidade do artista, logrou impor publicamente as fronteiras do seu trabalho, excedendo as previsões e debatendo com vigor uma profissionalização que os próprios artistas ainda não alcançaram de forma satisfatória. Esta profissionalização da crítica, se bem que legítima no processo do desenvolvimento social e na definição de especialidades, ainda dá que pensar na medida em que as pessoas não dispõem de elementos suficientes para saber em que bases concretas ela se estabelece ou se justifica. Trata-se de uma situação ambígua, apenas esboçada pelas afirmações de alguns críticos mais activos, porquanto não estão definidas as suas reais coordenadas. Isto é: não sabemos se o crítico se forma e se profissionaliza por extensão de «currículo», por qualidade de acção ou por filiação em qualquer organismo que honestamente, e de acordo com um estatuto adequado, possa responder por tal decisão. Entre nós, só dois organismos parecem ter estruturas capazes de debater esse problema: a Sociedade Nacional de Belas-Artes e a Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte. Mesmo assim, nenhum deles pode, em ter-

mos legais, *diplomar* ou *profissionalizar* um crítico de arte. Tal como os pintores ou os escultores, que em boa verdade ainda não se regem por nenhum estatuto de classe, assim os críticos não se acham reconhecidos numa ordem de esquema idêntico e não podem senão reivindicar a sua própria acção pessoal ou contratos que decorram de serviços eventuais ou permanentes prestados a certas empresas, o que está longe de constituir prova de qualificação profissional. Melhor dizendo, a crítica de arte entre nós, admitindo que o figurino actual responde pela sua existência, processa-se em termos que estão muito mais próximos do amadorismo. É claro que essa situação é realmente incómoda, quer para os críticos quer para os artistas, pois a efectiva profissionalização da crítica, devidamente instituída e regulamentada, permitiria igualmente que ela vivesse de programas menos lacunares e que fosse responsabilizada de facto.

DOSSIER PROGRAMAÇÃO

Seja como for a crítica de arte é considerada como existente e a sua acção está mais ou menos delimitada no espaço da produção artística. A opção crítica tem aqui um papel fundamental porque adquire um poder de difusão muito grande e pode transformar substancialmente o esquema de relações entre o público e o objecto de arte. Isto tem acontecido entre nós através da acção conjugada de alguns elementos da crítica, revestindo-se de aspectos positivos e negativos que importa corrigir por intermédio de uma mais justa definição dos campos de trabalho, quer por parte dos críticos, quer por parte dos artistas. Não se trata evidentemente de impedir o crítico ou o artista de se completarem fora do seu campo específico de acção, mas antes de estabelecer perante o público, sem qualquer espécie de segregação por tendência, uma ampla plataforma de acções e de confrontos, de forma verdadeiramente criadora e diversificada. A definição de um regime de especialidades não deve conduzir à supremacia de uma sobre a outra, mas ao seu justo enquadramento e à clarificação das suas interdependências. É neste sentido que considero útil a sugestão já feita por Rui Mário Gonçalves (e não apenas por ele, de resto) de que é necessária e urgente a realização de um Encontro dos Artistas e dos Críticos afim de se coordenarem as respectivas acções e de se estabelecer uma situação de conjunto que seja favorável a um melhor enquadramento e valorização do objecto de arte. De facto, até aqui os campos da crítica e dos artistas têm estado absurdamente divididos. Dado o amadorismo e a circunstancialidade de ambos os comportamentos, grande parte da nossa pro-



PRÊMIO SOQUIL: Noronha da Costa (seguido de Nery, Vasco Costa e Palolo) obteve o Prémio Soquil 1969. Autor inquieto, constante pesquisador, Noronha da Costa tem conseguido despertar assiduamente a atenção da crítica. Na sua obra, o homem é focado e deslocado pela ambiguidade das imagens. Estas imagens constroem-se paralelamente à acção e à existência física dos objectos. O real sobrepõe-se ao virtual, por isso se nega e simultaneamente se desvenda.

dução artística permanece na obscuridade e a juventude é apoiada com desconfiança e sem programa. A crítica, pouco diversificada, mais palavrosa do que trabalhadora, pretende alcançar uma posição ideológica que a breve trecho resulta demasiado fechada. O alinhamento da maior parte dos críticos considerados válidos neste intuito torna quase impossível a efectivação de um verdadeiro levantamento da nossa produção artística, das suas diferentes tendências e justificações, dos aspectos que nela são de facto originais e da natureza do que fatalmente se assimila, se transforma ou permanece na invalidade da cópia. Mercê desta situação enganadora e demagógica, os artistas portugueses actuais acabam por ser divididos e classificados de forma arbitrária, ao ritmo de modos e circunstâncias estranhas, e não entendidos dentro de um esquema suficientemente vasto e historicamente correcto. Ainda há bem pouco tempo, com a nova edição do Prémio Soquil, assistimos à reprimenda de artistas de facto valiosos, mas dentro de uma óptica que obsessivamente se circunscreve a um conceito fechado de modernidade e a uma classificação incapaz de se renovar e de se tornar elemento revolucionário de criação.

Estes e outros aspectos têm de ser ponderados por organismos como a Sociedade Nacional de Belas-Artes e a Associação Internacional dos Críticos de Arte, e por isso se justifica inteiramente o programa do Encontro dos Artistas e dos Críticos, bem como um Encontro só de artistas e um II Encontro da Crítica. A tendência para a conservação de posições fechadas, encobertas sob a capa de uma aparente mobilidade intelectual, não pode servir os princípios de renovação já pressentidos com a actividade artística dos últimos anos. Não são apenas

os artistas que necessitam de romper as divisões e de aceitar as bases de um verdadeiro esclarecimento da sua situação social, do seu papel e da consequência do seu trabalho. Os críticos, e as pessoas que de algum modo estão ligadas à actividade artística (aqui me proponho também incluído), precisam igualmente de esclarecimentos que só podem decorrer de formas instituídas de diálogo, num plano de verdadeira responsabilidade.

Vivemos de facto uma hora de suficiência que não importa a ninguém e que mistifica profundamente a realidade que devemos conhecer. Sob a capa de um intelectualismo enfático, desistimos muito cedo da crónica que lega ao futuro o panorama vivo do nosso tempo. No bom tom das grandes opções, escothemos demasiado e encontramos cada vez menos.

O CINEMA QUE VEMOS

	AdC	ArC	APV	EPC	JVP	LA	MML	VST
Amo-te, amo-te (Alain Resnais)	5	4	2	4	5	5	4	4
Por quem os sinos dobram (Sam Wood)	0	—	0	—	0	2	1	—
Repulsa (Roman Polanski)	3	4	3	4	4	4	4	4
Helga (E. F. Bender)	0	—	0	0	0	0	0	0
O cérebro (Gerard Oury)	—	—	—	—	—	1	—	1
A lição particular (Michel Boisrond) ...	—	—	—	1	—	1	—	—
Duelo no Pacífico (John Boorman) ...	1	—	3	—	—	4	3	2
Olhos verdes, louca e perigosa (Hy Averback)	—	—	—	—	—	1	—	—
Viagem ao outro lado do Sol (Robert Parrish)	—	—	—	—	—	1	—	0
Um lugar para amar (Vittorio de Sica)	—	—	—	1	—	1	—	—
O leão no Inverno (Anthony Harvey) ...	1	—	—	2	—	3	—	—
Davey, o Folgazão (John Huston)	—	—	—	2	—	—	—	1

Os «números»: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com algum interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

Os «votantes»: AdC (Adelino Cardoso, Revista «Rádio e Televisão»); ArC (Armado Cairo, dirigente cineclubista); APV (António Pedro Vasconcelos, «Jornal de Letras e Artes»); EPC (Eduardo Prado Coelho, D. L.); JVP (José Vaz Pereira, D. L. e «Seara Nova»); LA (Lauro António, D. L. e «Século Ilustrado»); MML (Manuel Machado da Luz, D. L. e «Seara Nova»); VST (Vitor Silva Tavares, D. L.).

JORGE DE SENA

PEREGRINATIO

AD LOCA INFECTA

«70 poemas,
alguns dos quais
amáveis,
com um epílogo
altamente filosófico
e
sem prefácio
de autor»

«PEREGRINATIO A LUGA INFECTA»



POETAS DE HOJE

PORTUGALIA EDITORA

KEROUAC:

a morte de um escritor viajante

seguido de



«BEATNIKS, PEQUENOS E GRANDES», POR PIERRE DOMMERGUES

SEGUIU A PROPOSTA de Walt Whitman: preferiu a estrada larga da aventura vital ao caminho estreito da literatura-em-casa. Nisso, foi um bom discípulo do velho poeta, como o foi do «desobediente» Thoreau, do «pícaro» Twain ou do «incorrigível» Miller.

Por volta de 48-49, Kerouac revelou-se como um dos apóstolos da Beat Generation — «Beat» que ele queria «beatífica». E de facto: para aí se dirigiam as várias experiências profissionais-de-ocasião, o «jazz» (sobretudo pela via Charlie Parker), a droga, a zanga, o Zen.

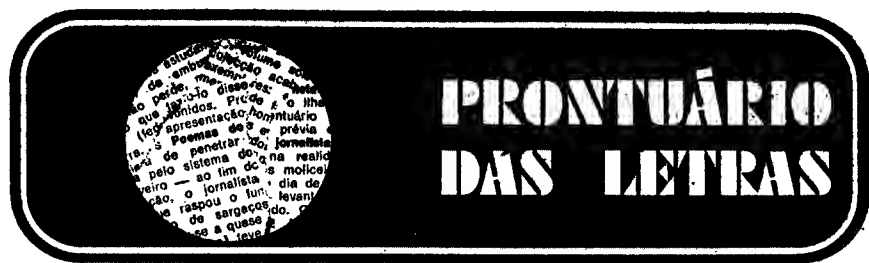
Morreu aos 47 anos. E a obra — que é o menos, num homem como Jack Kerouac — aí está, como reflexo de uma sociedade insatisfeita mas ávida do significado último da existência: «Em qualquer parte e de qualquer maneira, eu sabia que chegaria a minha vez».

Chegou, na sequência de uma hemorragia interna. Agora que já lá vai pela estrada fora, Pierre Dommergues fala-nos do seu último livro, *O Vagabundo Solitário*. E é isso: Jack Kerouac foi bem um dos muitos «vagabundos solitários» do nosso tempo.

APÓS ALGUNS ANOS de produções decepcionantes, em que Kerouac tentou arrastar os seus leitores no lirismo lamurioso de *Big Sur* e na ironia fácil de *Satori*, eis que o autor de *Pela Estrada Fora* (título da tradução portuguesa editada pela «Ulisseia»), encontra a sua primitiva força. Com Allan Ginsberg e Gregory Corso, Kerouac é um dos primeiros a cristalizar o que havia de turbulento na América dos anos 60. As posições políticas, sendo embora mais afectivas que ideológicas, abrem a via à nova esquerda, que constitui, em ligação com os movimentos nacionalistas negros, a força viva da América dos anos 60. Sem Kerouac, a revolução sexual de Norman Mailer teria tido menos seguidores. Sem a influência mítica daquele que passa por ser o porta-voz da geração «beatnik» (e que se gaba de ter inventado esta palavra), a juventude americana não se teria, sem dúvida, engajado com tanto entusiasmo no movimento de contestação internacional nosso conhecido.

A última obra de Kerouac, *O Vagabundo Solitário*, é um hino ao Mundo. Ninguém, depois de Walt Whitman, comunicou a presença da América, a vida dos locais e das gentes com uma tal exuberância. A amizade, firmada no respeito do próximo, está no centro da aventura. O camarada de infância encontrado à beira da estrada, o guarda-linha encontrado na cantina, o «felah» mexicano que sugere uma ligação entre o ópio e a revolução, o hospedeiro índio que lembra tranquilamente que «la tierra esta la noche», todos os companheiros de Kerouac se reconhecem na integridade das suas pessoas.

Quanto ao mundo exterior, esse constitui o próprio espaço do romance: Kerouac leva o seu leitor de San-Francisco a Nova Iorque, passando por Nova Orleães. Só os meios de comunicação mudam: já não é de automóvel que o autor se desloca, mas de comboio (ele trabalha como guarda-freio), de barco (sente-se prisioneiro), ou a pé no alto duma montanha selvagem, na fronteira do Canadá. A narrativa é uma série de descrições, muitas vezes reduzidas a frases: a própria frase é um encadeado de palavras, a maior parte das vezes subs-



«Peregrinatio ad loca infecta»

Está desde ontem nas livrarias mais um volume de Jorge de Sena: «Peregrinatio ad loca infecta», ou dito de outro modo (pelos autores) «70 poemas, alguns dos quais amáveis, com um epílogo altamente filosófico, e sem prefácio do» (mesmo) «autor».

«Peregrinatio», que é a nona recolha poética de Sena (décima se contarmos com a tragédia em verso «O indesejado — António, Rei»), salu na Coleção Poetas de Hoje, da Portugália Editora. Entre 1961 e 1968 o poeta publicara versos exclusivamente com a chancela da Moraes.



Mandiargues em português

A mesma Portugália Editora acaba de lançar «A motocicleta», de André Pieyre de Mandiargues, romance imediatamente anterior ao premiado com o Goncourt, «A margem», cujos direitos foram também comprados pela Portugália. Duas obras a ler, uma voz a descobrir. «É o nosso maior romancista», disse dele o crítico francês René-Marie Albères.

(i) Novidades

Da editora portuense Inova para os escaparates: «A poesia da Presença e o aparecimento do Neo-Realismo», ensaio (com antologia) do poeta e crítico Fernando Guimarães já há tempos anunciado pelo Prontuário; «Um dia são dias», de Marta de Lima; e «Os três seios de Novélia», de Manuel da Silva Ramos. Estes dois últimos originais receberam «ex aequo» o Prémio de Novelística Almeida Garrett de 1968, instituído conjuntamente pela Inova e pela Portugália.

Dois poetas

Pode dizer-se, porque é verdade, que a Portugália abriu em grande a sua campanha da «rentrée». Além de tudo o que ficou recensado, eis a 4.ª edição de «Poesia-1», de José Gomes Ferreira, na série especial das suas Obras Completas, e a tradução de «Camões», de Georges Le Gentil, assinada por José Terra — afinal um terceiro poeta (e leitor de Português na Sorbonne).

Namora poeta

«Marketing», de Fernando Namora, é o último lançamento deste autor na colecção das suas obras completas que as Publicações Europa-América vêm editando desde há anos. Desmentindo a informação constante de um

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

folheto proveniente daquela casa, esclarecemos que «Marketing» não constitui «a segunda incursão desta grande escritor nos domínios da poesia», mas para já a quinta senão estamos em erro, precedida de «Relevos» (1938), «Mar de Sargaços» (1940), «Terra» (1941) e «As frias madrugadas» (1959). Uma passagem de «Marketing» (poema) tal como a lemos no n.º 305 de «Vértice»:

*«Vitonzado, esterilizado, comprando
[e concorrendo,
esqueci-me de amar, do amor, das
árvores e do rio,
esqueci-me de mim, tão entretido
[estava a admirar a Lisneve,
esqueci-me do rio e dos barcos
e da saudade de pedra do Fernando
[Pessoa
e esqueci-me de sonhar que era
[marinheiro.»*

Novidades P. E. A.

As mesmas Publicações Europa-América anunciam outras novidades, algumas delas já em livraria: «O Novo Mundo e a Europa» (Encontros Internacionais de Genebra, com comunicações de Lucien Febvre, Robert Jungk, Sérgio Buarque de Holanda, Emilio Oribe, André Maurois e William Rappard), «A amante inglesa» (Marguerite Duras), «Helga» (E. S. Bender), a 4.ª edição de «A Náusea» (Jean-Paul Sartre) e «A porta do Inferno» (João Palma-Ferreira). Este último volume é o segundo de um autor que, vindo da crítica, tem sido lido, discutido e considerado geralmente como esperança nas letras actuais. A atenção do comprador de ficção portuguesa.

«Lira de bolso»

Depois de «Os ovos d'oiro», de Armando da Silva Carvalho, as Publicações Dom Quixote incluirão nos seus Cadernos de Poesia um volume mais ou menos antológico do poeta (e produtor eventual na TV) David-Mourão Ferreira: «Lira de Bolso». Seguir-se-á talvez «O homem de palavras(s)», de Ruy Belo, já escolhido pelos serviços de leitura da editorial. Curiosa, entretanto, esta revelação: os Cadernos de Poesia atingiram em Outubro os 23 800 exemplares, sendo o mais vendido de todos o volume de Vinícius de Moraes revisito por Alexandre O'Neill («O poeta apresenta o poeta»), do qual estão impressos 5200. Outros autores Dom Quixote de grande êxito: O'Neill (4400) e Carlos de Oliveira (4400 também, mas com dois livros). Será que a poesia tem venda?

NOVIDADES LITERÁRIAS



MEMÓRIAS DA GRANDE GUERRA JAIME CORTESÃO

Obras Completas de Jaime Cortesão — 65\$00

POESIA — I

JOSÉ GOMES FERREIRA

Obras de José Gomes Ferreira — 4.ª edição — 45\$00

PEREGRINATIO AD LOCA INFECTA JORGE DE SENA

Colecção Poetas de Hoje — 50\$00

CAMÕES

GEORGES LE GENTIL

Colecção Presença do Homem — 75\$00

LÍRICAS PORTUGUESAS — IV

Antologias Universais — 50\$00

A MOTOCICLETA

ANDRÉ PIEYRE DE MANDIARGUES

Colecção Contemporânea — 50\$00

A CRIANÇA

MARIA MONTESSORI

Colecção Psicologia e Pedagogia — 4.ª edição — 55\$00

A MULHER DE TRINTA ANOS

BALZAC

Comédia Humana — 2.ª edição — 50\$00

A QUEDA DE CUSTER

DAVID HUMPHREYS MILLER

Colecção Documentos Humanos — 60\$00

Portugália Editora

AV. DA LIBERDADE 13 LISBOA

(Continua na 6.ª página)

Na próxima semana:

A (RE)VOLTA DO ANJO



ou a (re)volta
da crónica de
Alexandre
O'Neill

Apresentação (incompleta) de James Saunders

por Carlos Porto

INCOMPLETISSIMA apresentação, melhor diria. Pelo facto de não ter conseguido obter outras obras do dramaturgo inglês, terei que limitar-me a apresentar esta «Next Time I'll Sing to You» que o «Grupo 4» vai apresentar no Tivoli com o título «Amanhã Digo-te por Música», numa tradução de José Palla e Carmo.

Felizmente esta peça é uma daquelas obras que bastam para definir um autor, de tal maneira reflectem uma «problemática de geração» e a entocam numa perspectiva formal assaz pessoalizada. Podemos considerar a estreia desta peça como um acontecimento não inferior à apresentação de Pinter ou de Albee (refiro-me aos seus textos e não aos espectáculos que pretextaram). É prova de que o «Grupo 4», cuja estreia foi feita com uma outra peça do novo teatro inglês — «The Knack», de Ann Jellicoe —, sabe o que quer e sabe o que queremos (falo de um público jovem, susceptível de se interessar pelo Teatro).

JAMES SAUNDERS nasceu em Islington, em 1925, filho de pais operários. Formou-se em Química e abandonou o ensino em 1963 para se dedicar inteiramente ao Teatro. Em 1955, estreou-se a sua primeira peça, «Moonshine». Em 1959, «Alas, Poor Fred» tornou-o conhecido. Além de várias peças em um acto, escreveu «The Ark» e «The Neighbours», que aborda o problema racial. «Amanhã Digo-te por Música» é, no dizer dos críticos, a sua peça mais importante podendo considerar-se equiparável às melhores criações dos novos dramaturgos ingleses (esta peça constituiu o maior êxito do teatro inglês contemporâneo em Paris). Esses críticos situam Saunders, como não podia deixar de ser,

uma abertura a uma crítica social muito mais lata e vigorosa.

As primeiras peças de Saunders são, ao que parece, muito mais marcadas pelo teatro de absurdo do que as posteriores, a já citada «Alas, Poor Fred» apresenta-se sob o subtítulo eloquente de «um diálogo no estilo de Ionesco». Essa inserção decorre naturalmente da situação do dramaturgo no contexto do novo teatro inglês e na relativa e parcial subordinação deste ao teatro de absurdo.

☆

James Saunders aproveitou em «Amanhã Digo-te por Música» um caso real e bastante célebre em Inglaterra, o de um homem que viveu isolado durante mais de 40 anos.

Alexandre James Mason nasceu em 1857, no condado de Essex. Teve um irmão, Thomas. O seu pai morreu em 1890. A sua mãe em 1906, e nesse mesmo ano James Mason construiu uma cabana no meio do campo e exilou-se do mundo, inclusive do seu irmão, o qual todos os dias lhe mandava comida, sem que o visse ou lhe falasse, ao que se supõe. Alexandre James Mason morreu em



Fernando Gusmão e os actores do «Grupo 4» preparando Amanhã Digo-te por Música

1942». (Primer Acto). Era então conhecido pelo «Eremita de Great Canfield». Escreveram-se inúmeros artigos e reportagens que contribuíram para o tornar famoso. Um jornalista, Raleigh Traveyan escreveu a sua biografia de que Saunders e outros dramaturgos se serviram para escrever textos dramáticos sobre o Eremita.

«Amanhã Digo-te por Música» não pretende ser

uma peça biográfica de Alexandre James Mason: tenta ser uma reflexão sobre as motivações que estiveram por detrás do seu acto e ao mesmo tempo correlaciona-o com aquilo a que se pode chamar a condição do homem.

Saunders transmite essa reflexão através dos ensaios de quatro jovens e de um Actor, convidado para interpretar a personagem do Velho. Esses ensaios são

uma tentativa para a compreensão da personagem de fora para dentro, isto é, dos jovens para o Actor, e de dentro para fora, isto é, deste para aqueles, mas são, principalmente, pretextos para diálogos por vezes desfasados em que os cinco tentam encontrar uma explicação para as suas próprias perplexidades.

Assim, esta peça piran-

(Continua na 7.ª página)

Trinta anos depois

por José Vaz Pereira



Estão lá Gary Cooper e Ingrid Bergman? Não chega.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

realização de Sam Wood
Interpretes: Gary Cooper e Ingrid Bergman
Estreado no Cinema Mundial

O CINEMA americano nunca deixa de surpreender.

Para o melhor ou para o pior. Os assuntos mais sérios e mais dramáticos convertem-se em pacotilha. O evento mais banal é consagrado por uma obra-prima. Os «grandes temas» abastardam-se gloriosamente, o pequeno apontamento sobre um grupuscúlo sem sig-

nificado pode ganhar uma ressonância universal. Tal o cinema que domina as nossas telas. Tal o cinema que domina as telas e os circuitos de distribuição e exibição de quase todo o mundo.

Desta vez trata-se de Hemingway, da Espanha e dos sinos que precisamente há trinta anos dobraram por toda a Humanidade. A terra espanhola foi campo de paixões por vezes num estádio de trágica e dilacerante pureza e homens vindos de muito longe vieram morrer à Estremadura, às Astúrias ou à Castela não para proteger investimentos ou negócios mas por

ideais e por uma determinada visão da Espanha.

Pois bem, já que Sam Wood, o realizador da cinematização de *Por quem os sinos dobram*, não poderia ir tão longe o menos que se lhe podia exigir era sobriedade. Talvez que uma certa secura limpasse a obra. O caminho escolhido foi outro, um pouco como se um turista ou um galá cinematográfico tipo amante latino fosse à guerra de Espanha fazer a sua penitência e conviver com ciganos apalhados e guerrilheiros que ficariam bem num restaurante típico a dizer «buenas noches» às americanas com massa. A tragédia civil espanhola forjou homens (os pessimistas dizem que foram os últimos homens) e Hemingway escreveu sobre homens. É lamentável que Sam Wood nos forneça bonecos em vez de homens.

O romance de Hemingway ou *A Esperança* de Malraux têm a sua grandeza na medida em que se encontram com um povo a lutar. O filme é a guerra vista dos estúdios (alinda da maquiagem para servir de pano de fundo ao romance Gary Cooper-Ingrid Bergman. Inadmissível em 1943 e insuportável em 1969 (se é que todas as feridas seccaram, o que duvidamos). Entre a agonia de 1939 e os cartazes de turismo dos nossos dias há um longo e frio período incomodo que os historiadores comodamente não es-

tudam. Quando parecia que tudo se iria dissolver no esquecimento, fuzilaram Grimaud. Foi só ontem e, mesmo assim, passou uma eternidade e continua a parecer que foi hoje.

O que torna o filme mais detestável ainda é a apetência de Hollywood pelo bizarro que a leva a confundir o realismo e a verdade com a tintagem exótica no artigo de grande consumo — se uma figura absurda e desvirtuada como a de Pablo não existisse no script do responsável pela adaptação, Sam Wood certamente ainda procuraria um escritor de cinema para apalharar ainda mais. Há, aliás, muitas maneiras de ser hemingwayano sem utilizar uma fidelidade servil. Sobre tudo em cinema. Huston na sua melhor fase, por exemplo. O problema é que não se pode conciliar Hemingway com um público que usa as estrelas como mundanismo ou pura e simplesmente com os produtores que desejam fornecer aos consumidores foto-novelas em technicolor, prestigiadas com o nome dum grande autor e dum romance célebre.

E, no entanto, que espantoso material para um grande filme — o ódio; a covardia; o sentido da inutilidade (a ofensiva republicana que vai falhar mas cuja máquina se põe, mesmo assim, em desenvolvimento); a onnipresença da morte; o amor vívido sempre como



Hemingway na frente de guerra, em Espanha

se fosse o último pedaço de pão deixado em toda a Terra para comer, o último cartucho a meter na espingarda, a última retirada a efectuar para o sítio da última retirada possível. E, quase inevitavelmente, o sonho. Sonho é já a Valência de que Pilar fala nas suas recordações, sonho e pesadelo é já o dia em que Pablo dominou a situação na sua terra natal, matando os fascistas antes deles matarem, sonho é a América que Robert Jordan deixou.

Mecânica de sonho que foi durante muito tempo a única resposta dum mundo aprisionado por uma terra seca e cruel (*la vida es sueño*). Fome não só de pão. Também do presente, de caminhar ao lado dos outros, de ser ao mesmo tempo uma presença numa comunidade sem que para isso seja necessário vender a própria dignidade. O livro foi escrito em 1941, o filme rodado em 1943 numa perspectiva histórica completamente diferente. Sem nunca renegar o seu romance, Hemingway voltaria a Espanha para escrever sobre touradas — assim como a América da caça às feiticeiras jamais faria, sequer através dum filme visivelmente comercial, heróis dos guerrilheiros republicanos.

Os tempos mudaram e é tremendo que a obra de Sam Wood não mostre nada, não demonstre nada de como as coisas foram realmente diferentes. Perdeu assim a única utilidade que poderia ter tido. O filme quase dá a entender que não existe diversidade e anos e anos e anos entre a Espanha do Campeano e a Espanha do Cordobez.

Estão lá Gary Cooper e Ingrid Bergman? Não chega.

(Continua na 7.ª página)

Colecção Horizonte 4

DO SEBASTIANISMO AO SOCIALISMO EM PORTUGAL

Joel Serrão

ESC. 25\$00

Livros Horizonte

Rua da Madalena, 211-3.º

«Diz, Joe»

(Continuação da 1.ª página)

apagas a luz?... Tens medo que um percevejo te veja?... Diz, Joe... Por que não te metes na cama?... Que é que ela te fez?... Mudaste-a, não foi?... Serviu-te para alguma coisa?... Onde está agora esse coração?... Cai aos bocados quando te deitas no escuro... Carunchoso, coitado... Diz, Joe...

A câmara avança

Amanhã seremos felizes, disseste-me... Da última vez... Ajudando-me a vestir o casaco... Sempre galante... Amanhã seremos felizes... Repete, Joe, ninguém te ouve... Vamos, Joe, com toda a alma, volta a dizê-lo e ouve-te a ti próprio... Amanhã seremos felizes... Ao menos uma vez foi verdade... Feitas bem as contas.

A câmara avança

Esse inferno barato a que chamas a cabeça... É aí que tu me ouves, não?... No teu pensamento... Alí onde ouvias o teu pai... Não foi isso que me disseste?... Alí onde ele se pôs a dizer-te coisas... Costa noite de Junho... Para não mais parar durante anos... Alí nesses buracos... Atrás dos olhos... Até que pudeste dominá-lo... Sufocado... Espremedela mental, como tu dizias... Uma das tuas fórmulas mais felizes... Se não fosse isso, ele estaria ainda a massacrar-te... Depois a tua mãe, quando chegou a vez... «O céu, Joe, o céu, olha que andas vigiado...» Cada vez mais fraca, até que deste cabo dela... Depois as outras... A cambada toda... O amor que te deram!... Sabes lá porquê... Disfarçado de piedade... Do mais sólido que há... E vê como estás agora... Uma única paixão... Matares os mortos na tua cabeça...

A câmara avança

Tens alguém vivo para te amar, hoje?... Alguém vivo para te chorar? Diz, Joe... Essa cabra que vem ao sábado é a dinheira, não?... Tanta luta de lençóis... Vê lá, não vás dar cabo de ti... Não vás ficar desamparado... Nunca pensaste nisso?... Diz, Joe... Se ficasses privado de nós... Sem nenhum fantasma vivo que pudesses extinguir... P'ráí atolado na cama, nesses velhos trapos fedorentos, a ouvires-te a ti próprio... O adorador de sempre... Cada vez mais fraco, até que nem isso, nem mais um pio... É isso que queres?... Olho vivo e pé ligeiro e o silêncio do túmulo... O paraíso dos pobres sempre constante em toda a tua vida... Diz, Joe...

A voz que eu tinha ao princípio! Quando comecei... A dizer-te coisas... Diz, Joe... Ouro puro!... Como nessas tardes de Verão sob os olmeiros... Rodeados de pombas... De mãos dadas, trocando juras... Gostavas tanto de me ouvir falar!... Mais um motivo de encanto... Cristal puríssimo, a minha voz... Para empregar a tua frase... Ah, para quebrar uma frase... De cristal puríssimo... Nunca te cansavas dela... Agora, um pouco velada... As cordas vocais... Quanto a ti, por quanto tempo ainda?... Até ao último soporo... Mas quando o sentido te escapa... Uma ou outra palavra insignificante aqui e ali... É o pior, não é?... Diz, Joe... Não foi isso que me disseste?... Os nossos excessos... A palavrinha insignificante aqui e ali... O esforço para a captar... Porquê, Joe?... Que é que te leva a isso?... Quando estás quase esgotado... Que importa aquele momento?... O que nós falámos. Deveria ter sido o melhor... Mas quase esgotado, mais uma vez... Outro gáudio para sufocar... E é o pior... Não foi isso que me disseste?... A voz... A palavrinha insignificante aqui e ali... O esforço para a captar... A cabeça cansada de espremer... Mas ela acaba por parar... Acabas por pará-la... E se não o conseguisses?... Nunca pensaste nisso?...

Diz, Joe... Se ela continuasse?... A voz a ciclar-te na cabeça... Eu na tua cabeça a ciclar-te coisas... Cujo sentido te escapa... Até que venhas... Juntar-te a nós... Diz, Joe...

A câmara avança

Como passa o teu Todo-Poderoso?... Sempre útil?... Sempre de braços abertos?... Seja pela paixão de Nosso-Joe... Espera que Ele se ponha... A dizer-te coisas... Quando tiveres acabado contigo... Remorosos, todos os teus mortos... Pregado na cama, sobre a tua própria porcaria... Saúde menos má, para tal ruína... Um gangulizito de vez em quando... Silêncio de túmulo, sem o palavreado habitual... Como prémio dos teus esforços... Até que chegue uma certa noite... «Prepara a tua alma...» Fio de seda para os teus tugues... Nunca pensaste nisso?... Diz, Joe... Quando Ele se puser... a dizer-te coisas... Quando tiveres acabado contigo... Se alguma vez o conseguires...

A câmara avança

Sim, deram-te... muita porcaria dessa... Sabe Deus porquê... Até eu... Mas eu encontrei melhor... Tu reparaste nisso, espero... Superior sob todos os aspectos... O mais terno... O mais forte... O mais educado... O mais belo... O mais limpo... Leal... Fiel... Inteligente... sim, eu consegui livrar-me disso... Mais ou menos... Ao contrário da outra...

A câmara avança

A outra... Sabes quem eu quero dizer?... Diz, Joe... A jovem... A delicada... A sempre pálida... Até os olhos... De alma toda luz... Para empregar a tua frase... O modo como depois se abriam... Único... Em toda a tua vida... Continuas a achar o mesmo?... Diz, Joe... Isso é que era amor... Amanhã seremos felizes... Ajudando-a a vestir o seu pele-de-camelo... Os enormes botões de osso que ela não conseguia abotoar... Um bilhete no teu bolso para o voto da manhã... Ela marchou à maravilha, não?... Morte poética... Mas de que maneira!... As tuas primeiras armas... Agradeceu-as odo de mais... Daquela, nem mais um pio a recitar...

A câmara avança

Nunca gostaste o que se passou?... Ela não disse nada?... Uma simples notícia... A inocente a voar antes da hora... Virgem — santos — rezal — alma — repouso... Queres que te conte?... Ou não te interessa?... Pois vou fazê-lo, apesar de tudo... E ainda é o menos... Fecha-te, Joe, continua a fechar-te... Não é altura de desistires... Quando estás quase no fim... Vou acabar... É a última vez... A menos que a tua putêfia não te ame... E então serás, finalmente... Velho fumo sem fogo... Todo o tempo que seja preciso... Para ficar tudo empestado... Depois, o querido silêncio... Na tua cabeça... A dominar tudo... E para terminar... O amor dos amores... Uma suja noite de Inverno... «Ao pó o que é do pó...»

A câmara avança

Bem... Uma quente noite de Verão... Tudo dorme... Menos ela... Sentada na cama... Ah, ela reconhecia-te poderes divinos... Por única roupa a combinação perfumada de alfazema... Estás a ver qual... O doce marulhar das ondas pela janela aberta... Por fim, levanta-se e desliza para fora... Tal e qual... A Lua... Trepadeiras... Desce ao jardim e passa pelo túnel... Sabe pelas algas que a maré está a encher... Desce até à beira de água e mergulha de cabeça... Mas nada feito... Levanta-se por fim, toda encharcada, e volta para casa... Puxa da Gillete... O meio por ti recomendado para os pelos superfluos... Volta a descer ao jardim e passa pelo túnel... Pega na lâmina e mergulha de flanco na água... Mas, de novo, nada feito... Lembra-te como ela tinha medo da dor... Envolva o lanho com um pedaço da combinação... Volta a levantar-se e regressa a casa... A seda levada colada à pele... Tudo novidade para ti?... Diz, Joe... Agora é a vez dos comprimidos... Desce ao jardim e passa pelo túnel... No caminho, vai esvaziando o frasco... Hora fantasma... A Lua desaparece atrás da colina... A sombra invade a praia... Ao largo, o luar cintilando nas ondas... Ela fica a olhar... Depois, encaminha-se para as grutas... Imagina esse momento... Esse momento na cabeça dela... Para fazer o que fez... Imagina... Metendo os pés na água como uma garota... E sempre a engolir os comprimidos... Continuo? Diz, Joe... Cai finalmente, com o rosto a um metro da água... Desta vez, pensou em tudo... Engole o que resta... Aquilo é que era amor... Faz uma cova nas pedras, para o rosto... A jovem... A delicada... A sempre pálida... Até os olhos... O olhar que tinham antes... A maneira como depois se abriam... De alma toda luz... Não é assim a tua frase?... Diz, Joe...

A voz vai baixando até ficar quase inaudível, excepto as frases em itálico, um pouco mais sublinhadas.

Eis a história... Ai a tens... O mais claro possível... Agora, imagina... Imagina... O rosto deitado nas pedras... Os lábios sobre uma pedra... Uma pedra... E o Joe ali preso... A praia na sombra... Joe, Joe... Nenhum som... Para as pedras... As pedras... Diz, Joe, ninguém te ouve... Diz «Joe», faz abrir os lábios... Os lábios... Imagina as mãos... Imagina... O anel... Contra uma pedra... Uma pedra... Imagina os olhos... Os olhos... Cor de alma... Mês de Junho... De um ano qualquer... Os seios... Nas pedras... As mãos... Até ao fim... Imagina as mãos... Imagina... O que elas fazem... Nas pedras... Nas pedras...

A imagem desaparece; voz como anteriormente.

O que elas acariciam... Até ao fim... Isto é que é amor... Foi-o... Não é verdade, Poe?... Diz, Joe... Não achas?... Comparado conosco... Comparado com Ele... Diz, Joe... Diz, Joe...

Fim da imagem e da voz.

PARA LARES FELIZES



A HOOVER APRESENTA UMA EXCEPCIONAL GAMA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA AUTOMÁTICAS, CONCEBIDAS PARA RESOLVER TODOS OS SEUS PROBLEMAS DE LAVAGEM DE ROUPA. TODOS! DESDE A MAIS DELICADA ROUPA INTERIOR AO MAIS PESADO COBERTOR. A MÁQUINA HOOVER LAVA TUDO... SEM PERIGO... SUAVE... EFICIENTE E AUTOMATICAMENTE. MAIS TEMPO PARA DEDICAR A SUA CASA E SUA FAMÍLIA. CONSULTE UM REVENDEDOR OFICIAL HOOVER QUE A AJUDARÁ A FAZER A SUA ESCOLHA FINAL.

4 MODELOS DIFERENTES



A HOOVER RECOMENDA

MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS



LEOPOLD SHIROI, LDA.

LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

Beatniks, pequenos e grandes

(Continuação da 4.ª página)

tantivos ligados por conjunções ou separados por travessões que representam a respiração do autor.

A ESCRITURA DE DEUS

O conhecimento do mundo desdobra-se num sentimento de reconhecimento. O mundo é o Grande Livro. Lê-se como a escritura de Deus. A existência é a fonte continuamente renovada do encantamento. Tudo é sagrado: o bem como o mal, o feio como o belo, pois tudo é sinal da presença divina. O misticismo de Kerouac repousa sobre o estranho encontro da fé ingenua duma infância alimentada por imagens fantásticas da Virgem Santa e da aceitação mais recente duma forma pessoal de anarquismo budista. O mundo surge como uma vasta rede de inter-relações, na qual o conjunto dos objectos e das criaturas encontra o respectivo lugar.

Nesta perspectiva, apresentada nomeadamente pelo poeta Gary Snyder, o falcão, o gavião e a lebre são apenas um. A sabedoria é o conhecimento do es-

pírito do amor, a meditação, a ocasião de dela tomar consciência, e a moralidade, a de a exteriorizar na vida individual. Para Kerouac, viver não é apenas «encontrar gestos para o próprio corpo», é também reconhecer no mistério do seu ser a presença dos outros e a imanência do Criador.

Kerouac consegue não descair na demagogia romântica. O mal deixa de ser privilegiado. O excesso não é sistematicamente valorizado. O orgasmo é apenas um meio, entre outros, de atingir a felicidade. A plenitude permanece central, mas enriquece-se de uma aparente contradição: é-nos dada como imediata mas é também objecto de uma procura. Situa-se sempre na eternidade, mas desdobra-se agora implica um tempo — o da procura. O estado da graça elabora-se no tempo. A ética de Kerouac sugere uma nova fusão entre certos aspectos do protestantismo, do catolicismo e do budismo. Há uma reintrodução da História. E, com ela, a noção de progresso. Reconhecem-se as posições agora clássicas da contes-

tação americana. Como o seu Deus, o mundo de Kerouac é misterioso, pleno e contraditório. É imediato. O presente inclui o passado e o futuro. Engloba o visível e o invisível. A visão de Kerouac numa igreja mexicana (duas crianças — suspensas no universo — apenas o nada infinito — inúmeros mortos em todos os sentidos da existência, etc.), tem a mesma realidade maravilhosa que a torrada de pão a dourar numa fogueira ou que a escuridão e a noção colónia de ratos — sobre que é preciso andar para numerar os vagões de mercadorias...

O recurso ao presente no processo narrativo permite comunicar o imediatismo de um tempo simultaneamente terno e fecundo. O espaço geográfico e psicológico é a obra simultânea da personagem e do Criador. A justaposição em partes iguais do sonho e da realidade redobra o sentimento da imanência. O diálogo directo, num tom de intimidade, de tu cá tu lá, com o leitor reforça ainda mais esta impressão. Neste seu novo romance, Jack Kerouac lança as bases de uma poética da presença.

PIERRE DOMMERGUES

Apresentação de James Saunders

(Continuação da 5.ª página)

delliana (onde a certa altura se parodia Priestley e Stannislavski, e onde se deixa de se recorrer a Freud) é o confronto entre uma dupla falsidade (o teatro no teatro) e um facto verídico (a realidade, da qual, aliás, só se conhecem os contornos), confronto reforçado pelo facto da única personagem real ser interpretada por uma personagem que se chama exactamente o Actor, sublinhando a duplicidade assinalada. Esse confronto expressa uma reflexão sobre o homem e a sua condição, sobre a identidade do homem, sobre o amor. Essa reflexão, contudo, nunca é pedante nem enfadonha, porque é quase sempre tratada num tom de humor (burlesco) que, aliás, também caracteriza o novo teatro inglês e o teatro de absurdo.

Mais do que isso, porém, «Amanhã Digo-te por Música» representa uma tentativa de compreender as simulações individualistas do homem, o seu processo individualizante, o seu egoísmo, chame-se ou não solli-

dão, a sua procura do abso- fugaz. É, por fim, uma tentativa, embora tímida e talvez ilusório ou, pelo menos, vez falhada, de dar uma

identidade colectiva ao homem, de inserir as suas angustias das interrogações numa problemática imediata e relativa. É esse, creio, o significado do desfecho da peça, em que o Actor se identifica com o Eremita de tal maneira que se torna

difícil saber onde acaba a vida e começa o teatro (não esqueçamos que se trata também de uma peça sobre o Teatro).

Esta perspectiva do Eremita é dada através de cada uma das personagens que intervêm, não apenas

através da sua psicologia, da sua maneira de ver o mundo, como também da sua maneira de o exprimir, o que não deixa de ser um dos aspectos importantes da peça de James Saunders.

CARLOS PORTO

Trinta anos depois

(Continuação da 5.ª página)

ga. A personagem de Robert Jordan (Gary Cooper) «esquece-se» até de dizer porque andava ali, perto de La Granja, a dinamitar pontes, e as suas posições ideológicas, claramente expostas no romance, nem sequer ficam segredadas no filme. Ver *Por Quem os Sinos Dobram?* Mais valia exibir *La Guerre est finie* de Alain Resnais que sempre é mais próxima, que nos dá o tal tempo de diferença de que somos cúmplices contemporâneos.

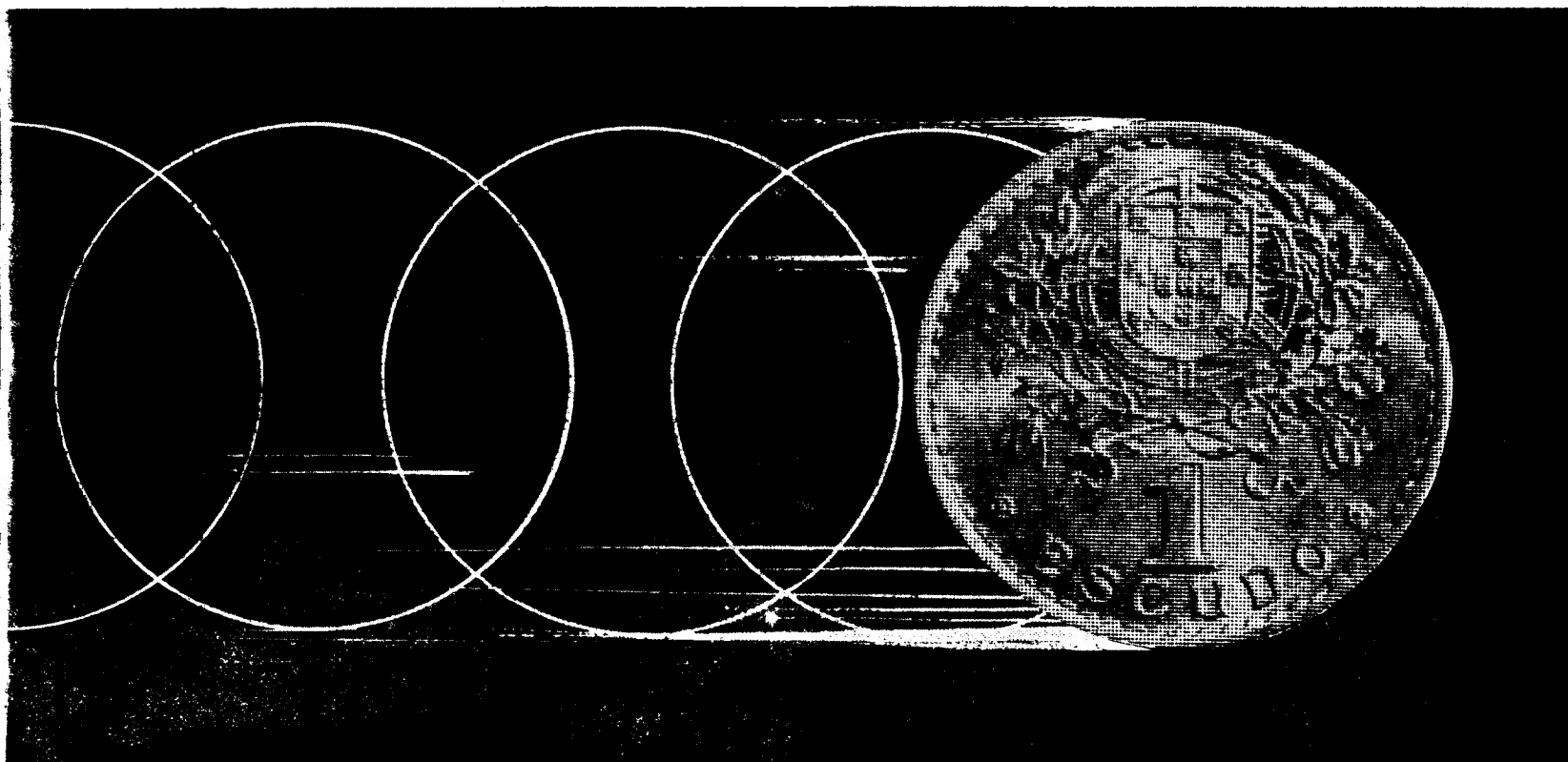
Haveria que romper o isolamento, como haveria que romper o silêncio. Haveria que relatar uma explosão e não fornecer postais ilustrados sobre uma realidade que, tratada daquela maneira, parece somente pitoresca, folclórica — logo, mentirosa.

Se os problemas não foram resolvidos, se a unidade interior não foi conseguida ainda, cremos que o filme de Wood já nada nos adianta hoje. Talvez ganhasse importância se, como *Mourir à Madrid*, tivesse uma dimensão histórica. Mas a película foi realizada muito perto de 1939. Tão perto e tão longe!

Muita gente ficará certamente decepcionada, muita gente que espera sempre algo melhor dum assunto que não deveria ser tratado com palhaçadas. Até porque isso tem ligações com a relação emocional que todo o homem tem em relação a Espanha. Ou melhor, como escreveu Pierre Vilar, no fim da sua *Histoire de L'Espanne*.

«... E, por fim, depois que o prelúdio do grande conflito se abriu no seu solo, a Espanha tornou-se um dos pontos sensíveis do Mundo: não há hoje um único homem que não se sinta um pouco solidário do seu destino».

JOSÉ VAZ PEREIRA



DINHEIRO EM MOVIMENTO É SINAL DE RENDIMENTO.

Dinamize as suas economias, contribuindo para o desenvolvimento económico e social do país.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano,

isento de impostos.

Segurança total.

Colocação eficaz do seu dinheiro.

Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:

LISBOA

Rua Braamcamp, 5

PORTO

Av. dos Aliados, 58-64



BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS



HUMBERTO BASTOS. Nome e obra desconhecida do grande público português e mesmo das classes intelectuais. Por norma, por qualquer motivo que se não pode aceitar, não se fala no escritor brasileiro, no economista, no filósofo, embora muito se diga, muito se fale sem nada dizer...

Como quase todos os brasileiros, Humberto Bastos é afável, sorridente, e para não fugir a um aspecto tão característico que caracteriza o verdadeiro Brasileiro, disse-nos: «...vamos ver... dá-se um jeito...»

A entrevista fez-se. Resta agora continuar para irmos sabendo o que se passa nesse emaranhado e confuso «país surrealista» — como já foi definido o Brasil...

— Como enquadra nas suas realidades específicas o problema e as situações actuais da Cultura Luso-Brasileira

— A evolução e aperfeiçoamento da cultura luso-brasileira são tão lógicos como o valém da maré. O grau de intensidade é que, a meu ver, está condicionado à integração dos intelectuais aos problemas nacionais. Por seu lado, essa integração e sua força emotiva criadora dependem da liberdade que for assegurada. Globalmente a imensa área coberta pelo Brasil, Portugal e Ultramar, alimentada pelos seus índices demográficos (no Brasil a taxa de crescimento populacional é de quase 3% ao ano) é de amplas perspectivas económicas. Além disso, a riqueza dos motivos (antropológicos, sociais, folclóricos, artísticos, etc.) é imensurável. E quase inédita. As realidades específicas da cultura luso-brasileira se resumem na decisão dos governos em incentivar, sem intervir arbitrariamente, no potencial de inteligência disponível nos dois países, a fim de que a ciência, a literatura, as artes, em resumo, possam conquistar e absorver trabalhadores menos inibidos na utilização de técnicas modernas, sem perder de vista as tradições e a integridade nacionais. A meu ver — e para falar como escritor profissional — as actuais situações do intercâmbio cultural luso-brasileiro são criadas pelo timido esquema de acção em que se encontra esse intercâmbio. Nesse sector ainda não vencemos (e em outros também) a barreira do subdesenvolvimento. Não se verificou o nosso take-off.

— Um dos factores marcantes do intercâmbio entre Brasil e Portugal quase de uma situação quase económica é preenchido pela exportação maciça do livro brasileiro para Portugal. O contrário desta situação é a exportação do livro português para o Brasil... Porquê esta disparidade?

— Acho a pergunta muito ampla. Na classificação «livro brasileiro» e «livro português» considero indispensável destacar (válido para os dois países) a obra de autor nacional e impressa em oficinas nacionais da obra traduzida. Relativamente ao primeiro caso (autor e mão-de-obra nacionais), o autêntico livro português, portanto, ainda

tem escassa penetração no Brasil. Exceptuam-se, naturalmente, alguns no terreno da literatura: João Gaspar Simões, que fez grande sucesso com «Eça de Queiroz, o Homem e a Obra», livro que se tornou clássico; Fernando Pessoa, Miguel Torga, Ferreira de Castro, José Régio, foram outros que ganharam público. Isto sem falar no presente Eça de Queiroz, que tem sido lido no Brasil por sucessivas gerações — sempre actual. Nessa área existe uma grande desfasagem entre o gosto do leitor brasileiro, suas tendências, sua evolução, e a literatura portuguesa, principalmente a novelística. Acredito que se encontre aí a principal dificuldade. Quanto ao livro traduzido, trata-se de manobra de editores, de especulação comercial, assunto a ser tratado entre eles, que se entendem...

— Os leitores do «livro brasileiro» queixam-se, na sua grande maioria, pela inacessibilidade dos preços.

Para si, qual a política a aplicar que pudessem normalizar esta situação?

— Quanto ao preço do livro brasileiro (autor e mão-de-obra nacionais) acho que o Governo do meu país e os editores deveriam torná-lo mais acessível, através de uma taxa de desconto para exportação. Os editores luso-brasileiros ainda não se aperceberam integralmente de que o livro é uma mercadoria que precisa de propaganda e condições de venda como a geladeira e o creme de barbear. É necessário captar o comprador, ir buscá-lo em casa, como faz o fabricante ou distribuidor do desodorizante ou da máquina de lavar roupa.

E isto com maior persistência, porque o livro ainda não é considerado género de primeira necessidade, quando, na realidade, o é. Tenho observado

que as firmas editoriais fazem mais propaganda de autores estrangeiros (autores já feitos pela diabolica e poderosa máquina de publicidade internacional) do que dos nacionais. Observa-se o fenómeno desse intragável Henry Miller, monótono e repetitivo cultor da obscenidade e do erotismo. Tem sido um produto da publicidade. Os editores parecem ter vergonha de promover os autores nacionais. Poder-se-ia tentar uma experiência com editores e agentes literários no sentido de que, para cada cinco livros estrangeiros traduzidos, fosse, também, traduzido, pelo menos, um de autor português ou brasileiro.

— Fala-se na necessidade de traduzir o «Livro Brasileiro» em Portugal. Por outro lado, Celso Cunha (*) e outros intelectuais brasileiros continuam a levantar problemas sobre esta mesma situação realista. Como escritor brasileiro, gostaríamos que se pronunciasse.

— Quanto ao problema-idioma, acho essa discussão puramente académica e, possivelmente, escorregando para o ridículo. Se o leitor português tem receptividade e capacidade para entender a linguagem escrita no Brasil, a reciprocidade é verdadeira. O problema não é de língua e, sim, de temática. Erico Veríssimo é tão lido aqui como Ferreira de Castro no Brasil. No entanto, Eça de Queiroz é muitíssimo mais lido no Brasil do que Machado de Assis em Portugal...

— Conhecemos algumas obras suas sobre temas económicos; entretanto lemos o seu recente livro: «O Golpe». Quais as causas que o levaram a escrever este romance?

— Escrevi o romance «O Golpe» por três motivos: 1.º) a necessidade que a gente tem, por vezes, de apresentar uma mensagem qualquer; 2.º) uma certa decepção das estatísticas que não me davam material autêntico para interpretações económicas da realidade brasileira; 3.º) um compromisso íntimo de tentar fazer o romance urbano no Brasil dentro de nova temática, ou seja, a dinâmica dos negócios e negociações, os bastidores da sociedade, o underground da actividade política. Quis fugir do pitoresco e do socialismo rural, do regional, do paisagístico, da exploração do ridículo e da miséria dos pobres, envolvidos em romantismo poético. Mergulhei nos ricos, nas suas fraquezas, nas qualidades negativas e positivas de suas vidas. É romance da Metrópole, da burocracia, do cassino, dos gabinetes ministeriais, das alcovas perfumadas, dos golpes financeiros e políticos. Isto é «O Golpe»: outra face romanesca do Brasil.

— Para finalizar: como sente e interpreta a cha-

mada «nova realidade brasileira» no domínio da Literatura? Como escritor, pensa publicar mais obras?

— Acho que a literatura brasileira terá de reflectir (e isto é uma fatalidade) a revolução que se processa no Brasil e, principalmente, o seu tumultuado estado de transição de país agrícola para país industrializado. A descolagem (no Brasil se escreve descolagem) para o desenvolvimento tem sido longa e dolorosa. E a mocidade (cerca de 50% da população total do país) está participando e vivendo os dra-

mas, tragédias e comédias deste estágio. Todavia, o teatro está mais avançado do que o romance.

Meu plano de trabalho de romance urbano compreende mais quatro livros. Dois estão concluídos, e se chamam «O Sexo Omisso» e, possivelmente, «História de muitas Marias», que é o problema da adolescente, na sociedade e em casa.

(*) Língua Portuguesa e Realidade Brasileira, Celso Cunha; Edit. Tempo Brasileiro — Brasil.

«O GOLPE»: outra face romanesca do Brasil

Entrevista com Humberto Bastos
conduzida por José de Azevedo

O	P	M
T	O	O
E	e	P
M	O	O

quando o que
há não chega
a sua revista
veja nas livrarias

Bibliografia

ESTUDOS HISTÓRICOS: Açúcar & Algodão, 1938; A Marcha do Capitalismo no Brasil, 1944; Rui Barbosa Revolucionário, 1960; Rui Barbosa, Ministro da Independência Económica, 1949 (1.ª edição) e 1950 2.ª edição; O Pensamento Industrial no Brasil, 1.ª e 2.ª edições em 1952; ABC dos Transportes, 1955; A Conquista Siderúrgica no Brasil, 1.ª e 2.ª edição em 1960; Experiência ou Imprevidência, 1960. ESTUDOS SOCIOLÓGICOS: Terra & Cifra, 1940; O Dia do Município, 1939; Processo Técnico e Padrão de Vida, 1944; Xenofobismo, Doença Infantil do Nacionalismo, 1959; Reformas e Revolução, 1964; Populização da Cultura Económica, 1964. ESTUDOS ECONÓMICOS: Produção ou Pauperismo, 1946; Áreas Económicas do Brasil, 1946; Economia Nordeste, 1946; A Economia Brasileira e o Mundo Moderno, 1948; A Conferência Internacional do Comércio, 1948; Posição Económica do Brasil, 1949; A Economia Brasileira, 1951; A Crise Comercial, 1953; Estrutura do Comércio Exterior, 1953; Aspectos Económicos do Nordeste, 1953; Política Comercial, 1954; Intercâmbio Internacional, 1955; Intervenção do Estado na Economia, 1955; País de Bolsos Vazios, 1955; Dois Aspectos Económicos: Minérios e Reforma Bancária, 1956; O Fantasma da Infracção, 1958; Para Onde Vamos?, 1963; Desenvolvimento ou Escravidão, 1964. ROMANCES: O Golpe. A publicar: Sexo Omisso e História de Muitas Marias.

DOIS HOMENS
RAYMOND * DANIEL
UMA MULHER
REBECCA
UMA MOTOCICLETA
O ROMANCE MAIS PERFEITO E PERTURBANTE DE ANDRÉ PIEYRE DE MANDIARGUES
A MOTOCICLETA
COL CONTEMPORÂNEA
PORTUGÁLIA EDITORA